Utopia

Revista Anarquista de Cultura e Intervenção

Nº 25
Janeiro – Junho 2008
5,00 €uros
(isento de IVA)

Director
Mário Rui Pinto

Colectivo Editorial
Carlos António Nuno, Guadalupe Subtil, Ilídio Santos, J. M. Carvalho Ferreira, José Janela, José Quintal, Manuel Almeida e Sousa, Mário Rui Pinto, Mónica Fraga.

Colaboradores
Alicia Zarate, Antoni Castells, Armando Veiga, Arno Gruen, Attila Toukkour, Carlos Díaz, Claire Auzias, Christian Ferrer, Edson Passetti, Elisiário Lapa, Francisco Madrid, João Meirinhos, José Maria Quadros, José Tavares, Lia Chaia, Luciano Lanza, Luís Chambel, Maria Oly Pey, Mimmo Pucciarelli, Pietro Ferrua, Quim Sirera, Roberto Freire.

Capa
José Tavares
"Estádio e Atletas Olímpicos"

Contracapa
Roberto Freire (1927 – 2008)

Arranjo Gráfico
Gráfica 2000

Propriedade
Associação Cultural A Vida
Rua Sociedade Cruz Quebradense, Lote F – 2.º Esq.
Cruz Quebrada

Publicação Semestral
Registada no Ministério da Justiça com o nº 118640
NIPC da ACAV: 503347469

Tiragem
500 exemplares

Impressão
Gráfica 2000 – Cruz Quebrada

Redacção e Assinaturas
Apartado 2537 – 1113
Lisboa Codex – Portugal

E-mail: CulturalAVida@sapo.pt
Web site: http://www.utopia.pt

Sumário

editorial

O desporto tem vindo a ocupar um lugar preponderante no âmbito da sociedade do espectáculo em que vivemos. A transformação de uma actividade sadia, social e necessária ao desenvolvimento harmonioso do corpo humano numa indústria que movimenta biliões, dirigida por grandes organizações que se auto-governam, verdadeiros estados dentro de estados, originou uma deturpação perversa da mentalidade desportiva, não só de quem pratica como de quem se limita a assistir. O desporto chamado de alta-competição, para além de provocar o exacerbamento primário e fascizante de nacionalismos e clubites, tem-se transformado num paraíso para actividades ilegais, que vão desde a manipulação e consumo de substâncias dopantes até lavagem de dinheiro e corrupção.

Desde há alguns anos que o desporto em geral, mas principalmente algumas modalidades como o futebol na Europa ou o basket nos EUA, se transformou num grande negócio gerido como qualquer outro grande negócio na esfera do capitalismo: há produtos que se vendem e trocam (jogadores), empresários, direitos, publicidade, etc. E foi objecto precisamente do mesmo processo de socialização e globalização que outros produtos e marcas sofreram pela acção da televisão e outros *media*. Os jogadores mais "mediáticos" tornaram-se marcas globais, à semelhança de qualquer produto alimentar ou bem de consumo corrente. E como qualquer empresa global também os seus rendimentos subiram exponencialmente. Mesmo considerando que o período de "vida útil" laboral dos desportistas é manifestamente mais curto que o de outras profissões, é

chocante saber-se quanto recebem, entre salários e direitos de publicidade e de imagem. No entanto, aparentemente ninguém se preocupa com isso, nem mesmo os que sofrem de fome ou estão desempregados, mas que alienadamente não perdem um jogo dos seus ídolos e sabem tudo sobre as suas vidas. O desporto tornou-se o novo ópio do povo, divulgado e banalizado pelos *media* sempre atentos à busca incessante de novos ídolos para vender e à necessidade de espectáculo na sociedade actual atomizada e inibidora do convívio colectivo.

E que dizer dos "Jogos Olímpicos" que se aproximam? A colaboração efectiva da máquina olímpica com estados totalitários não é de agora. Alemanha em 1936, Moscovo em 1980, Seul em 1988 e agora Pequim, capital de um país onde proliferam os mais elementares atentados à liberdade individual. A repressão da máquina estatal chinesa atinge todo o tipo de cidadãos: ciber-dissidentes; defensores dos Direitos do Homem; sindicalistas não alinhados com as estruturas do partido; trabalhadores que ousam fazer greve ou revoltar-se contra as directivas do governo; praticantes de Falun Gong; advogados de cidadãos desprotegidos; pedintes e pequena criminalidade, etc. As desigualdades sociais aumentam num país assolado por uma acumulação capitalista selvagem e por uma taxa de crescimento económica desumana e prejudicial ao planeta, porque feita à custa de uma política de desperdício e de utilização intensiva de recursos. A visão expansionista do estado chinês leva-o a apoiar regimes corruptos e tirânicos como Angola, Myanmar (Birmânia), Sudão e Coreia do Norte. Por trás do teatro de sombras chinês do "maior espectáculo do mundo", encenado pela máquina mafiosa do olimpismo, pelos *media*, pelas grandes multinacionais, pelos especialistas do nacionalismo vibrante, esconde-se a opressão, a ausência completa de liberdade individual ou colectiva, a repressão policial, moral e social, a exploração força-

da de mão-de-obra barata, as execuções, o expansionismo e o militarismo.

Mais preocupados com questões "políticas", não tem sido tradição entre os anarquistas a reflexão teórica e aprofundada sobre a temática desportiva. Aliás, numa consulta à imprensa operária da 1ª República em Portugal, por exemplo, é fácil de constatar que as preocupações dominantes incidiam, sobretudo, com a ida do operário à taberna, à igreja ou ao bordel do que propriamente ao estádio. É óbvio que a alienação desportiva da época não tinha comparação com a realidade actual, mas esta tradição de não preocupação com este tema tem-se mantido ao longo dos anos. Um pouco devido a isto, mas sobretudo porque estamos a atravessar um desses períodos de euforia "desportiva" e nacionalista, iniciada com a fase final do euro de futebol e que se prolonga com os famigerados "jogos olímpicos", a revista Utopia decidiu dedicar o seu habitual dossier a este tema.

Aparentemente, o capitalismo atravessa mais uma das suas famosas crises. O preço do petróleo aumenta e, com ele, dispararam os preços de bens alimentares essenciais, de matérias-primas e da energia. Paralelamente, a bolha especulativa do sector imobiliário rebentou e com ela rebentou uma crise financeira de que não se conhece o fim e que começa a ter repercussões na economia real. De tudo isto, o mais grave para nós é, indiscutivelmente, o aumento dos preços dos produtos alimentares que, na União Europeia, já é o maior contributo para o aumento da inflação. E se as repercussões nas condições de vida dos europeus ricos se avizinham graves, como será nos outros continentes onde a fome e a miséria já imperam? O modo de produção capitalista, que conseguiu criar tecnologia suficientemente poderosa para destruir um planeta duas vezes e meia maior que a Terra, não "consegue" eliminar a fome da sociedade. A quem interessa esta situação?

Umas linhas para salientar alguns acontecimentos que marcaram a actividade libertária nestes últimos meses. A nível interno, as manifestações do 25 de Abril e do 1º Maio deram aos anarquistas algum protagonismo mediático, embora como é hábito nem sempre com as melhores intenções. A desonestidade intelectual e a falta de preparação e de interesse da classe jornalística portuguesa é um problema antigo… A Feira do Livro Anarquista de Lisboa também motivou e mobilizou largas centenas de participantes que por lá passaram. Lá fora, salienta-se outra feira, o Salon du Livre Libertaire de Paris, obviamente com outra dimensão: três dezenas de editoras militantes ou alternativas, milhares de visitantes, debates, Rádio Libertaire em emissão directa. Um pouco por todo o lado, mas sobretudo em Paris, comemorações e edições relativas ao 40º aniversário da data mítica de Maio 68 provam que o capitalismo também sabe vender revoluções e que esta sociedade é mesmo uma "sociedade do espectáculo". A Utopia não fugiu a esta euforia e apresentam-se neste número alguns artigos sobre o Maio 68, nomeadamente um artigo inédito sobre os acontecimentos vividos no Instituto Superior Técnico de Lisboa.

Como contraponto à alienação do espectáculo e do desporto, uma palavra final para o desaparecimento, em finais de Maio, de Roberto Freire. Homem multifacetado, deixou o seu nome ligado à cultura brasileira e à psicanálise. Discípulo de Reich, criador da Somaterapia, foi também escritor, dramaturgo e jornalista, fez cinema e televisão, de tudo um pouco. Colaborador da Utopia desde a primeira hora, é nossa intenção dedicar-lhe o próximo número da revista com a inclusão de um dossier precisamente sobre Somaterapia: uma terapia anarquista. Roberto Freire, até sempre.

George Grosz, 1920

avesso do avesso

Quando a intolerância ultrapassa tudo e todos...

Trabalhar, hoje, onde quer que seja é crescentemente uma ocupação de risco, tanto para trabalhadores nacionais como para trabalhadores estrangeiros, para "legais" e para "ilegais". Procurar trabalho torna-se cada vez mais uma fuga para trás em vez de para a frente. Já não bastava todos se encararem como adversários e inimigos a abater nos locais de trabalho, onde a selvajaria e a arrogância predominam, para também estes sentimentos agressivos, violentos e não solidários chegarem aos cidadãos que, existindo perto de nós, os queremos bem longe, com receio que nos retirem o que já tínhamos como adquirido. O sítio onde nascemos pensamos que nos pertence. O cantinho que ocupamos seja ele onde for – casa, trabalho, lazer – constitui um território com marca personalizada e só acessível a quem bem queremos e entendemos. Se a concorrência se instala para nesse lugar poder caber mais gente, ai, ai, que "já nos estão a lixar a vida". Esta parece ser a máxima de todos em todos os lugares, esquecendo que todos somos seres humanos onde quer que nos instalemos. Já não é apenas a cor que tanto incomoda tanta gente, passando antes a ser o número dos que nos rodeiam, número que pertence ou não ao grupo inicialmente formado pelos "nossos". Tudo o que nos é "ESTRANHO É PARA ABATER OU ESCORRAÇAR". E é esse número, dos que não pertencem aos grupos em que estamos inseridos, que hoje e agora mais sofre as consequências do egoísmo, do desespero, da raiva de tantos que, não conseguindo chegar onde pensavam, rapidamente, atribuem a "culpa" aos estranhos/conhecidos mais perto de si. PORCOS, SABUJOS, INUMANOS, sei lá o que chamar a todos os que infestam o seu território demarcado com cheiro a sangue do seu semelhante, com cheiro a podre, com cheiro a carne queimada pelo prazer de intenções concretizadas com atitudes prepotentes e autoritárias.

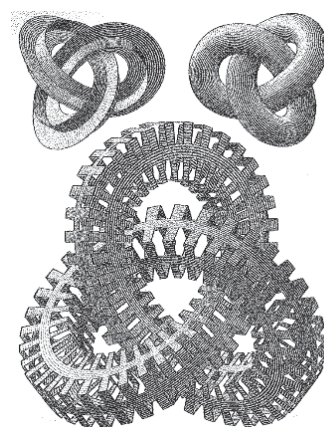
... e, mais grave, quando essa intolerância é fomentada e aumentada pelos que se pensam poderosos

O cheiro a podre e a xenófobos torna-se cada vez mais nauseabundo, infestante em todo o lado, senão reparem-se nas intenções de Sarkozy, próximo presidente da União Europeia no segundo semestre de 2008, de criar uma EUROPA FORTALEZA para impedir a entrada de mais imigrantes. Tem graça o objectivo deste senhor para a presidência europeia, não acham? Porque será que se esquece que descende de húngaros e que a senhora com quem vive é italiana? Nada temos a opor, antes pelo contrário, a convivências multiraciais, mas somos totalmente contra ESTA CORRENTE DOS MULTIRACIAIS POR UMA EUROPA UNIRACIAL: A EUROPA DOS EUROPEUS. Quem se pensam eles? Donos de que território e de que raça? Qual a legitimidade de um tal objectivo? Quem pode assim excluir os seus semelhantes, quando eles por ninguém foram excluídos? Será que este senhor se pensa dono de todos os territórios e seres que neles habitam e que pretensamente pensa representar durante seis meses? Não acham esta intenção escabrosa? Esta intenção de criar uma força especial para farejar quem "entra" sem ser convidado? Não lhes chega a INTERPOL? Não lhes chega as leis do espaço SCHENGEN? Que querem mais? É bom que temam perder o que pensam ter como adquirido. Apelam à uniraça quando descendem de multiraças. Qual a coerência dos seus discursos e teorias falaciosas? NENHUMA. Só por isto antecipamos o dia da invasão da EUROPA FORTALEZA por todos os que virão de todos os lados para conhecer o PARAÍSO que lhes é cantado e que verão, depois, que tão pouco paradisíaco é afinal.

Mas os milhões do futebol aí estão. Para a maioria, ainda bem, pois dá para esquecer!

Estamos fartos desta linguagem e propaganda futebolística, assim como da propaganda milionária que ela arrasta consigo, sejam os biliões que prometem a jogadores, treinadores e seleccionadores, sejam as viagens prometidas à Suíça (não se percebe bem em troca de quê) para ir ver um jogo qualquer, seja o que nos querem impingir sobre este acontecimento e que temos de pagar compulsivamente, nem que seja algo impresso numas cuecas, ou num saco que vende o pão, ou noutra coisa qualquer. QUANTA FARTURA PROPAGANDÍSTICA por um acontecimento tão comezinho como jogos de futebol por meninos milionários. E porque não interessam outros desportos? Porque só EUROS e que tais é que conseguem fazer esquecer a xenofobia visível da África do Sul e a invisível do Sarkozy, esquecer as vítimas de catástrofes como as da China e da Birmânia, esquecer a miséria do Darfur e as negociatas dos “criminosos” de Angola. Enfim, o que permite esquecer! TUDO PÁRA POR CAUSA DO EURO. Que mundo aberrante este onde tudo o que atrai as pessoas é a massificação e a adesão massiva ao mais fácil, ao FAST TUDO, ao apetite guloso de tudo o que proporcione CCC’s = CADEIRAS (vulgo sofás); CERVEJAS (e afins) e COLADOS aos écrans. Não que os humanos não precisem de paliativos para se esquecerem de si e das suas míseras vidas! Sim, sim, precisam e muito e há que providenciar-lhes a FAST ALIENATION, pensarão os “poderosos” (ou pelo menos os que pensam que podem, querem e mandam). Há que empolar cada vez mais organizações de EUROS, Jogos Olímpicos, Mundiais disto e daquilo, etc. Enfim, *entertainements* que se sabem ser contagiantes e afugentadoras de quotidianos reais compostos de existências egoístas, individualistas e anti-solidárias. PRAZER INSTANTÂNEO EM TODOS OS INSTANTES DAS SUAS VIDAS é agora a máxima globalizada, mundializada e rentabilizada. Resta saber até quando!

... com tanto FAST NIENT faz sentido criar a figura do super-polícia neste solo pátrio?

Claro que faz! A paz podre convém ser mantida. A ordem é um bem a preservar e manter, já que existem muitos desempregados ou pessoas que não sabendo fazer nada servem perfeitamente para manter a ordem. Considerou-se que as polícias existentes ainda não eram suficientes (PSP, GNR, Polícias Municipais, Autoridades disto e daquilo como a ASAE's, Fiscais disto e daquilo, Inspectores, Exército, etc...). Não. Faltava qualquer outra coisa mais pomposa, mais assustadora, para que a ordem não vire desordem. Criou-se, então, a figura do super polícia. É este que detém agora nas mãos o poder de prender ou não, de incriminar ou não, de decidir pelas outras polícias. Este passará a mandar em tudo, nos polícias e em todos os que andam na rua claro! Será que passará a mandar nos governantes? Aí já duvidamos porque foram eles que o criaram e nomearam, logo, será para impor as regras deles. Criar uma figura legal de alguém para mandar em quem manda e não só não vos parece algo de surreal? Algo com mau cheiro? Mas esta figura de super polícia já existe desde há dias por decreto. A ver vamos no que vai dar.

O OUTONO QUENTE NO IST EM 1968:

emergência, *links* espacio - temporais e uma interrogação final

HENRIQUE GARCIA PEREIRA
(http://cerena.ist.utl.pt/hgp)

Ao Zé Eduardo, ex-estudante do Técnico (e de Medicina),
que chegou a velho (e a morrer) *sans être adulte*

Ao voltar ao Técnico em Outubro de 1968, após ter 'obedecido' (com aceso júbilo) à *consigne* da Fig. 1, encontrava-me totalmente imbuído do **espírito de Maio** – esse ânimo que punha em prática a tal indefinível **beleza compulsiva** anunciada por Breton (e que se espalhava pelo Planeta, nas cintilantes insurreições da juventude contra – uma qualquer – autoridade).

N'allez pas
en Grèce cet été, restez à la Sorbonne

Fig. 1 – *Na Sorbonne, férias radicais*

Nesse Outono Quente, senti-me pela primeira vez um **Cidadão do Mundo**, integrado numa rede de revolta que passara (abrasadoramente) por Paris, mas que ia do México ao Japão, da Amerika às Burocracias de Leste, da Alemanha à Itália e à Holanda (*vd.* Fig. 2). Esse sentimento de pertença a um movimento informal anti-hierárquico e heterodoxo baseado numa **cultura de juventude** (amplamente

documentada nas paredes do Quartier Latin, *vd.* Fig. 3) extinguiu o dilema com que me confrontava nesse tempo: por um lado, a 'vidinha' (como dizia o O'Neill) que o miserável establishment me oferecia a curto prazo, e por outro, o (eterno e doloroso) compasso de espera a que o não menos miserável contra-establishment messiânico me condenava, pela renúncia ao **presente**.

Mas era o **presente** que queria viver, numa vida construída por mim segundo o slogan lançado por Maio aos quatro ventos (*vd.* Fig. 4), exaltando uma subjectividade autónoma, pluralista e libertária que retomava a ideia de Rimbaud: *changer la vie*.

Fig. 4 – *Um graffiti de Maio de 68*

Fig. 2 – *A imprensa da época e as revoltas do final dos anos 60*

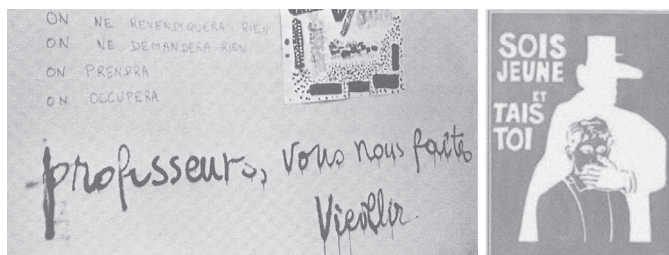



Fig. 3 – *Os jovens entram em cena*

Todavia, a *juissance* que estava na raiz dessa **revolução do desejo** encontrava-se, em Portugal, fortemente limitada por um ascético regime autoritário feito só de tempos mortos, que apelava ao sacrifício e à renúncia de todos os prazeres (em consonância, aliás, com os partidos ditos de esquerda, que chegavam a telecomandar *top-down* a vida 'sentimental' dos militantes e simpatizantes). No entanto, a Associação do Técnico – ponto de refúgio das mais variegadas gentes vindas de todos os quadrantes[1] – era um 'zona franca', destacando-se (como a Ibiza nos tempos do *caudillo*) do mapa cinzento do País, à medida que se ia colorindo através de algumas atitudes radicais de um pequeno grupo de estudantes extremamente activo que aproveitava todas as ocasiões possíveis[2] para 'esticar a cor-

da', sempre no sentido de qualquer tipo de revolta contra a ordem estabelecida.

Durante o Outono Quente de 1968, a revolta contra todos os autoritarismos teve o seu epicentro no Técnico, que organiza na Cidade Universitária – através do Secretariado Coordenador de Informação e Propaganda (SCIP) – uma "contra-sessão de abertura das aulas" (em resposta à 'cerimónia solene', promovida pelo poder). Nos protestos pela morte em Caxias do estudante Daniel Teixeira (que resultaram em *manif* pelas imediações da Praça de Londres), e na organização da expedição massiva a Coimbra, para a "Tomada da Bastilha" (que culminou num comício com mais de dois mil participantes), também a AEIST teve papel de relevo, com o seu suporte logístico e capacidade de mobilização.

Fig. 5 – *O som que emanava da* ***Sonora***

Fig. 6 – *Luís Cília contra a Guerra Colonial*

Fig. 7 – *Convívio na AEIST, durante o Outono quente*

Nesse *hot spot* que era a AEIST, as canções de protesto que a **Cabine Sonora** difundia a todo o momento (combinando o Zeca com alguns registos do Maio francês, *vd*. Fig. 5, e abrindo para a resistência à guerra colonial com Luís Cília, *vd*. Fig. 6) criavam um ambiente festivo-revolucionário que tinha o seu clímax nos **Convívios** (*vd*. Fig. 7), onde os jovens conviviam com uma cultura 'diferente' (que se demarcava claramente da velha hegemonia do tipo 'neo-realista'), exprimindo uma atitude comportamental nova (que se pode talvez encadear com algum desenvolvimento económico das zonas urbanas[3]).

A nova atitude comportamental que emergiu nessa **metáfora topológica** instalada na AEIST tinha obviamente uma com-

ponente ligada ao tema do **género**. Pela primeira vez, na imprensa estudantil, surgem questões como a emancipação da mulher, o problema do aborto, a repressão sexual (*vd.* Fig. 8). E estas questões 'teóricas' tiveram a sua expressão prática no Técnico a 4 de Dezembro de 1968, com a ocupação da Sala das Alunas (onde o outro género estava proibido de entrar), na linha do que acontecera em Nanterre com a 'invasão' dos dormitórios femininos pelo Movimento 22 de Março, uma **acção exemplar** que teve uma importância não despicienda no *déclanchement* dos 'acontecimentos' que animaram os meses seguintes, conferindo-lhes aliás uma dimensão inédita no que diz respeito à 'taxa de feminilidade' dos *enragés* (*vd.* Fig. 9).

Em Portugal, a revolta contra a discriminação sexual não desencadeou um feedback positivo como em França, mas antes uma feroz repressão: a Associação foi assaltada pela PIDE a 7 de Dezembro, e o Técnico encerrado até Janeiro. Na nota oficiosa do dia seguinte (*vd.* Fig. 10), são 'explicadas' detalhadamente (em 3 colunas de um 'tablóide' da época) as razões que levaram ao encerramento do IST (entre as quais são inflexivelmente realçadas todas as que se relacionam com "a infiltração de agitadores que arrombaram as instalações privativas das alunas").

Apesar deste 'amargo desfecho', o Outono Quente de 1968 ficou para sempre na minha memória como o período com maior densidade de 'aventuras' pregnantes de futuro. E se nunca poderei esquecer o Boulevard Saint-Germain dominado pelo verbo (re-

Analisando este caso concreto, aparece-nos o problema do ABORTO. Neste tipo de sociedade repressiva, o ABORTO não é permitido legalmente porque toda a sociedade está apoiada no CASAMENTO-INSTITUIÇAO, cuja finalidade básica é a REPRODUÇAO, sem a qual não é justificável. A partir deste CASAMENTO-INSTITUIÇAO surge a FAMILIA AUTORITARIA, que é a célula base da sociedade capitalista onde vivemos, e que tem a sua justificação, dentro da lógica do sistema, na transmissão de pais para filhos da ideologia da classe dominante

ORGANIZA GRUPOS DE DISCUSSAO DE RAPAZES-RAPARIGAS SOBRE A SITUAÇÃO DA MULHER NA UNIVERSIDADE; SOBRE A REPRESSÃO SEXUAL A QUE ESTAMOS SUBMETIDOS NÓS, OS JOVENS.
ENVIA-NOS AS CONCLUSOES DO TEU GRUPO, PARA QUE ESSA EXPERIÊNCIA POSSA SER LEVADA E ALARGADA A OUTROS JOVENS

ORGANIZA-TE NA CRÍTICA COLECTIVA.

Fig. 8 – *Extractos do Binómio 35 referentes ao tema do* ***Género***

Fig. 9 – *Em Paris, as mulheres tomam a palavra em Maio de 68*

NOTA OFICIOSA

Encerrado o Instituto Superior Técnico

Do Ministério da Educação Nacional recebemos a seguinte nota oficiosa:

Desde o início do corrente ano lectivo, e em rigorosa conformidade com o plano que já é do conhecimento das autoridades, tem-se verificado a infiltração de um grupo de agitadores nas associações estudantis da Universidade Técnica de Lisboa, com o propó-
neros alimentícios para dentro das escolas, num manifesto ensaio de futuros manejos da mesma natureza.

Na mesma data verificou-se o arrombamento das portas de acesso às instalações privativas das alunas, por se ter entendido que tais instalações, de que fazem parte os serviços sanitários, representam «Discriminação sexual».

Fig. 10 – *Nota oficiosa de 8 de Dezembro de 1968*

pleto de gente a **falar** sobre tudo, mas em especial sobre a **vida como ela poderia ser,** *vd.* Fig. 11**)**, também o Técnico fervilhante de uns meses depois constituiu um inolvidável *turning point* que inaugurou a época do **cognitariado**[4] desejante, ligado à 'esquerda festiva' a que me orgulho de pertencer.

Fig. 11 – *No rescaldo de Maio de 68, a* multitude *que queria mudar a vida*

Aliás, essa 'esquerda festiva' (epíteto depreciativo com que a esquerda convencional nos brindava) entrou facilmente em empatia, através da **boémia**[5], com uma desencantada (e desamparada) estirpe de ante-*babyboomers* constituída por artistas ex-frequentadores do Gelo (e por outros marginais, designados por **Bêbados da Baixa**). Este agregado heteróclito de revoltados sem partido (de que se apresentam dois exemplos na Fig. 12) encontrou na nossa juventude a 'prova' de que a **ideia** não estava morta, e que a 'travessia do deserto' tinha terminado (depois de alguns momentos de fulgor, associados também ao Técnico, mas quase uma década antes, *vd.* Fig.13).

A **noite** era o *locus* de intensas libações (no Bolero, no Ritz, no Cantinho dos Artistas), temperadas por uma *juissance* sardónica feita de amarga ironia, e apoiadas numa estranha irmandade intelectual com a *pégre* (em analogia com algumas situações que os **Situacionistas** criavam, *vd.* Fig. 14).

Fig. 12 – *Auto-retrato do João Rodrigues e fotografia do Cabeça de Vaca*

Quanto à relação com o 'mundo do trabalho', a pendência era mais contingente,

41 | NA EXPOSIÇÃO ICONO-BIBLIOGRÁFICA DE ANTÓNIO MARIA LISBOA NA ASSOCIAÇÃO DOS ESTUDANTES DO I. S. T.

TEXTO DISTRIBUÍDO NA EXPOSIÇÃO

Neste século já surgiram em Portugal quatro movimentos literários que dirigiram ou ainda dirigem todas as actividades que têm em vista a arte e a literatura. Um deles é o Surrealismo. António Maria Lisboa, um dos seus poetas.

Através de «Erro Próprio», conferência-manifesto, «Ossóptico», «Isso Ontem Único», «A Verticalidade e A Chave», «O Senhor Cágado e O Menino», «Exercício Sobre o Sonho e A Vigília de Alfredo Jarry» e da folha volante, «Aviso A Tempo Por Causa do Tempo», surge-nos um dos poetas mais importantes de toda a poesia portuguesa.

Sem precedentes muito visíveis na panorâmica literária nacional obriga-nos a atravessar todas as fronteiras e a colocá-lo numa órbita onde estão, por exemplo: Rimbaud, Lautréamont, Jarry, Breton, Novalis, Dante, Sade, Nerval, Apollinaire, Blake, os Alquimistas, o Hegelianismo (?) para assim tentarmos ser exactos e definir António Maria Lisboa como um poeta que tem consigo a chave dum mundo próprio, no qual mergulhou até ao extremo das suas forças. Razão máxima que nos leva a concluir que dentro deste esvaziamento literário português contemporâneo, sem renovação nem génio, deste bicho informe e magricela que é o quotidiano livresco que reina entre nós, a figura sábia e agressiva de António Maria Lisboa, aparece-nos como sinalização dum recomeço, aviso estruturado para uma revisão de valores de toda a ordem, onde a Crítica é o sinal mais apetecido, e a Poesia, a fórmula solar desse sistema. Por ser assim, exaustivamente livre, toda a sua obra nos transmite a alegria e a ferocidade que há num acto amoroso. Daí a sua nobreza e magnificência. Daí o desprezo a que o tem lançado a Crítica oficiosa, muito mais interessada no envernizamento duns quantos mestres que repousam na paz conturbada das suas efígies, do que no poeta maluco que afinal disse, na companhia de bem pouca gente, o que ainda não tinha sido dito, inaugurando em Portugal uma banalidade que se chama no mundo Surrealismo.

Ao público presente pede-se que cumpra a ordem do carrasco da Tartária, antes de cegar a sua vítima com o alfange ao rubro — Abre bem os teus olhos. **Esse pequeno esforço não será em vão, verá ràpidamente que não assiste à passagem dum digno fantasma literário, mas que tomou contacto com um poeta cujas leis são tão implacáveis como as que se lhe opõem.**

Virgílio Martinho — Março 1961

Fig. 13 – *Os surrealistas no Técnico do início dos anos 60*

Fig. 14 – *Chez Moineau, 22 Rue du Four*

embora começassem a despontar algumas **pontes,** com a sua amarração centrada na **juventude**. Das 'greves selvagens' que começavam a surgir no final dos anos 60, tínhamos notícias difusas (dos conserveiros de Setúbal, dos pescadores de Matosinhos, dos estivadores do porto de Lisboa, dos operários da Standard Eléctrica), pressagiando algum confronto entre os velhos militantes do PC que esperavam as sempre adiadas 'condições objectivas' e os 'imaturos' rebeldes desenquadrados que queriam desafiar o poder, *hic et nunc*. Mas no caso das lutas da Carris de Julho de 1968, em que toda a gente dava largas à sua *Wanderlust* passeando ininterruptamente por Lisboa sem pagar bilhete[6] numa estranha **deriva** motorizada, lembro-me (com a ajuda do meu 'caderninho' da altura) da resposta de um jovem 'cobrador' a um senil motorista ("eu quero é que o partido vá levar no cu"), quando este se queixava da "falta de enquadramento" daquela greve *sui generis*. Surgiu nessa altura (com origem no Técnico) um *tract* assinado COMITÉS ESTUDANTES-OPERÁRIOS (*vd.* Fig. 15), pondo em evidência a "nova táctica" que rompia com os cânones tradicionais, e apoiando incondicionalmente a luta da Carris (a qual, denegrida pelas burocracias da 'oposição', foi de resto precursora de outras 'guerras' mais tardias em países mais 'civilizados, *vd.* Fig.16).

Na genealogia desta (ténue) ligação estudantes-operários estará sem dúvida o rude (e inesperado) contacto, de perto e *de viso*, com uma realidade social profundamente injusta, posta a nu pela campanha de solidariedade da Academia com as vítimas das inundações de Novembro de 1967. Poderá dizer-se que esta campanha marca um saliente ponto de viragem do 'movimento associativo' (passando de 'correia de transmissão' do PC para a autonomia pluralista que emergiu no Outono Quente de 1968), quando uma grande massa de estudantes –

CARRIS

DO MOVIMENTO GREVISTA

Contactando todos os dias com a greve da Carris, nas suas deslocações pela cidade, a população lisboeta descobriu (muitos pela primeira vez) que as greves são possíveis, que as greves resultam. Foi talvez essa a maior vitória dos trabalhadores em greve da Carris.

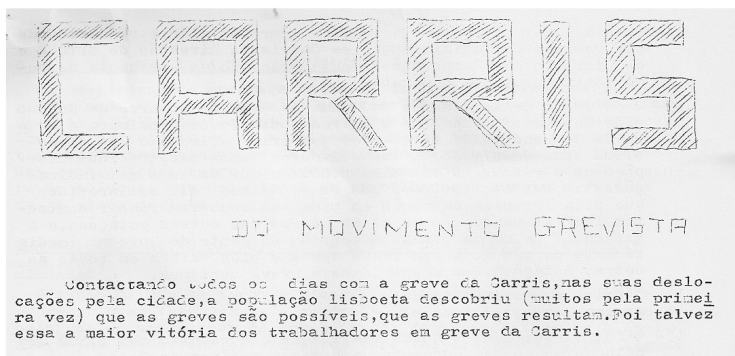



Fig. 15 – *Comunicado dos estudantes sobre a 'greve da mala'*

Fig. 16 – *Movimento pelos transportes gratuitos em 1976*

'desenquadrados' – deparou com as condições abomináveis em que se vivia na incipiente 'cintura industrial' de Lisboa, tomando consciência de que os efeitos daquela 'catástrofe natural' tinham uma raiz sócio-económica (já que no Estoril, por exemplo, não houve "estragos a lamentar", apesar da pluviosidade ter sido aí mais intensa). E, nesta campanha, o Técnico teve um papel crucial, como centro de *dispatching* da ajuda aos 'favelados' e como órgão difusor da miséria que grassava nas áreas afectadas pela tragédia (o boletim "Solidariedade Estudantil" – *vd.* Fig. 17 - era 'editado' nas instalações da AEIST pelo SCIP).

Mais tarde, em Novembro de 1969, e em contraste com a experiência que se vivera dois anos antes, surgiu entre os alunos de direita um – limitado – movimento elitista que pretendia realizar uma corrida de *karts* no Técnico. Na Fig. 18, scannizada a partir de um *tract* intitulado "Os boicotadores rompem o silêncio"[7], denuncia-se ironi-

Fig. 17 – *"Solidariedade Estudantil" nº 1, de 1967*

camente esta atitude, mostrando o IST como uma aldeia *à la* Asterix onde impera o automóvel como símbolo da tecnocracia, no meio de um país 'atrasado' (aquele que os "boicotadores" tinham visto durante a 'campanha das inundações').

Esta **acção exemplar** de boicote de uma aparentemente inócua 'realização desportiva' desencadeou uma (desproporcionada?) controvérsia no interior do 'mo-

Fig. 18 – *Portugal com a tecnocracia centrada no IST*

vimento associativo', suscitando alguma reflexão sobre o automóvel como veículo – literal – do espectáculo que começava a invadir o capitalismo (*vd.* Fig. 19).

Esta reflexão tinha as suas raízes em posições teóricas da Internacional Situacionista que vinham da década anterior (*vd.* Fig. 20) e em questões práticas que os

INTERNATIONALE SITUATIONNISTE

POSITIONS SITUATIONNISTES SUR LA CIRCULATION

1

Le défaut de tous les urbanistes est de considérer l'automobile individuelle (*et ses sous-produits, du type scooter*) essentiellement comme un moyen de transport. C'est essentiellement la principale matérialisation d'une conception du bonheur que le capitalisme développé tend à répandre dans l'ensemble de la société. L'automobile comme souverain bien d'une vie aliénée, et inséparablement comme produit essentiel du marché capitaliste, est au centre de la même propagande globale : on dit couramment, cette année, que la prospérité économique américaine va bientôt dépendre de la réussite du slogan : « Deux voitures par famille ».

2

Le temps de transport, comme l'a bien vu Le Corbusier, est un sur-travail *qui réduit d'autant la journée de vie dite libre.*

3

Il nous faut passer de la circulation comme supplément du travail, à la circulation comme plaisir.

Fig. 20 – *Na Revista da IS nº 3, de Dezembro de 1959, a teoria da circulação lúdica segundo Guy Debord*

Para quê o automóvel ?

Quando da questão da Gincana, recebeu o BINÓMIO este texto sobre o assunto. Foi-nos, na altura, impossível publicá-lo. Embora a questão já esteja encerrada, ele mantém uma actualidade (na linha de Cascais as perturbações no trânsito e as reivindicações dos utentes, o projectado aumento de tarifas da Carris e a expansão do Metro ...) e um interesse polémico que nos leva a publicá-lo. Ele não procura esgotar ou encerrar a problemática dos transportes — individuais e colectivos, urbanos, suburbanos, inter-urbanos, de pessoas e de coisas — mas sim salientar alguns aspectos, formular algumas interrogações. Dele poderemos partir para a indústria dos automóveis e dos combustíveis e para a análise das leis que regem o seu desenvolvimento. Optimo para o início de uma discussão...

I - O SUPÉRFLUO E O PRIMÁRIO

1. O automóvel é um objecto que se compra e que se vende. uma mercadoria.

Os automóveis podem ter várias utilidades e são comprados or diversas razões. Para uns é um elemento imprescindível, por ve-es mesmo um ganha-pão. Para outros é apenas uma forma insubsti-ível para não enfrentarem os transportes urbanos. Uns automóveis ervem apenas como veículo de transporte, outros são ainda um sím-olo de promoção social.

Mas todos têm em comum o serem uma mercadoria. A sua com-ra e venda obedece assim a um certo número de regras, que são co-uns a toda a compra e venda de mercadorias. Para exemplificar es-as regras tomaremos o exemplo do mercado português.

II - SEJA FELIZ CONSUMINDO

4. Mas algumas coisas ficam por explicar. Satisfeitas as necessidades, imediatas de subsistência (e às vezes até nem isso) há uma certa margem de escolha nas coisas a comprar. Existem alguns elementos que condicionam essa escolha. O mais importante é a publicidade das empresas.

A publicidade de um produto faz com que esse produto se venda mais. As empresas pagam a especialistas que digam que os seus produtos são os melhores do género. Assim vendem mais e têm mais lucros. A publicidade é uma necessidade da concorrência que existe entre as empresas.

5. Para que se venda mais um produto a publicidade ajuda a criar nas pessoas a necessidade de o comprar. Estabelece quase uma ordem de valores.

Fig. 19 – *No Binómio 39 (Janeiro de 1970), começa a pôr-se em causa o automóvel*

Provos levantaram em Amesterdão, uns anos antes (*vd.* Fig. 21). Também se poderá pensar que o filme de Dino Risi de 1962 «Il sorpasso» (*vd.* Fig. 22), exibido como uma 'comédia' no Cineclube Universitário, contribuiu de algum modo para ajudar à desconstrução do automóvel como fetiche das sociedades 'desenvolvidas' que os nossos aprendizes de tecnocratas queriam – toscamente – implantar no 'circuito fechado' desenhado no IST para a Gincana de Novembro de 1969.

Fig. 21 – *A bicicleta como alternativa ao automóvel (1966)*

A partir do "bem soberano" que era o automóvel, a luta contra a forma de 'progresso tecnológico' (*vd.* Fig. 23) que o capitalismo nos queria impor prosseguiu em termos mais gerais na imprensa da AEIST, com a crítica da ciência como instrumento de genocídio imperialista, ilustrado pela utilização de *napalm* no Vietnam (*vd.* Fig. 24).

Fig. 22 – *A iniciação ao 'automóvel-espectáculo' (Jean Louis Trintignant aprende com Vittorio Gassman)*

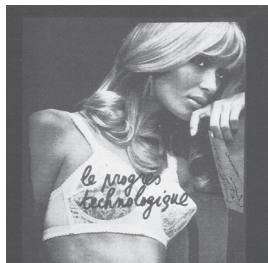



Fig. 23 – *Fotograma de um* film-tract *de Godard (1968)*

Será que esta amálgama imbricada de situações interligadas a diferentes escalas (do Técnico ao País, do País ao Mundo) pode ser vista como indício de um fenómeno fractal que levou ao **Débord(ement)** generalizado da antiga ordem?

Notas

[1] Desde os estudantes das 'pró-associações' dos Liceus e de Medicina até aos de Ciências (sujeitos a uma Comissão Administrativa), passando pelos trânsfugas de outras escolas, os jovens rebeldes de todo o País encontravam na AEIST uma 'base' segura, onde podiam imprimir os seus comunicados, reunir livremente, e preparar as suas 'acções contestatárias'.

[2] Para além de um certo 'amolecimento' do regime na sequência do (feliz) episódio da cadeira, Almeida Alves, o Director do Técnico, estava completamente desfasado da realidade pós-Maio 68, arrastando durante algum tempo um certo paternalismo a que se habituara no passado longínquo em que a AEIST era 'bem comportada', continuando a tomá-la como 'respeitável' interlocutor (mais tarde, no fim do Outono quente, mudou totalmente de atitude, revelando o mais completo e absurdo desnorte quando a contestação extravasou dos 'assuntos académicos' para a vida quotidiana).

[3] A percepção de que o país rural idealizado pelo Salazar se ia desenvolvendo apesar de tudo (ultrapassando os 100 milhões de contos no PIB e os 30% no emprego industrial) resultava da primeira análise socio-económica **séria** efectuada sobre a realidade portuguesa desse tempo, ao arrepio das fábulas criadas pela 'oposição anti-fascista'. Essa análise pioneira – onde são referidas, *prima voce*, as 'greves selvagens' que começavam e eclodir no país, desencadeadas por jovens proletários 'desenquadrados' – é da responsabilidade da equipa dos "Cadernos de Circunstância"(*), constituída por um grupo de exilados em Paris que teve uma influência decisiva num novo **estilo** de contestação ao regime, ligado à experiência e à produção teórica de Maio de 68.
(*) Nessa publicação surgiu ainda a tese de que se assistia a uma fractura no interior da classe dominante, entre os tecnocratas que deram origem à "ala liberal" e os reaccionários ultramontanos que se refugiavam no "Portugal Ultramarino" para se oporem à "Europa". Também alguns estudos profundamente originais sobre a história portuguesa contemporânea foram publicados nos Cadernos de 1967 a 1969, 'ressuscitando' alguns importantes documentos sobre a severa repressão que se abatera sobre os anarco-sindicalistas durante a (até aí) sacrossanta I República (sempre elogiada pelas representações baseadas no discurso 'oficial' da esquerda).

NÃO! A CIÊNCIA NÃO É NEUTRA!

Jean-Marc Lévy-Leblond, investigador de renome internacional, "maitre de conference" na faculdade de Ciências de Paris, pronunciou em Janeiro último a alocução que nós aqui publicamos. Este texto, que passou despercebido na altura, mostra bem que a repressão não é cega e que não é por acaso que Lévy-Leblond foi inculpado e suspenso das suas funções, depois de uma queixa do reitor da faculdade de ciência Zamcirsky.

É com grande satisfação que recebo hoje o prémio Thibaud oferecido pela vossa Academia. Sinto-me satisfeito por poder agradecer o prazer que o facto me proporcionou, esperando fazer-vos compreender a sua natureza. Em particular, ele fornece-me a ocasião de aprofundar um certo número de questões quanto à minha situação de investigador, de cientista, assim como a possibilidade de hoje expôr algumas das minhas conclusões.

É-me impossível com efeito receber um tal prémio sem pôr algumas questões: porquê esta recompensa? Que fiz eu de meritório? e aos olhos de quem? e, de um modo mais geral, a quem e para quê serve em definitivo a minha actividade científica? Porque faço investigação, quais são as minhas motivações pessoais? Porque é que a sociedade organiza a investigação científica? Qual o papel da ciência na nossa sociedade? na verdade, estas questões são postas cada vez mais frequentemente dentro e fora do nosso meio, sobretudo depois do grande movimento de Maio de 1968 e das profundas reposições de questões que ele ocasionou.

Para todas estas questões existe uma série de respostas: Não é absolutamente evidente, com efeito, que a ciência tem um papel fundamental na evolução da sociedade, e é o motor essencial do progresso?

Que o investigador científico se tornou também no agente essencial da felicidade da humanidade e são nesse sentido as suas motivações primárias e as suas maiores satisfações? Sob formas mais ou menos nítidas, são esses os temas dum incessante discurso ouvido desde a escola primária até aos bancos da faculdade, e difundido tanto pelos organismos mais conservadores como por certas vozes pretensamente revolucionárias.

Há no entanto fortes razões, para pôr em dúvida a validade destas respostas. Consideremos primeiro a relação entre a investigação pura (ou fundamental) o progresso da sociedade. Dois dos ramos mais dispendiosos e mais prestigiosos da investigação actual são, sem dúvida nenhuma, a física das partículas de alta energia e a física espacial. Mas quais são as suas contribuições para o progresso geral? A quase totalidade dos físicos especializados em altas energias não terá dificuldade em confessar que nenhuma aplicação e esperada no seu domínio. Quanto aos frutos tão gabados da investigação espacial não conheço senão as cassarolas em cerâmica refratária e outros "gadgets" (1) análogos. Entenda-se que estou bastante à vontade para falar destes problemas, na medida em que os meus próprios trabalhos, que hoje foram premiados, são um exemplo cabal da investigação "pura", isto é, gratuita e sem outro interesse senão excitar a curiosidade duma vintena de especialistas em todo o mundo. A maior parte dos trabalhos de investigação revestem hoje este carácter perfeitamente esotérico, e não são compreensíveis senão para alguns iniciados. Certamente que existem outros domínios em que se vêem gigantescas possibilidades de aplicação: a medicina, a agronomia, por exemplo, parecem trazer algumas respostas técnicas para os problemas da fome e da doença, que são os problemas de grande parte da humanidade.

Mas justamente, as estruturas sociais são tais que as soluções técnicas não podem ser postas em prática. Pense-se simplesmente no escândalo dos hospitais a abarrotar, na "medicina com desconto" para as classes populares, nos super-lucros das industrias farmacênticas, na falta de meios, em França para a investigação médica – sem mesmo pensar nos países que acabam de se libertar da exploração colonial. E se o progresso da técnica traz consigo, em geral, um aumento de produtividade industrial, não há caso conhecido em que isso tivesse como consequência imediata a melhoria das condições de vida das classes populares. São necessárias grandes lutas sociais, constantemente renovadas para obrigar as classes dirigentes a não utilizar em seu único proveito as novas possibilidades desvendadas pela ciência. Assim, a modernização técnica das empresas traduz-se muitas vezes por despedimentos. Do mesmo modo entre 1958 e 1968, as técnicas e a produtividade industrial aumentaram prodigiosamente. Mas foi necessário a grande greve de Maio-Junho 1968 para que os operários obtivessem globalmente algumas melhorias nas suas condições de trabalho – imediatamente cerceadas pouco a pouco pelo patronato! Estas dúvidas quanto à função progressista da ciência trazem outras quanto às motivações dos investigadores. São cada vez mais numerosos os que tomam consciência desta situação e passam por vezes à sua denúncia. Mas muitas vezes, é para se refugiar numa ética do conhecimento como valor em si, em que a ciência se torna o próprio fim (ver a lição inaugural de J. Monod no Colégio de França). E este, sem dúvida, o último recurso daqueles que recusam ver os factos à sua volta.

Porque, com efeito, longe de lançar a ideia de que a investigação e a ciência não servem para nada, estou completamente consciente da sua utilidade.

Sòmente elas não servem de modo algum aquilo e aqueles que dizem servir. A actividade científica, como todas as outras não se pode separar do sistema social, em que se pratica. Como todas as outras, ela é principalmente orientada de modo a assegurar a prepetuação, ou pelo menos a sobrevivência do sistema. Os mecanismos pelos quais ela assume este papel são numerosos e complexos. Podem-se no entanto separar vários tipos de relações. Sobre o plano político, primeiro, é evidente que as potências imperialistas utilizam ao máximo as fontes da técnica moderna para obter um armamento destinado a garantir o seu poder. É sem dúvida neste domínio militar que a investigação científica encontrou as suas aplicações mais numerosas e mais c erentes, nestes últimos anos. Mas mesmo aí, a utilidade e eficácia destas aplicações são limitadas, apesar da chantagem e do terror atómico. Basta observar a resistência vitoriosa do povo vietnamiano a agressão americana, para se presuadir que em parte alguma a técnica e a ciência

(continua na pag. 8)

Fig. 24 – *A neutralidade da Ciência posta em causa no Binómio 42 (Janeiro de 1971)*

[4] Neologismo proposto já neste século pelo filósofo italiano Franco Bernardi (Bifo) para designar o conjunto cada vez mais numeroso de pessoas (no qual as mulheres têm um papel cada vez mais influente) que "não têm mais nada para vender do que a sua força de trabalho (**cognitivo**)". Na genealogia deste conceito está a massificação da escolaridade no final dos anos 60 do século XX (com o seu – pálido – reflexo em Portugal), levando por um lado à revolta contra as caducas estruturas burocrático-tayloristas, e por outro à emergência de uma economia baseada no imaterial (feito de criatividade e conhecimento).

[5] A boémia estudantil em Lisboa dispersava-se por diferentes espaços da cidade, integrando-se sem sombra de elitismo nos mais 'desclassificados' meios sociais e abrindo para a interacção com outras tribos (ao contrário do que acontecia, por exemplo, em Coimbra).

[6] A **viagem** (nem que fosse a Benfica ou ao Lumiar) foi sempre um antídoto contra o quotidiano entediante criado pelo poder para fixar as pessoas a sítios precisos (não é por acaso que Michel Foucault denuncia as instituições repressivas – cadeia, fábrica, escola, caserna, hospital – como instrumentos para constranger os indivíduos a um número limitado de gestos e hábitos). Mas o desassossego acaba sempre por irromper nas existências mais 'soltas' (sob a forma interior em Pessoa ou exterior em Chatwin), condenando-as a um deliciosamente endiabrado **delírio ambulatório** (à maneira do Holandês Voador ou do Judeu Errante).

[7] Os "boicotadores" eram um grupo de insolentes contestatários que **boicotaram** pelo fogo (*) a Gincana que o bando de estudantes da direita 'desportiva' se propunha realizar, num 'circuito' pelas vias que ligavam entre si os pavilhões do Técnico.

(*) Os fardos de palha que definiam o circuito (e protegeriam os eventuais 'espectadores') foram incendiados pelos "boicotadores" antes do início da 'prova', impedindo assim a sua efectivação (e levando – literalmente – ao rubro este prolongamento do Outono Quente, quando o confronto com a direita prosseguiu nos Cafés da Avenida de Roma, que se tornaram uma sede insólita desta 'luta de classes' *sui generis*, opondo o gérmen do **cognitarado** aos lambe-botas do regime, que o pretendiam 'liberalizar' à custa de uma – acanhada – tecnocracia).

1965-1967
Os Provos

Yves Frémion

Os anos sessenta foram os anos de todas as revoltas: tumultos negros, revolução «cultural» na China, contracultura americana depois do movimento hippie, Zengakuren no Japão, SDS alemão, sem esquecer os combates descolonizadores, etc. Maio de 68 não será mais do que uma nova destas múltiplas explosões. Por entre os sobressaltos fundadores, o Movimento Provo Holandês foi exemplar.

Os Factos

Desde os anos sessenta que se desenvolvem os acontecimentos, os sit-in (sentados), as festas dionisíacas sob todos os pretextos. Amesterdão, de tradição lutadora e rebelde, nunca esteve em descanso. Desde 1964, Jaspar Grootveld, meio-palhaço, meio-ecologista, realiza *happenings*, uma vez por semana, à meia-noite, no Spui (centro da cidade), perante a estátua de Lieverdje, o «trampolineirinho», equivalente de Manneken Pis belga ou de um Poulbot. O cerne da sua acção é a luta antitabagista mas, também, a antipoluição e a alternativa de uma vida sã. Grootveld move-se no seu «Centro Mágico», lugar importante para a contracultura.

Noutro lado, alguns jovens politizados criam, por volta de Março de 1965, um grupo informal: Rob Stolk, que edita um pequeno e efémero jornal, Roel Van Duyn, importante agitador, o anarquista Rudolf Jong, um alegre folgazão de nome Hans Tuynman, Martin Lindt e Gert Kroeze – os Provos de base. Van Duyn reencontra Grootveld no Centro de Magias e participa, desde logo, com Stolk nos aconteci-

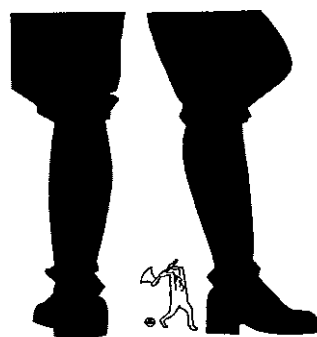
mentos de Spui. O Movimento Provo nasceu da fusão das alternativas «políticas» e «artístico-ecologistas», coração do Movimento. Estamos em Maio de 1965, o jornal-folheto *Provocação*, é distribuído. Entre aqueles que se lhe juntam citamos o engenheiro Luud Schimmelpenninck, cuja seriedade e imaginário tecnológico serão essenciais.

Faltava uma causa unificadora. Eis que a princesa herdeira Beatrice se enamora de um jovem plebeu alemão, Claus Von Amsberg que, na sua juventude, foi soldado no exército nazi. Ele é o futuro príncipe consorte, pílula dura de engolir numa cidade que tanto sofreu com a Ocupação. O Movimento Provo começa no dia da primeira visita de Claus (3 de Julho de 1965), num navio. O lançamento simbólico por Jan-Huib Blans de um número de *Provocação* do alto da ponte Kaisengracht manifesta, pela primeira vez, a realidade do grupo.

A revista *Provo*, órgão do Movimento, nasce. Van Duyn publica nela o *Manifesto Provo*, teses de base, aparecendo nela também os «planos brancos», projectos alternativos, entre o delírio poético e ecologia bem reflectida: planos de «bicicletas brancas» (bicicletas municipais utilizáveis sob aluguer), «chaminés brancas» (antipoluição), obras de Schimmelpenninck, «mulheres brancas» (um dos primeiros textos feministas modernos escrito por Irene Van de Weetering), «casas brancas» (squatts) *casas ocupadas*, «frangos brancos» (polícia), «cadáveres brancos» (contra os motoristas inábeis), «crianças brancas» (educação), plano de gestão de Amesterdão (por Martijn Lindt), etc.

Junta-se ao grupo o dono de um quiosque Olaf Stoop que fundará a Real Free Press (Real Imprensa Livre), essencial para a difusão da contracultura na Europa. Ele introduz os números de *Provo* nos do *Telegraaf* equivalente do *Fígaro*. Surgem as primeiras bicicletas brancas. A polícia confisca tudo o que rola e seja branco mesmo non-provo. A repressão é a imagem da época: brutal face a uma revolta que o não é. Isto tornará bastante popular o Movimento. A sua acção é mais simbólica do que outra coisa. Eles agem em monumentos colonialistas, na família de Orange: distribuem um falso «Discurso do Trono» onde a rainha Juliana explica que se tornou anarquista e que abdica dando os seus palácios aos mal alojados, problema número um em Amesterdão.

O casamento de Beatrice-Claus tem lugar a 10 de Março de 1966. Os provos moderados (Comité Provo-Orange ou Perle de Jourdain) prepararam bem a anti-cerimónia. No seio de uma população pouco entusiasta, no momento em que a comunidade israelita boicota e que os oficiais desfilam, os Provos fazem circular «rumores brancos», ruídos de metralhadoras por altifalantes, bombas de fumo e, mesmo, um fran-

go branco na viatura oficial. Aos gritos de «Claus Raus!» e de «Ein zwei, ein zwei!», eles fazem uma curiosa escolta ao casal real, enquanto a polícia carrega. Os erros das autoridades radicalizam o movimento. As fotos da repressão são afixadas no dia seguinte, reproduzidas em todos os lados. Um novo ajuntamento, filmado desta vez, todo o país tem conhecimento. Pela primeira (e única) vez, um provo, Hans Tuynman, é condenado a três meses de prisão efectiva, que cumprirá.

A popularidade dos Provos mede-se a partir das municipais de Junho de 1966, onde a sua lista obtém 13000 votos em Amesterdão, ou seja, 2,5% dos votos expressos e… um lugar no conselho municipal. Segundo o princípio anarquista da rotação, será ocupado por De Vries, depois por Schimmelpenninck, Van de Weetering, Van Duyn. O seu papel está longe de ser negligenciável e os planos brancos, servirão de base ao seu trabalho.

Em simultâneo, o mundo trabalhador aproveita-se de tudo isto para se pôr em movimento, agitar-se. A algazarra provoca a única morte do movimento, provavelmente por crise cardíaca seguida a um golpe de matraca. Desta vez, é a greve geral. O movimento social junta-se ao movimento «cultural». A luta dura quatro dias. O *Telegraaf* é posto a saque, o chefe da polícia demite-se, a Holanda está em choque.

A audiência internacional dos Provos começa. Vêm vê-los de todos os lados. O seu sucesso ultrapassa-os. Eles não estão nada preparados para ir mais além. Se Grootveld funda um banco provo, isto é essencialmente simbólico.

O nascimento de um herdeiro do trono relança o barulho. Mas, o movimento está partido em dois. Os moderados param tudo, principalmente a revista. Os duros, estes, não têm um verdadeiro projecto, mesmo que de luta. As duas correntes são irreconciliáveis. A 13 de Maio de 1967, no Parque Vondel, num grande encontro, o Movimento Provo autodissolve-se, seis meses antes de o mesmo acontecer aos hippies em condições idênticas, nos Estados Unidos. O Verão de 1967 será calmo.

O espírito Provo

Os Provos souberam procurar as suas raízes: revoltas populares, anarquia (colocavam regularmente flores na campa de Domela Nieuwenhuis, revolucionário libertário do final do século e pai de Constant). A anarquia está presente para eles como «fonte de inspiração para a resistência», qualquer coisa que é preciso «ensinar aos jovens».

De facto, Provo nunca terá um líder, mesmo que os mais dinâmicos sejam salientados pelos média. Excepto a personalidade luminosa de Berhard De Vries, que acabará a ensinar liberalismo, todos terão no coração destruir as tentativas mediáticas de os colocar à frente. Exemplar.

O Provo não teve nem local, nem estrutura permanente, nem organização congelada. Cada acção tinha os seus iniciadores, os seus actores, que entravam na normalidade assim que a acção acabava. Na massa dos seus simpatizantes, havia sempre braços para agir, mesmo que os Provos de base não fossem mais do que uma trintena. Foi difícil constituir a sua lista eleitoral. Os mais velhos nem sempre tinham tempo disponível. Tuynman escreverá as suas lembranças sob o título *Provo a tempo inteiro*, o que prova que isto não era evidente.

A sua anarquia foi, primeiro, não-violenta. Era a época, no Ocidente. O movimento hippie, muito menos radical, vive no mesmo instante. Eles tomarão dos Provos alguns gestos. Põem na prisão uma rapariga que distribuía uvas na rua. Mas distribuirão, também, dinheiro, gesto imitado (senão em sentido inverso) pelos hippies, mais duros.

A palavra «Provo» veio da imprensa e dos comentadores. Eles retomaram-na. Rudolf De Jong escreveu: «A provocação não resolve os problemas, mas força as soluções a manifestarem-se, tornando impossível fazê-las esperar muito tempo.» Abreviatura de «provocador», esta palavra terá um enorme sucesso. Mas é preciso distinguir as tendências no seu seio.

Uniram-se artistas (festas, demonstrações de rua) e criadores lúdicos, os hippies holandeses, fumadores de erva, apreciadores do ácido, não-violentos independentes fascinados pelo movimento americano, alguns beatniks atrasados entre dois caminhos, teóricos que escrevem nos jornais manifestos ou estudos sobre a juventude (Van Weerlee), anarquistas de longa data (Last, De Jong), místicos um pouco exibicionistas, espontaneístas amadores da acção directa (Tuynman), blusões negros (Bronkhorst), futuros ecologistas (Van Duyn animará uma quinta alternativa no Norte), os zeladores do *agite prop'* e todos aqueles que a indignação toca: anticolonialistas, anticapitalistas, anticomunistas, feministas, antiracistas, antimilitaristas, etc.

O Provo escolherá a cor branca, a da pureza. Em neerlandês, diz-se «wit». O branco da pele diz-se «blank»: logo, nada de ambiguidade racial. O branco opõe-se ao laranja da família real, cuja divisa «Deus, Nederland de Laranja» servirá de título ao jornal provo inteiramente delineado por Willem. Este último emigrará cedo para França, tornando-se um dos pilares do *Charlie Hebdo*.

A seriedade das propostas provos é para examinar à posteriori. Os seus conselhos de vida sã (contra o tabaco ou o excesso de açúcar) eram bastante avançados. Não estava ainda na moda a ecologia. Os planos brancos não eram todos frívolos ou descabidos. Os programas diziam respeito ao aborto, à luta antipoluição, a circulação e, sobretudo, os «squatts» (ocupantes de casas) mereceram uma maior atenção. Eles propuseram, mesmo, os «cinemas brancos» que passassem apenas filmes «sem sadismo comercial, sem culto dos falsos heróis, sem erotismo à James Bond». Mas, também, os cabarets brancos, a imprensa branca (TV incluída), os campos de trabalho livre, um plano de sexo branco para homossexuais e menores, as escolas brancas, etc. A presença nas suas filas do notável urbanista Constant (ex-Cobra, ex-Bauhaus imaginário e um dos primeiros situacionistas), propaga a ideia da New Babylon (Nova Babilónia), verdadeira «cidade branca», jamais realizada, mas com muita actualidade.

Em resumo, o encontro de um ecologista um pouco comediante (Grootveld), de um engenheiro alternativo (Schimmelpenninck), de um teórico agitador (Van Duyn), de um urbanista lúdico (Constant), de uma mãe de família livre (Van de Weetering), de um historiador popular (Stolk), de semidelinquentes (Bronkhorst) e de um mão-cheia de joviais folgazões (Tuynman, Stoop): tudo deu num grande movimento político, o primeiro movimento de ecologia política do mundo, mesmo que nada de importante tenha construído.

Perenidade imediata

Três anos mais tarde, após Maio de 68 e eleições municipais, uma lista de Kabouters (mais reformistas) obtém 30.000 votos no país, cinco lugares desta vez. O seu líder: o infatigável Roel Van Duyn. Entre as suas realizações (parciais): menos carros, o presidente da câmara municipal de bicicleta, as árvores são classificadas como monumentos históricos! Ideias agitadas: os ocupantes de casas legalizados, uma rede bio (quintas, armazéns), autogestão progressiva e comités de bairro…

Em 1980, foram os Krakers, mais caçadores, menos lúdicos. Pretexto: a abdicação de Juliana, o coroamento de Beatrice. Eles aproveitam a ocasião para a «retoma» do que é roubado aos pobres pelos ricos: partem vitrinas. A 2 de Maio houve duas centenas partidas. O massacre de Amesterdão tinha começado: bairros arrasados, construções desfiguradas, mas o problema da habitação era o mesmo. «Sem habitação, não há coroação» foi o slogan principal.

Todo o ano de 1981 vive combates. A batalha de Nimègue foi surpreendente: camiões blindados, carros contra os manifestantes, a cidade cercada, tudo isto para… 150 squatters não-violentos! Sobre o plano positivo, eles conseguiram pôr em prática, pelo menos em parte, um plano próximo das «casas brancas», e lançarem, por módicas quantias, as consultas de «conselheiros em ocupação».

Quanto ás «bicicletas brancas», retomado, primeiro, por Paul Goodman nos Estados Unidos, o seu uso impôs-se em Berne (1979) e na forma de carros brancos em Amesterdão, por Schimmelpenninck no início dos anos 1980. Lyon, depois Paris com os "Vélov' e Vélib'" deverão esperar até aos anos 2000 para aí chegar, sem, no entanto, que Schimmelpenninck tenha o seu nome numa rua da capital. É que, entretanto, em todos os países do mundo, os partidos Verdes nasceram e, mais preocupados com realizações, entraram em executivos de decisões.

Os Provos mudaram-se, continuando, por outros meios, a enaltecer uma outra vida. Irène Van de Weetering torna-se bibliotecária, Stolk dirige, até à sua morte, uma revista histórica, Van Duyn parou com a sua vida comunitária para se tornar um líder Verde, Van Weerlee é… astrólogo, outros tornaram-se universitários, outros ainda morreram como Tuynman, que se suicidou depois de uma desintoxicação.

Provo e Maio de 68

Os movimentos dos anos 60-70 assemelham-se: recusa de todos os partidos, ideologias, poderes de toda a espécie, espírito

libertário, lúdico, utilização do distúrbio, da imagem, sentido do acontecimento, solidariedade com todas as lutas parcelares (mulheres, homossexuais, negros, imigrantes, desempregados, ocupantes de casas, prisioneiros e doentes, etc.). Haverá «provos» em todos os países. Houve, por exemplo, em Março de 1967, em Paris, no Quartier Latin, um desfile de Provos internacionais, próximo da juventude anarco-comunista. O Maio de 1968 também deve muito à Guerra do Vietname, ao colonialismo, aos ditadores. Aborreciam-se tanto na Holanda radiosa como na França gaulista.

Os dois movimentos rompem com as tradições da luta operária, as acções dos partidos, a longa preparação da Grande Noite, o militantismo, saem do económico e do político puro. Neste sentido, é incontestável que o detonador Provo contribuiu para a explosão de sessenta e oito.

Provo precursor dos Verdes

A palavra «imagem» que os Provos colocam à frente é a primeira manifestação do «look» para nos jovens dos anos 80. Sem procurar longe a sua influência, é preciso compreender que iniciaram a maior parte das lutas parcelares antes referidas. Em França, esta dispersão do combate, analisada, muitas vezes, como um declínio é, na verdade, o verdadeiro sucesso dos dois movimentos.

Particularmente, os Provos foram os primeiros ecologistas na Europa. Os seus textos alternativos provam-no e inovou-se pouco depois. O Partido Radical italiano, Grünen alemães ou Verdes franceses retomaram os temas, as propostas, o estilo, a linguagem, o sentido da prática, da imprensa, da festa, dos Provos. O movimento associativo também. Mesmo aqueles que nunca ouviram falar dos Provos inspiram-se neles vinte anos mais tarde: está, talvez, aqui a vitória involuntária deste movimento esquecido.

Tradução de **Ilídio dos Santos**
(*Monde Libertaire*, hors-serie nº 34, du 1er mai au 11 juin)

dossier

desporto

Max Ernst e Hans Arp, 1920

Futebol, camus e a solidão do goleiro*

Acácio Augusto**

Futebol é paixão. Quem aprecia esse esporte e gosta de vê-lo, bem jogado, e jogá-lo quando e onde puder, possui um clube do coração desde que nasceu. Não há razão possível. Território do imponderável, ele desfaz e refaz ódios, alegrias, tristezas. Provoca fissuras e surpreendentes aproximações. Desperta estranheza, fúria, revolta. Mas nele, há um saber que irrompe de onde menos se espera. Um saber que, no Brasil, foi aos poucos sufocado e colonizado, lentamente, por comissões técnicas militarizadas nas décadas de 1960 e 1970, e hoje, no planeta, encontra-se nas mãos de cartolas[1], empresários e dirigentes que aplicam ao chamado "mundo do futebol" as teorias do capital humano e as alegrias do marketing transterritorial. Esses empresários dispõem dos corpos e da imagem de ignorantes e assujeitados jogadores, tão descartáveis quanto um copo plástico. Nessa *inhaca*[2] que se tornou o futebol no Brasil e no planeta, torcedores não vibram por seus times, fazem do momento magnífico da partida uma oportunidade, como outra qualquer, para dar vazão ao seu fascismo, escondidos em meio à covardia da massa.

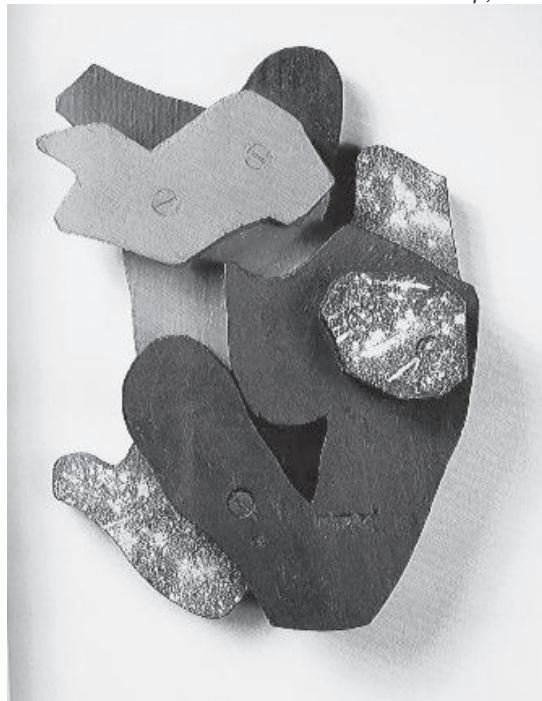
Mas a paixão é incontível e irredutível, não se confunde e não se deixar levar pelo geral; é pessoal. Mesmo diante de tanta sacanagem, de tanta picaretagem. Mesmo diante de esquemas táticos para os quais o gol é um detalhe, de técnicos milicos (Carlos Alberto Parreira), admiradores do Pinochet (Luis Felipe Scolari, o Felipão), empresários mercadores de pessoas/jogadores (Vanderlei Luxemburgo), todos chamados de professores por serviçais jogadores e jornalistas *puxa-sacos*[3]. Mesmo diante de tudo isso, a paixão pessoal pelo futebol segue sendo intransferível, não é passí-

vel de captura, é de cada um. Impossível diluí-la na massa. Só um torcedor apaixonado sabe o quanto de alegria e tristeza seu clube do coração é capaz de lhe causar.

Por futebol ser paixão, os sisudos intelectuais e os militantes de esquerda o condenam como mera diversão, ópio do povo, distração midiática. Talvez não saibam — ou queiram esconder — das coisas que fazem bater forte o coração. Albert Camus, inimigo de primeira hora dessa esquerda engessada e autoritária, foi amante do futebol. Cunhou a bela e incomparável frase sobre o esporte mais popular do mundo: "futebol é inteligência em movimento".

Camus, menino pobre de Argel, que conheceu o libertarismo pelas mãos e livros de seu tio açougueiro, antes de se tornar o autor respeitado e lido em todo mundo, ganhador do Nobel e o opositor aguerrido, do antes amigo, Jean-Paul Sartre para quem a rebeldia e o transtorno de *O homem revoltado* fora insuportáve, apaixonou-se pela arte da bola. Gostava de jogar, gostava de torcer. Foi goleiro, posição ingrata que defendeu quando criança em Argel e depois, já estudante, na França.

Quando escreveu a frase acima citada, não pensou em goleiros. Cismo que tenha imaginado os grandes meias que assistiu. Sinceramente, mesmo que isso não corresponda à verdade, *sei* que ele escreveu essa frase para o Pelé[4]; inventar histórias é próprio de quem é apaixonado por futebol. Como um goleiro que foi, possuía uma visão privilegiada do jogo e podia dizer isso com a autoridade e clareza proporcionadas por esta solitária posição no campo de futebol.

Hans Arp, 1916

Existe um velho ditado que diz: goleiro não pode falhar. Dizem, também, ser uma posição tão ingrata que onde pisa não nasce grama. No entanto, quem foi arqueiro, sabe que é mesmo uma posição solitária, de uma solidão compartilhada com os múltiplos que a posição te proporciona. No gol, você é meio torcedor meio técnico, orienta a defesa e acompanha o ataque; mas, quando você é solicitado, o mínimo que se espera é que seja infalível. Não há espaço para recuos, vacilos ou medos.

Uma posição de isolamento e distanciamento. Na rua, sempre vai para o gol o menos habilidoso com a bola nos pés. No caso de Camus, autor de um dos mais belos livros do século 20, *O homem revoltado*, era uma escolha que poupava os seus sapatos e o poupava das broncas de sua avó em casa, por ter descuidado de seus calçados.

O gol é de onde se vê um jogo que ninguém vê. Aonde se vai do heroísmo ao fra-

casso em minutos, talvez segundos. Para Camus a experiência como goleiro lhe ensinou sobre a vida, aprendeu "que a bola nunca vem para a gente por onde se espera que venha." Como ocorre nas grandes cidades, ele dirá. Poderia acrescentar: como

Francis Picabia, 1921

a morte diante da vida, onde não se sabe como ela virá, mas se tem a certeza que virá. De trem ou de carro, partimos sozinhos, como jogam os goleiros. Num salto.

Nascemos sozinhos e morremos sozinhos. Nesse percurso, podemos livremente nos associar, formar um bando, um time, uma malta. Há quem diga que a solidão é o fim, que ela é negativa, má. De fato, ela pode ser para quem assim a encara. Mas para quem foi goleiro, um solitário entre os dez em campo, não é difícil descobrir que ela é também loucura e liberdade.

* Parte desse texto foi apresentado no programa *àgora, agora* — conversação temática do nu-sol veiculada na tv-puc-sp/cnu e na tv-nu-sol da web (www.nu-sol.org), no primeiro programa com o tema *futebol e liberdade*.

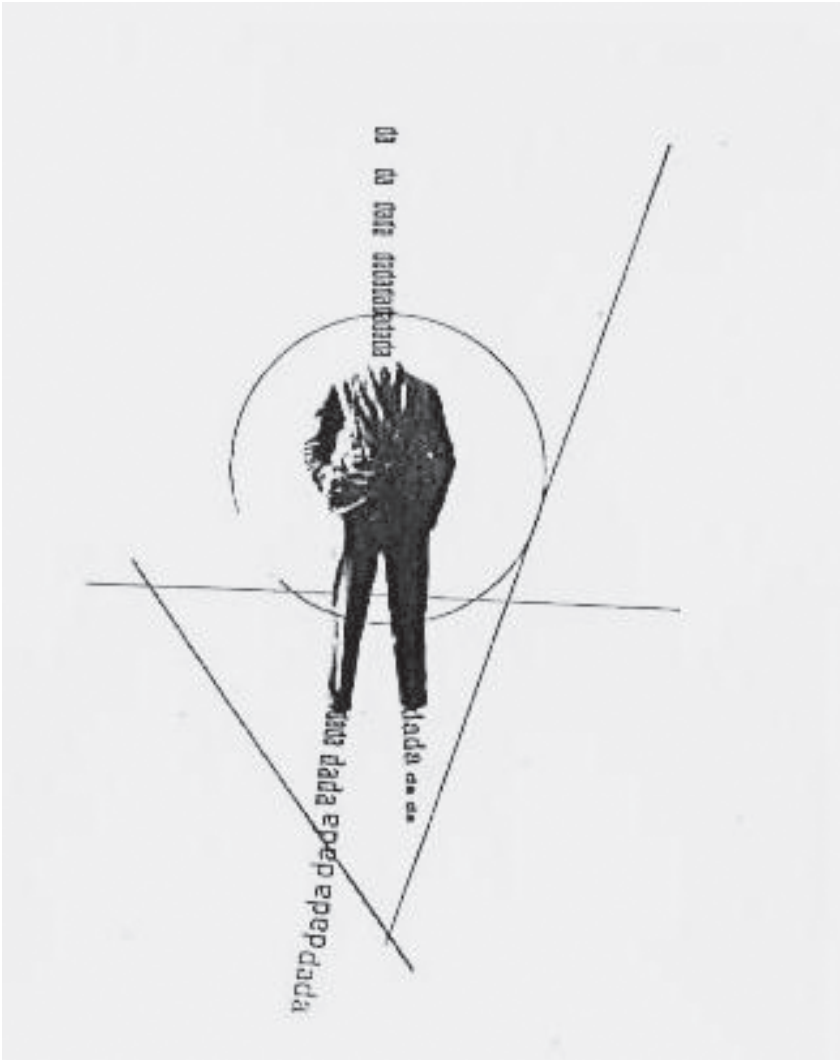
** Pesquisador no Nu-Sol, mestrando em Ciências Sociais no Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais da PUC-SP e bolsista CNPq.

Notas

[1] As palavras resultam de lutas passadas e presentes. Desta maneira, cada lugar, região ou grupo social possui suas palavras, expressões e gírias. Contra uma conservadora investida globalizante em padronizar a língua, utilizo no texto palavras, gírias e expressões próprias ao vocabulário futebolístico brasileiro, que de qualquer, forma são, em alguns casos, derivações de palavras vindas do inglês, língua de quem apropriamos também o esporte. Nesse sentido, uso *cartola*, que designa os dirigentes vitalícios que formam a aristocracia dos clubes. Com dantes usei *goleiro*, ao invés de *guarda-metas*.

[2] *Inhaca* é uma gíria usada no Brasil para descrever um jogo ruim, mal parado onde nada acontece e onde só tem *perna-de-pau*, aliás, esta é uma expressão pejorativa para chamar um jogador sem habilidade com a bola.

[3] O mesmo que bajulador.

[4] Um amigo anarquista como eu, palmeirense como eu e louco (também por futebol) como eu, lembra que talvez Camus ao escrever tenha pensado em Ferenc Puskas, atacante que nasceu em Budapeste e jogou a Copa do Mundo de 1954 pela Hungria e a de 1962 pela Espanha. Pode ser. Essa frase pode se aplicar a outros jogadores, mas como disse *cismei* que ela é do Pelé, talvez, também, do Mané Garrincha, o "anjo das pernas tortas".

George Grosz, 1919

desporto?

MANUEL ALMEIDA E SOUSA

- desporto?... desporto será assim como o descrédito do norte. mais propriamente o descrédito do porto - des/ porto. ora o desporto...

é elementar meu caro doutor. elementar!...

- não.

- claro que sim. e reaccionário.

- o desporto?

- então não?... ora veja, prof. doutor:... a revolução consiste em consumir

e

aos gritos fazemos estragos

porque

as meninas bonitas lambem gelados de nata.

- não!... maldito sejas tu

que roubaste os meus projectos para a construção de uma casa de papel.

que permitiste que

as rainhas da luz construíssem o seu império

e

que

protegessem os peitos com laxantes.

que

adornassem o sexo com imagens de relógios para voltarem a ser comercializados na rua...

agora falas de desporto?

- claro senhor professor doutor,

à luz do dia

descubro minha

a esperança de ser corsário.

melhor;

de ser pirata.

melhor ainda;

de ser aquele homem feroz que estende a roupa quando a esposa morre frente ao televisor
de ser aquele
que
aprendeu
a oferecer-se frente ao espelho
e
a olhar pela janela para uma rua cheia de crianças a brincar
e
a sorrir
e
a chorar
porque

os carros param quando alguém cavalga sobre...
mim?
pois
as ingles ficam geladas
doridas
as pedras são sintoma de fígado em mau estado
e
a culpa é uma obra prima inacabada.
o desporto, meu caro... o desporto é uma merda. o sexo tem muito mais vantagens.
- e o desporto do sexo?
- doutor... definitivamente, não.

O Desporto como Miséria e Espectáculo na era da Globalização

José Maria Carvalho Ferreira

Desde os tempos imemoriais que o homem aprendeu a brincar através do jogo como actividade humana lúdica. Era e pode ser uma actividade não separada da vida quotidiana dos indivíduos sem a necessidade de obediência e de regulamentação do mercado. A evolução do ser humano revelou-se, entretanto, contrária a essa probabilidade histórica.

Vários factores estão na origem dessa evolução. Alguns autores ou paradigmas científicos, que pugnam por modelos de sociedade contrastantes, opinam no sentido em que as causas e os efeitos dessa evolução derivam, fundamentalmente, do Estado e da sociedade capitalista. Outros, opinando no sentido positivista e funcionalista, acham que o desporto não é mais do que uma resultante do progresso e da razão. Por fim, alguns pensam e são de opinião que a matriz física, mental e psíquica de cada indivíduo explica as sínteses colectivas da sua integração e normalização em qualquer espécie de ordem social, económica, política, e cultural: Estado, sociedade, família, comunidade, religião, mercado, desporto, ou qualquer outra actividade mercantil que possamos imaginar.

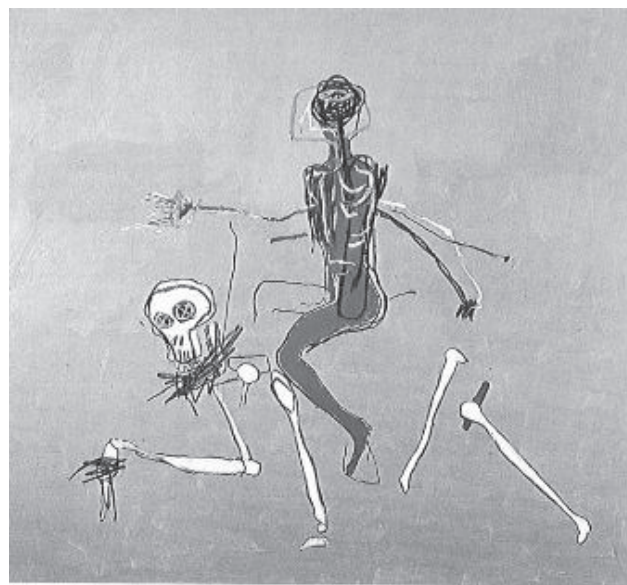
Não cabe neste texto, nem é essa a minha intenção, fazer a história do desporto das sociedades contemporâneas. Importa, isso sim, perceber alguns dos factores ou das razões que nos possam elucidar sobre o actual estádio compulsivo de consumo alienante do desporto e, por outro lado, enquanto fenómeno de compra e venda do corpo no contexto da globalização e das TIC (Tecnologias de Informação e

de Comunicação), superando, em algumas regiões do globo, os valores monetários do mercado do sexo.

Deste modo, em primeiro lugar, debruçar-me-ei sobre a indústria do desporto no quadro da racionalidade instrumental do capitalismo, tendo presente os efeitos estruturantes das TIC e da globalização. Em segundo lugar, procurarei indagar das razões, dos problemas e dos desafios que se apresentam ao ser humano que sobrevive como um mero instrumento ou um objecto que sente, pensa e age, exclusivamente, em função do consumo de bens e serviços mercantis. Finalmente, em função da análise precedente, importa perceber as tendências actuais da indústria do desporto nas sociedades contemporâneas.

1. TIC e globalização: da venda do corpo à venda da mente e da psique

Estamos longe dos tempos áureos dos "trinta gloriosos anos do capitalismo" (1945-1975). Era o tempo da máxima potenciação da produção, distribuição, troca e consumo de mercadorias resultantes centrada na actividade económica do sector industrial: indústria química, transportes, siderurgia, mecânica, têxtil, electrónica, indústria automóvel, cimento, ferro e vidro, petróleo e indústria agro-alimentar. Este facto, não invalida, de modo algum, que os países capitalistas emergentes com desenvolvimento tardio, como são os casos da China, Brasil e alguns países asiáticos, evoluam também num processo idêntico. Só que, nas circunstâncias actuais, a estrutura dos custos de produção, o processo de industrialização e de urbanização nesses países, sofre as vicissitudes estruturantes das TIC e da globalização.

Na realidade, as TIC (informática, micro-electrónica, robótica, telemática, biociência, tecnociência, biotecnologias, nanotecnologias, Internet, páginas Web, audiovisual, "media", ciberespaço), antes de mais, integram nos seus mecanismos internos um imenso trabalho vivo que pode ser vivificado, de forma automática, a todo o momento, pelo factor de produção no espaço-tempo do processo de trabalho e, por outro lado, no espaço-tempo da sua vida quotidiana. As TIC propiciam assim que haja coincidência do espaço-tempo virtual com o espaço-tempo real da produção, distribuição, consumo e troca de bens e serviços analítico-simbólicos. Informação, conhecimento e energia são simultaneamente "inputs" e "outputs". São matéria-prima básica, cuja causalidades e efeitos intrínsecos à condição-função de cada ser humano. Não estamos mais a raciocinar matérias-pri-

Basquiat, 1988

mas (madeira, ferro, carvão, petróleo, linho, algodão, cereais, cimento, vidro, etc.) cuja natureza material é exterior a essa condição-função. As TIC são uma probabilidade inaudita de reproduzir e criar uma informação, conhecimento e energia humana gigantescas. Essa condição-função é basicamente um sistema aberto. Através dos seus órgãos sensoriais, com especial incidência para a visão e a audição, qualquer factor de produção trabalho é constrangido a codificar e a descodificar essas linguagens e forma atempada e adequada. È crucial categorizar a informação, o conhecimento e a energia que está directamente reportada a cada espaço-tempo de execução de tarefas e funções adstritas ao processo de produção, distribuição, troca e consumo de bens e serviços analítico-simbólicos: signos, significados e imagens.

Desta função estruturante das TIC podemos, desde já, extrair a seguinte ilação: não obstante continuarmos a percepcionar da importância do sector industrial nas sociedades capitalistas menos desenvolvidas, esse facto não obsta que as TIC integrem a actual estrutura dos custos de produção do referido sector de forma hegemónica. Daqui concluímos que as TIC no quadro da racionalidade instrumental significam uma integração gigantesca da ciência e da técnica, cuja consequência fundamental foi desqualificar e prescindir dos perfis sócio-profissionais básicos da segunda revolução industrial: fresador, torneiro, mecânico, serralheiro, electricista, marceneiro, tecelão.

Uma das principais consequências desta mudança foi a substituição da energia deste operariado pela informação e conhecimento humano que foi objecto de integração e de automação pelas TIC. Desse modo a energia do factor de produção trabalho que executava as tarefas no processo de produção de mercadorias resultava da perícia e a inteligibilidade do saber-fazer desse operariado. Como consequência, o espaço-tempo confinado aos gestos, movimentos e pausas que emergiam do processo de trabalho e a organização científica do trabalho taylorista e fordista foi extinto na sua quase totalidade.

Se reflectirmos sobre as diferenças da indústria do desporto que existia no espaço-tempo nos “trinta gloriosos anos do capitalismo” com o espaço-tempo actual das TIC, verificamos que existem diferenças substantivas inquestionáveis.

Em primeiro lugar, devemos o processo de socialização da indústria do desporto, tendo presente que está integrado numa actividade económica que implica sempre, em quaisquer circunstâncias, um espaço-tempo de produção, distribuição, troca e consumo de uma mercadoria denominada desporto. No caso específico da indústria do desporto, se bem que possamos analisar os casos do atletismo, basquetebol, andebol, ciclismo, voleibol, ténis, golfe, automobilismo, etc., o futebol é, indiscutivelmente, um fenómeno desportivo de massa que espelha os efeitos estruturantes das TIC e da globalização. No período de 1945-1975, se bem que o espaço-tempo da actividade económica da indústria do desporto já fosse acompanhada por um processo de socialização resultante da televisão, a sua repercussão efectiva ao nível global das diferentes sociedades contemporâneas era infinitamente menor, sendo na grande maioria dos casos esse processo assumido pela rádio e a imprensa escrita. Actualmente, o processo de socialização do futebol pela televisão é fenómeno global. As TIC pelo seu lado potenciam enormemente os efeitos mediáticos da televisão através da produção, distribui-

ção, troca e consumo de uma pluralidade quase infinita de uma série de bens e serviços identificados com indústria do futebol. São, na sua essência, bens e serviços analítico-simbólicos, envolvendo todos os aspectos da vida quotidiana dos indivíduos relativos a actividades lúdicas, profissionais e de lazer. As linguagens Web, assim como da Internet e da informática são manifestações inequívocas do crescimento gigantesco da indústria do futebol e de outros desportos.

M. C. Escher

Em segundo lugar, comparativamente ao período dos "trinta gloriosos anos do capitalismo", os actores envolvidos na indústria do desporto, e mais especificamente, no futebol assumem funções e tarefas cada vez mais complexas e abstractas devido às contingências e efeitos da globalização e das TIC. De facto, se pensarmos nos tempos áureos de Pelé, Kopa, Eusébio, Garrincha, Puskas, ou outro jogador de futebol de renome mundial, com o que ocorre com Cristiano Ronaldo, Figo, Beckem, Ronaldinho Gaúcho, Ronaldo, Messi e outras vedetas mundiais, há um abismo quase infinito que os separa. A natureza e o grau de capitalização envolvidos na capitalização destes jogadores são profundas e extensas. Actualmente, todos os jogadores de futebol, que já são ou aspiram a ser vedetas do mesmo gabarito, fazem parte da indústria de futebol que atingiu níveis de concorrência e competição mundial inauditas. Para os jogadores de futebol actuais ou potenciais o peso da indústria de serviços de desporto a montante e a jusante do futebol assume proporções gigantescas: saúde, educação, televisão, imprensa, publicidade, estética, moda, beleza, sexo, turismo, lazer, etc. A vida quotidiana dos jogadores de futebol, assim como a de todas as profissões que estão ligadas à indústria do futebol, aquando da sua produção, distribuição, troca e consumo, dizem-nos da diversidade imensa de funções e tarefas, das qualificações e competências, dos salários e rendimentos, do poder e prestígio, do crime e corrupção, violência, miséria e alienação que envolve todo esse processo.

Em terceiro lugar, o futebol, diferentemente do golfe e do ténis, enquanto fenómeno de estratificação e mobilidade social, tem a sua origem no operariado do final do século XIX nas sociedades que já tinham iniciado o seu processo de industrialização e de urbanização. Até à segunda guerra mundial o futebol era uma indústria incipiente. No período em que o processo de industrialização e de urbanização das sociedades atingiu o apogeu (1945-1975), a indústria do futebol desenvolveu-se bastante, mas não era o único caminho de mobilidade social na escala de estratificação social

do sistema capitalista. No contexto sócio-histórico do taylorismo e do fordismo atingiu-se o pleno emprego, como ainda as hipóteses, de adquirir novas competências e qualificações, cujas funções e tarefas obrigavam mais ao dispêndio de energia física de que informação e conhecimento.

Hoje, se pensarmos nos milhares de milhões de euros ou de dólares envolvidos no sistema financeiro mundial, em termos de lucros, propriedade, investimentos, compra e venda de acções, fusões e aquisições de jogadores e clubes desportivos, deduzimos da existência de tarefas e funções bastante distintas que obrigam à existência de competências e qualificações em que o conhecimento e a informação exigidas se sobrepõem drasticamente à energia empregue pelos jogadores nos estádios de futebol. Por outro lado, como já referimos, as contingências das TIC e da globalização ao evoluírem no mesmo sentido, geram o desemprego, a desqualificação e a precariedade da vinculação contratual das massas trabalhadoras que estão inseridas nas actividades económicas do sector industrial, agrícola e de serviços, cuja estrutura de custos de produção prima pela utilização matérias primas baseadas na energia física do factor de produção trabalho, em detrimento da informação e do conhecimento que, hipoteticamente, possua. Resultado, assiste-se à emergência de uma economia informal atravessada pela pobreza, miséria, crime e violência. Para todos os pobres e miseráveis do mundo, assim como para aqueles que procuram ou têm emprego, a indústria do futebol é uma miríade que estrutura um imaginário individual e colectivo de mobilidade e ascensão social positiva na actual crise do factor de produção trabalho no contexto da racionalidade instrumental do capitalismo.

Actualmente, no caso específico dos jogadores de futebol que auferem rendimentos fabulosos na União Europeia, e em outros continentes, a indústria de futebol exige deles a máxima inteligência intuitiva e o máximo esforço físico. Para ascenderam ao topo da estratificação social necessitam de informação e conhecimento que não têm, vendo-se, por essa razão, constrangidos a comprar esses serviços à indústria de futebol. Face à natureza da crise que atravessamos, grande parte das famílias que mergulharam na pobreza e na miséria tentam a sua salvação investindo no futebol, levando os seus filhos, desde pequeninos, para escolas ou clubes de futebol vocacionados para esse efeito. No actual contexto de desemprego e precariedade de vinculação contratual não são só os grupos sociais desfavorecidos que actuam desse modo. Os estratos sociais mais favorecidos, como são os casos da pequena e a média burguesia, para não falar da grande burguesia, embora actuem de forma menos explícita, também tentam evoluir no mesmo sentido com os seus filhos, sobretudo se estes não possuem a informação e o conhecimento que lhes permitam obter as competências e as qualificações exigidas pelo mercado global.

2. O consumo do desporto, como fenómeno da miséria e alienação humana

Para quem trabalha mais directamente na indústria do desporto e mais concretamente do futebol, para além dos jogadores, treinadores, preparadores físicos, médicos, roupeiros, apanha bolas, dirigentes desportivos, há também que referenciar aqueles que funcionam a montante e a jusante dessa indústria: empresários, comerciantes,

sociólogos, psicólogos, professores, economistas, analistas financeiros, contabilistas, gestores, jornalistas, arquitectos, engenheiros, programadores, analistas e operadores informáticos, pedreiros, jardineiros, padres, políticos, etc. Se juntarmos a estes a panóplia de assessores ligados às idiossincrasias cognitivas e emocionais dos futebolistas, as competências e as qualificações requeridas abrangem outros grupos sócio-profissionais que foram referidos.

Pela via dos grupos sócio-profissionais que trabalham directa e indirectamente na indústria do futebol, apercebemo-nos das tipologias qualitativas e quantitativas de informação, energia e conhecimento humano que integram a matéria-prima e a sua consequente transformação em serviços de desporto. Este processo é simultaneamente um processo de trabalho, na qual milhares de milhões de seres humanos estão envolvidos, sobretudo se focarmos a centralidade do factor de produção trabalho como actor de produção, distribuição, troca e consumo de bens e serviços de desporto que envolvem informação, energia e conhecimento humano.

Basquiat, 1982

Quando focamos especificamente o acto de consumo da indústria do desporto futebol estamos a pensar que no planeta Terra como um todo e como probabilidade potencial de 6,5 mil milhões de consumidores da indústria de serviços de desporto. Todavia, se já focamos que são serviços imateriais de características analítico-simbólicas, o espaço-tempo da produção, distribuição, troca e consumo através das TIC e da sua consequente padronização espacio-temporal aos níveis local, regional e mundial só é possível quando existe a coincidência do espaço-tempo virtual com o espaço-tempo real. Assim sendo, ver e consumir um jogo de futebol directamente num estádio de futebol, cada individuo que assiste a esse espectáculo é uma entidade concreta, porque está presente em situação de co-presença física e de interconhecimento com o espaço-tempo real do jogo de futebol que está a presenciar e a consumir. Nestas condições, na minha opinião, estamos perante as fronteiras espaciais e temporais bem definidas no que toca o consumo de serviços da indústria do futebol e do desporto em geral.

Não podemos utilizar este mesmo raciocínio quando estamos a ver o futebol através da televisão, das nanotecnologias, das linguagens Web ou da Internet. Sendo todos nós, em última instância, consumidores do desporto futebol, se olharmos bem para a energia, conhecimento e informação

que despendemos durante os processos de interacção que mantemos com a televisão, nanotecnologias, linguagens Web e Internet, estamos, ainda que indirectamente, a participar no espaço-tempo confinado à produção, distribuição e troca de futebol pela via das contingências das TIC e da globalização.

Assistindo a um jogo de futebol do Campeonato Europeu actualmente em curso em qualquer dessas modalidades, eu sou um actor singular abstracto e complexo que permite a socialização efectiva e atempada de um jogo de futebol entre Portugal e a Turquia. Nos nossos dias, essa realidade tornou-se possível, na estrita medida em que eu como espectador categorizei a informação, o conhecimento e energia da cabeçada ou do pontapé na bola do jogador que marcou golo através da coincidência do espaço-tempo real com o espaço-tempo virtual. Nesse segundo ou minuto em que decorreu a jogada completa que deu origem ao golo, fui eu que socializei através dos meus órgãos sensoriais a produção, distribuição, troca e consumo desse serviço analítico simbólico. Quando manipulo os mecanismos, descodifico ou codifico as linguagens das TIC, sou eu que intervenho na produção, distribuição, troca e consumo do desporto futebol.

Se estamos a discernir sobre serviços da indústria de serviços desporto centrado no futebol, o imaterial e o analítico-simbólico do jogo, do lúdico, da lazer e da profissão leva-nos para o mundo do profano religioso, dos valores, da moral e das ideologias as políticas. A racionalidade instrumental do capitalismo para que haja eficiência máxima nos diferentes espaços-tempos da produção, distribuição, troca e consumo de bens e serviços de desporto necessita de actores altamente compulsivos e competitivos. A partir do momento em que a ideologia e os valores associados à indústria desporto futebol prevalecem como a hipótese de privilégios e enriquecimento, como qualquer indivíduo, sem excepção, que acompanhe os ditames do factor produção trabalho quer ser o maior futebolista, porque só assim pode ter trabalho, emprego, salário e, logicamente, consumir objectos de forma exponencial. Estes são os actores que funcionam como os proletários básicos da indústria do futebol, mas são provavelmente os que consomem bens e serviços de outras actividades económicas.

Aqueles que estão no desemprego ou em vinculação contratual precária, não têm qualificações ou competências para ser jogadores de futebol são meros espectadores e consumidores da mercadoria futebol. Não tendo vocação ou probabilidade de ser jogador de futebol efectivo e eficiente, é um homem frustrado e um vencido que se projecta nos valores da pátria, do clube e do jogador que simboliza as figuras em-

UTP25.pmd 41 25-07-2008, 7:36

blemáticas dos heróis e dos deuses terrestres. Sendo pobre, levando uma vida sem sentido, cheio de frustrações, entrega-se compulsiva e apaixonadamente aos deuses e heróis terrenos.

De semana a semana discute os resultados e as vivências de cada jogo, de seguida preocupa-se sobre os resultados possíveis dos próximos jogos. Por outro lado, informa-se sobre quanto ganha, do que veste e calça o seu jogador preferido. Sabe tudo sobre a família, a origem social, as capacidades técnicas de cada jogador e treinador. Enfim, como acontece actualmente, assiste de forma compulsiva ao consumo do espectáculo mediático e miserável dos "medias" da pátria portuguesa a jogar futebol. Viaja, mobiliza-se, motiva-se, chora de raiva e alegria, grita "heróis do mar, contra os canhões marchar".

Basquiat, 1982

Entretanto, essa massa alienante e atomizada que só sobrevive, sabe e luta para consumir objectos de diferente qualidade e quantidade, não sabe nada sobre a sua vida correlacionada com as contingências das TIC e da globalização, nomeadamente no que concerne o presente e o futuro das suas qualificações e competências que lhes permite ter ou não trabalho, emprego, salário e rendimento no quadro da racionalidade instrumental do capitalismo.

Não sabendo alimentar o cérebro, mas quase só o corpo, resta-lhe vegetar e alienar-se com espectáculo mediático do futebol. Diferente daqueles que acreditam em qualquer religião, os rituais, espectáculos e sacrifícios associados à indústria do futebol implicam que a generalidade da massa de espectadores desse desporto sejam não mais de que meros escravos compulsivos de consumo da reprodução da sua miséria e pobreza existencial.

Com Erupção

João Meirinhos

À beira da vertigem do “decisivo” Euro 2008 – e consequente insana monopolização mediática do evento – a mim, dá-me para comparar tal frenética actualidade com a plenitude civilizacional da Grécia Antiga. Constantemente citada em livros de História, em todas as cadeiras universitárias de Humanidades e utilizada como mote para diversas criações artísticas contemporâneas. Só que, reflectindo bem, não vejo nenhuma das suas possíveis influências clássicas na mentalidade lucro-celular do Ocidente.

O legado helénico foi conspurcado e perdido no tempo, tal como as vanguardas artísticas dos anos 20 o serão, o Holocausto, os desastres nucleares do pós-guerra, o Maio de 68, o 25 de Abril, a Queda do Muro de Berlim, o Apartheid, o 11 de Setembro, etc. É eternamente necessário irmo-nos lembrando uns aos outros das tragédias e sucessos do passado; ou seremos todos digeridos pela maré moderna de hedonismo cego, entretenimento amnésico e constantes inovações tecnológicas que (consciente ou inconscientemente, pouco interessa), nos mantêm numa redoma urbana de escravidão e falsa felicidade artificializada através da obsessão material (como se da busca pelo Santo Graal se tratasse).

Para os valores Gregos a subsistência física e intelectual era fulcral para o harmonioso desenvolvimento dos jovens. Agora delegamos a educação para o homogeneizante sistema escolar que toma a média como conclusão e a triagem como solução.

Chegada a idade adulta, os vícios da cidade apoderam-se da maioria; seja o álcool, café, tabaco, droga e vendas afins. As movimentações automóveis são autos-de-fé poluidores entre filas solitárias durante as horas de pressa. Proliferam os ginásios à hora do almoço; os workshops de

danças multiculturais de países "em desenvolvimento" do Terceiro Mundo; o yoga sem espiritualidade adjacente; o culto dos esteróides, anorexia e metrosexualidade, com vista ao sexo difícil nas noites anónimas da Babilónia auto-destrutiva.

A saúde é delegada para o plano dos check-ups hipocondríacos e dos seguros de família. Muita gente mantém certos hobbies desportivos uma vez por fim-de-semana para conquistar a consciência limpa de que está em óptima forma. No fundo, quem explica às nossas crianças a roda dos alimentos não são as ciências naturais mas sim, as publicidades sub-reptícias de multinacionais estrangeiras nos Morangos com Açúcar – entre outras iliteracias televisivas – que substituem a comunicação directa.

Este texto não passa de outra redundância revoltadamente cliché contra a insistência governamental – que não tem coragem de cortar radicalmente com as directivas europeias – quiçá, penitência por um equilíbrio monetário hipócrita – porque o conceito de capitalismo é incapaz de funcionar com igualdade entre sectores de consumo e produção – favorecendo a disparidade crescente e invisível entre classes sociais.

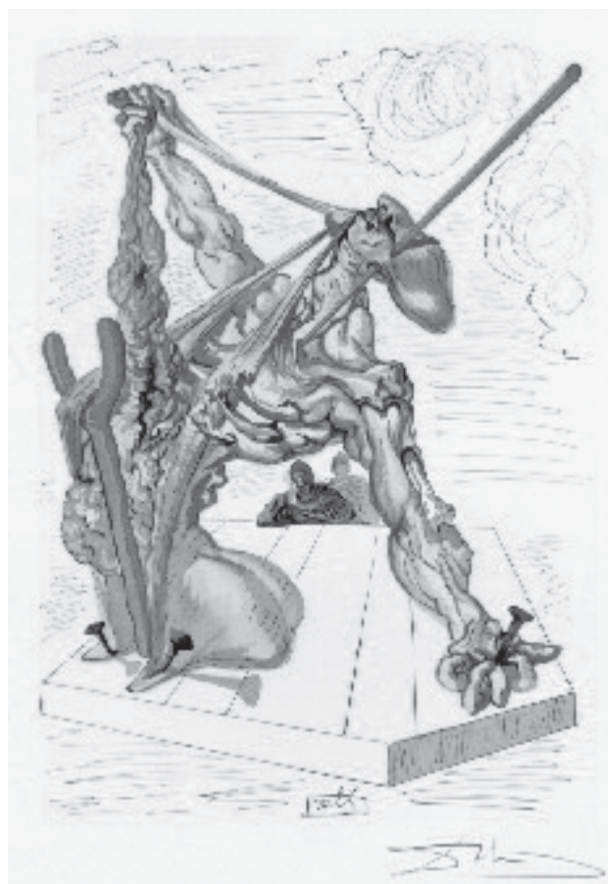
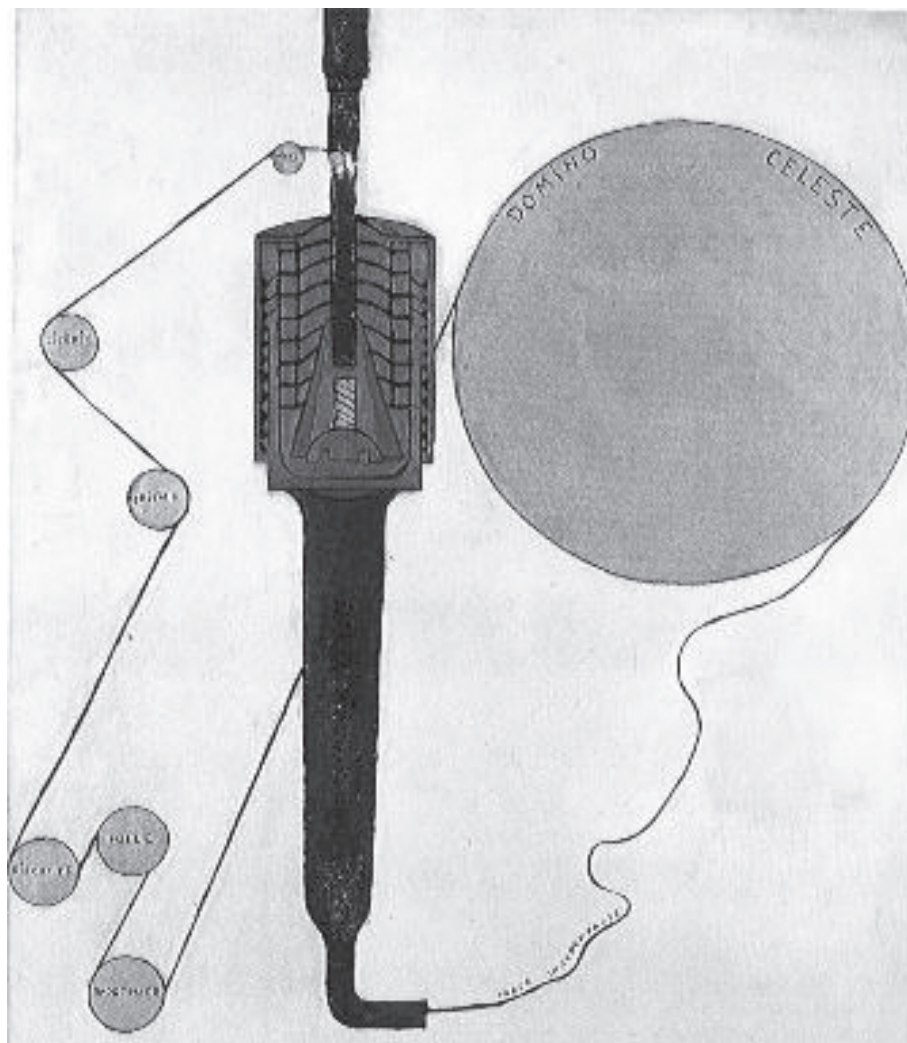
Mas, é inevitável e louvável não nos cansarmos, nem nos deixarmos derrubar pela persistência das maiorias socialmente correctas e, insistirmos no que temos a certeza ser a via correcta de como agir, naturalmente e, sempre contra o projecto que outros propõem em nosso nome como a única forma de sobrevivência possível. Sendo a pobreza e a ameaça de uma velhice em miséria absoluta uma espécie condenação ao Inferno, semelhante à Inquisição.

As idiossincrasias etnocêntricas também se verificam através do desporto para as massas. Sendo, em Portugal, o futebol, exemplo crasso de favoritismo monetário e chocante corrupção empresarial – frente a todos os outros tipos de desportos que existem e, as milhentas de variadas direcções provavelmente mais decisivas para onde essas toneladas de dinheiro poderiam ser escoadas. Para além de reflectirem um país de fala-baratos sem auto-estima nem seriedade de alguma que, apesar das estrondosas dificuldades, aperta-se e aguenta-se ao máximo sem fazer greves gerais que paralisariam o país, nem queimar viaturas que custem mais que o seu ordenado anual (porque nunca estamos suficientemente informados para apresentarmos reformulações aos problemas e, simplesmente, seguimos a manada).

Somos, no entanto, ainda capazes de entrar em delírio (generalizado e manipulado) com este vindouro campeonato europeu, para libertarmos as energias recalcadas pela passividade da rotina; para escaparmos aos dogmas e tabus que durante o resto do ano propagamos por hábito aos outros; e, para nos sentirmos portugueses por algum

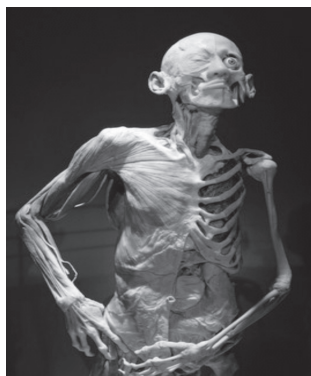
motivo de orgulho (para variar), juntos por um ideal comum – já que a liberdade já é dado adquirido que pensamos que veio para ficar para sempre (não estejam tão certos disso, a História é cíclica, lembram-se?).

A mudança começa nas acções diárias de cada um! Ande de bicicleta e a pé; boicote as grandes marcas; gaste o seu dinheiro no comércio tradicional; ponha tudo em questão; rasgue as regras com que não concorda; seja você mesmo e não uma imagem pré-fabricada do que acha que os outros gostariam de ver em si; reflexão e acção; aqui e agora; **JÁ!!!!!!!**

Sinceramente, e perdoem-me a falta de nacionalismo (vulgo traição), mas a mim pouco me importa a participação da selecção e, quero tanto saber disso quanto das porradas políticas vigentes na Assembleia da República que, nunca chegarão a lado nenhum de concreto para além de ginástica retórica e rotativa por poder e influência, repito: absolutamente nada! Meras ilusões efémeras, enquanto o verdadeiro reflexo da vida passa a preto e branco em plano de fundo, com o realizador e o produtor a rirem-se do jogo fácil que lhes calhou, enquanto a equipa técnica compreende o que se passa e não faz nada!

“Voglio un mondo in cui na gioia di vivere non sia solo il privilegio di pochi”

Francis Picabia, 1919

Fast Sport

GUADALUPE SUBTIL

Tudo hoje é fast e se pensa o contrário é porque se quer enganar a si próprio. A onda é mesmo "All You Need is FAST and Not Love". Não acredita? Vejamos!

Pensa-se fast.
Escreve-se fast.
Critica-se fast.
Dorme-se fast.
Sente-se fast.
Consome-se fast.
Trabalha-se fast (não importa mais se cinco-seis horas ou se dez-doze horas, tem é de ser trabalho fast).

Anda-se fast, a pé, de carro ou mesmo de autocarro. Aqui as quedas fast são hilariantes e as zangas com o condutor também são fast.

Fala-se fast uns com os outros. Oralmente pouco e de preferência via telemóvel ou via msg (vulgo mensagens) tecladas de tal forma fast que as palavras já não podem ser totalmente escritas porque senão lá se ia o fast e perdia-se a resposta fast que tanto se espera.

Teclamos fast.

Vimos TV fast, sem ver coisa nenhuma pois os canais oferecidos são mais de mil. Tudo na cama é fast, não há tempo a perder, sendo o tempo muito, mas mesmo muito fast, sobretudo aqui porque as emoções não se coadunam com tempos fast.

Levantamo-nos fast.

Refazemo-nos fast de todas as indignações diárias, sejam elas mortes de quem quer que seja, sejam os atentados

a direitos humanos ou não, adquiridos ou não, sejam tratarem-nos como gado fast, seja.....

Geramos crianças fast que já não chegam aos nove meses porque é mais engraçado nascerem na data fast que escolhemos por ser fetiche disto ou daquilo. Criamos crianças fast que com 3-4 meses dão entrada no seu primeiro posto de trabalho fast, cheio de horários e outras coisas bem adultas. Crianças fast que com cinco meses já sabem acender a TV ou o vídeo, que com um ano nos pedem para ir comer fast porque o fast dá coisas que o anti-fast não dá e porque é aí que estão todos os amiguinhos fast e que com três anos já têm festas fast de finalistas do primeiro posto de muitos que se seguirão na hierarquia aceite da sua educação.

Enfim!

Tanto fast para chegar onde? À última moda. A do **fast sport**. Não sabem o que é? Então procurem rapidamente o sentido e significado de termos como:

BARRIGA KILLER;
ACADEMIA ABATE QUILOS;
HOLMES SPACE;
QUILOTERAPIA;
RELAXE TOTAL (não é colchão);
CORPOS DANONE;
CORPUS EXCELLENCE;

A a Z... – TERAPIA (Talassoterapia, Massoterapia, Musculoterapia, Saboroterapia, Cheiroterapia, Toqueterapia, e tudo o mais acabado em pia). Tudo o que encontrar e que acabe em pia terá certamente a ver com o fast sport.

Não havendo tempo para caminhar de forma não fast, para ler não fast, para conversar não fast, para namorar não fast, para viver não fast, as sugestões são e vão cada vez mais no sentido de colmatar todas essas ansiedades do não fast dentro de um espaço onde tudo o que se faz seja tudo menos desporto, embora tudo e todos convencendo que é desporto. **É o fast sport**.

Não se vai a todos os **fast sport sítios** por necessidade física mas, antes, mental, psicológica e humana, para se ficar com a ideia de que se pratica um desporto sem as exigências que o mesmo, quando não era fast, exigia. E é ver tantos e tantas a dirigirem-se todos os dias para essas "catedrais do abate de quilos e banhas a mais" conseguidos com a vida fast (vulgo sedentária) que a maioria leva. Mas a lá ir é de carro porque é mais fast e porque a pé ou de autocarro seria anti-fast.

A qualquer hora do dia é ver tantos e tantas a entrar nas "catedrais" do fast sport e fastmente (isto é, rapidamente) procurarem o primeiro acento livre para nele depositarem o seu traseiro e iniciarem a sua sessão fast desportiva, porque não há tempo a gastar (por vezes a hora de almoço tem de ser mesmo muito fast com a prática do fast sport e fast food em simultâneo). E como se pratica o fast sport nestas "catedrais"? Sentado de preferência claro, e colocando os pezinhos nuns pedais algures (são muitos os espalhados por todos os lados), que há que tentar desesperadamente movimentar em círculo durante 15 a 20 minutos. Mas

tudo isto tem de ser feito bem instalado e sentado, para além de parado e, sempre que possível fazendo fast outra coisa como por exemplo, falar ao telemóvel com a e b ou a consumir fast qualquer coisa. São muitos os que tentam complementar a sessão "do pedal" com uns levantamentos de uns pesos que por ali andam (ao quilo) para mexer os bracitos com o corpo parado, ou então corre-se parado, ou anda-se parado ou mais isto ou aquilo, mas nada que dê cabo do corpinho para o resto do dia ou da semana.

Querem melhor prática desportiva que o fast sport? Tudo feito no mesmo sítio, paradinhos, só dar ao pedal, falar com a e b que já conhecemos da frequência dessa "catedral", durante 20 a 30 minutos ou mais se se quiser (porque só há que pagar o fast tempo que se consumir do local) e depois voltar à nossa vidinha fast mais fast contentinhos por termos feito fast sport?

O Fast Sport, á semelhança da fast food, tende a tornar-se uma prática global ou glocal ou reglocal, não sabemos bem, mas que se propagam por todos os sítios estas "catedrais" é uma verdade. A prática do fast sport vende-se cada vez mais como a solução mágica para os "males da alma e do físico", assim como a fast food se vende como a solução mágica para a barriga quando a preguiça do mastigar é grande e quando a alternativa seria fazer outra comida bem melhor mas menos fast.

Com o fast sport e a fast food teremos certamente, nos anos vindouros, **seres mais "FASTSÃOS" de corpo e alma** à semelhança do que a velha máxima dizia "ALMAS SANAS IN CORPUS SANOS" (não sei se era assim mas andava lá perto).

Com o FAST seja do que for, seremos mais fast em tudo e quanto mais fast em tudo mais alucinados e mais ansiosos por mais fast coisas que nem imaginamos a fastidez com que têm de ser criadas e produzidas para que o fast não se interrompa porque senão alguns "lentinhos" que não conseguem apanhar o "fast comboio" podem pôr-se a pensar em coisas menos fast e lá se vai a fast vida que estava a dar tanto jeito a tanto fast lucro e tão fácil para tanta gente. Não perceberam nada? É porque não são fast e terão de ir tratar-se rapidamente sob pena de serem os ditos "lentinhos", isto é, os "conservadores de um fast futuro".

FAST PARTA! Estou farta deste artigo porque me cansou pensá-lo fast, escrevê-lo fast e porque prezo muito as práticas anti-fast como: olhar paisagens não fast, esticar-me na areia horas sem fim a ouvir o mar ou a andar horas até cair de cansaço, ler até que me apeteça, dançar até que a noite acabe, conversar e discutir até que a voz doa, comer do que se fez brincando e se experimentou de novo, sei lá tudo o que não tem tempo nem lugar como o meditar. Gosto ainda de praticar desporto anti fast (andar horas a pé lado a lado a conversar), comer anti fast, amar anti fast (sem horas), conversar anti fast (sem horas), ler anti fast (no papel mesmo). Ainda sou das que gosta de falar olhos nos olhos e escrever cartas à mão para meter nos correios com selo e endereço.

UFF! Termino por aqui porque o fast sport é um sport da treta. Qualquer sport sério não carece de pia no fim.

GIVE ME 100
GIVE ME 100
GIVE ME 100
GIVE ME 100
COACH
OLYMPICS TRAINING REGIMEN

O Maio de 68
e os *enragés* do futebol

ZINE & DINE

«O futebol aos futebolistas», «A Federação, propriedade de 600.000 futebolistas», estas reivindicações não têm a difusão dos slogans operários ou estudantis de Maio de 1968. E no entanto, estas bandeirolas preencheram a fachada de um imóvel da avenida de Iéna, em Paris, após o Maio de 68 do futebol. Durante seis dias (de 22 a 27), uma trintena de futebolistas amadores parisienses ocuparam o número 60, sede da Federação Francesa de Futebol (FFF). A ocupação deste imóvel do XVI bairro foi da iniciativa dos jornalistas do *Miroir du Football*, um semanário do grupo de imprensa comunista Miroir Sprint.

O movimento não vem da base, mesmo que estes jornalistas tenham uma carteira profissional, mas de «intelectuais» do futebol. «Traduziram em actos o que faziam na sua vida profissional», analisa Gaston, antigo internacional júnior que se dividia entre a ocupação numa tipografia em Maisons-Alfort e a avenida de Iéna. Paulo, que reencontrou o grupo do *Miroir* nos terrenos do futebol de domingo, acrescenta: «No jornal, batiam-se contra o poder da Federação e do dinheiro. Decidiram, então, tomar a cidadela.»

Estes *«sacanas com pitons»* ocuparam a FFF e, crime de lesa-majestade, ousaram sequestrar, durante meio-dia, o seleccionador nacional, Georges Boulogne e o secretário-geral da Federação, Pierre Delaunay. Os dois cristalizam uma parte das reivindicações do Comité de Acção dos Futebolistas. Boulogne, homem autoritário, põe em lugar cimeiro um futebol de rigor, de disciplina e de envolvimento físico. Em suma, forma pequenos soldados. Longe dos preceitos dos jornalistas do *Miroir*, adeptos do jogo bonito.

Quanto a Delaunay, simboliza o nepotismo do futebol francês. «Deve o seu posto de secretário-geral da Federação à hereditariedade (como um vulgar Luís XVI), porque foi nomeado a título de filho do seu pai, titular da função anterior!» afirma-se no panfleto-programa destes *enragés* do futebol.

Os dirigentes da Federação, tratados como «pontífices», reduzem os futebolistas profissionais a escravos. Em 68, um profissional estava ligado ao seu clube até aos 35 anos. Este «contrato esclavagista», denunciado desde 1963 pelo internacional Raymond Kopa, permite aos dirigentes «vender o jogador como mercadoria, pela melhor oferta, sem mesmo o consultar», segundo Alfred Wahl. Estamos longe da situação actual onde uma grande maioria dos futebolistas profissionais fazem subir a sua cotação entre os clubes a fim de fazerem acordos com os que melhor lhes pagarem. Os dirigentes do futebol francês são, também, acusados de corrupção.

O movimento teve fraco impacto na imprensa, mesmo que alguns jornais o tenham salientado. Foi graças à rádio que Gaston reuniu os ocupantes: «Ocupei a FFF porque não pensava que o mundo do futebol pudesse ser capaz de um gesto tão audacioso, tão extraordinário.» Os jogadores profissionais também apoiaram os *enragés* do futebol. O internacional Just Fontaine assumirá a presidência da Associação francesa de futebolistas, criada após o Maio 68.

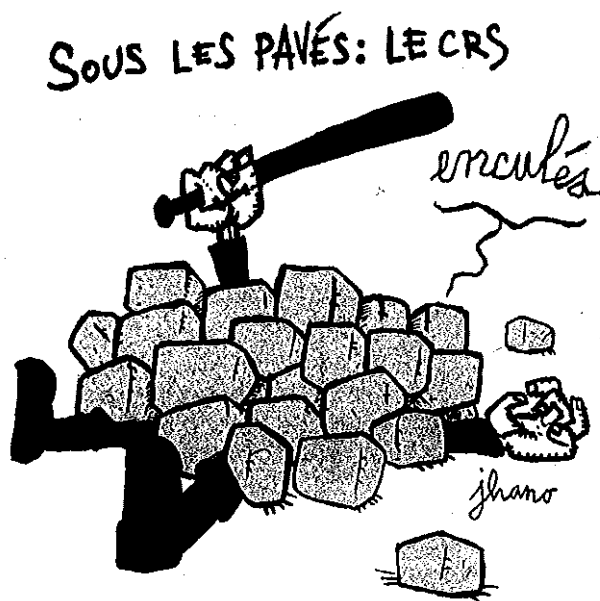
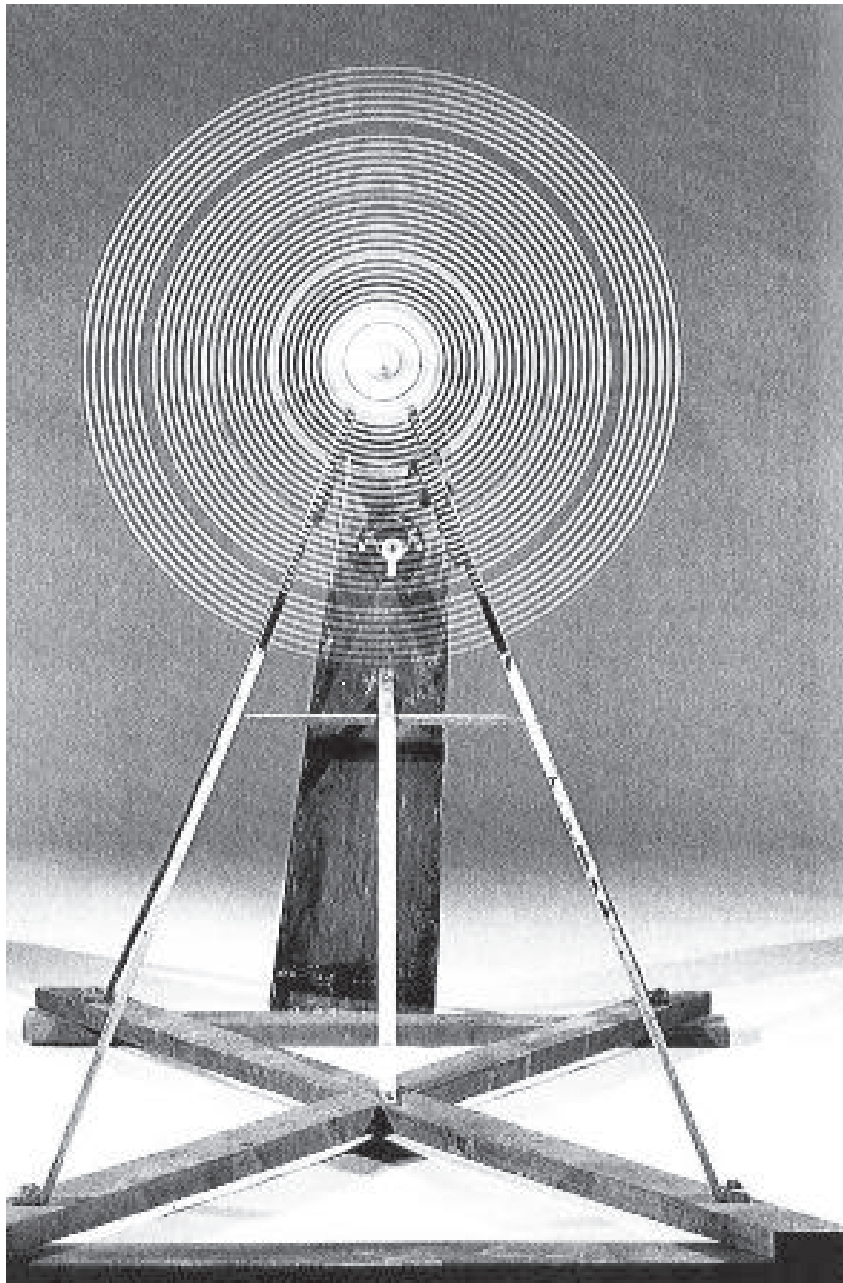
Se a tomada da Federação é pouco conhecida, sacudiu, no entanto, o mundo do futebol francês. O contrato vitalício desapareceu, um ano depois, substituído por um «contrato de duração livremente determinada». Contudo, em 1972, uma greve de jogadores profissionais foi necessária para preservar este contrato particular ameaçado pelos presidentes dos clubes. Esta segunda mobilização está na origem da Carta do Futebolista (1973). Os jogadores obtiveram, também, a supressão da licença B que impedia os futebolistas amadores de mudar de clube com toda a liberdade. Algumas cabeças rolaram na FFF. Os jogadores e treinadores apareceram no seio das instâncias dirigentes e conseguiu-se uma melhor representação dos clubes de todos os níveis. Tal como

a luta, mesmo nos lugares mais inesperados, paga-se!

As instâncias do futebol bem tentaram reprimir os fazedores da mudança. André, jogador profissional do Red Star de Saint-Ouen, teve dificuldades em encontrar um clube no fim do seu contrato: «Era esquerdista.» «A Liga de Paris, a mais envolvida, tentou levantar-nos um processo desportivo. A sua intenção era interditar os licenciados de retomar a competição em Setembro de 1968.» «Foi o meu caso, reconhece Gaston, a minha licença foi retida. Mas, numa medida de clemência, readquirimos as nossas licenças para os primeiros jogos do campeonato.»

Este movimento é desconhecido dos intervenientes de Maio de 1968, sobretudo, dos futebolistas amadores ou profissionais. A razão é simples para Gaston: «O mundo do trabalho era solicitado por outras prioridades. E o mundo do futebol não era muito politizado, nem muito reivindicativo.»

«Isso perdeu-se no conjunto das reivindicações da época», acrescenta Paulo. Os dois nostálgicos desta época. Hoje, o negócio do futebol liquidou, em grande parte, a herança de Maio 68. Fica o facto de que estes *«sacanas com pitons»* puseram o pé sobre os maus do futebol, os quais foram piorando com o tempo: autocratismo e nepotismo dos caciques, todo o poder à massa, futebolista mercadoria. Mas, sabemos desde os tempos da Velha Roma que a tranquilidade dos poderes passa, muitas vezes, por pão e jogos! Além disso, e é essencial uma tal diversão, demonstra bem a profundidade do movimento de Maio que, no futebol como noutras actividades tocou, sem infelizmente matar, a besta imunda do poder e do dinheiro.

Tradução de **Ilídio dos Santos**
(*Monde Libertaire*, hors-serie nº 34, du 1er mai au 11 juin)

Marcel Duchamp, 1920

A sociedade industrial dificulta a actividade física

José Janela

A actividade física é necessária para uma boa saúde física e mental. A prática do desporto constitui uma possibilidade de desenvolver a actividade física.

A sociedade de consumo fez do automóvel um bem desejável. O número de automóveis tem aumentado muito nos últimos 18 anos em Portugal. A malha urbana das cidades tem feito com que a distância entre o local de residência e o local de trabalho aumentasse. Esse crescimento dos subúrbios não foi acompanhado de serviços públicos de transporte que satisfaçam as pessoas. Se um casal da linha de Sintra tiver um automóvel a diesel gasta menos do que com dois passes sociais, por exemplo.

Isto fez com que os automóveis ocupassem espaços naturais nas cidades e em seu redor com estradas e auto-estradas. A zona de Lisboa, por exemplo, é a zona da Europa com mais auto-estradas. A área das estradas e auto-estradas é uma área que fica impermeabilizada, que é retirada à natureza e que é dedicada à circulação automóvel. As grandes empresas de construção civil têm interesses nisto, pois a construção de auto-estradas vai-lhes trazer lucros fabulosos e assim recuperam largamente o dinheiro investido a pagar as campanhas eleitorais dos partidos políticos. E ainda há, a ajudar a que se mantenha esse estado de coisas, a mentalidade tacanha que considera que uma auto-estrada é sinónimo de progresso.

Isto faz com que as deslocações a pé sejam menos frequentes. Há também cada vez menos sítios onde se possa caminhar, correr ou andar de bicicleta em segurança. Tudo isso dificulta uma actividade física natural.

Os automóveis ocupam a via pública em todas as ruas. Há umas décadas era muito frequentes as crianças jogarem à bola na rua. Actualmente esse espaço de uso público está congestionado de automóveis. As praças foram transformadas em parques de estacionamento. As ruas foram transformadas em estradas. Os próprios passeios são galgados pelos carros que ficam estacionados, obrigando ao desvio para o alcatrão dos peões (as pessoas a pé são de facto designadas por «peões», quais peças de hierarquia inferior num jogo de xadrez…).

É frequente considerar-se o facto de andar a pé ou de bicicleta como um atributo das classes sociais inferiores, como algo que não é de bom-tom. Pelo contrário, o acto de andar de automóvel particular é sinónimo de status elevado. As indústrias automóvel e petrolífera têm interesses em que se mantenha este estado de coisas.

Há por vezes também outros condicionalismos sociais: um amigo dizia que gostaria de ir a pé para o trabalho (cerca de 30 minutos), mas transpirava. De facto qualquer esforço físico provoca o aquecimento do corpo, e um mecanismo natural de arrefecimento é a produção de suor. Este é também um condicionalismo cultural que inibe a actividade física natural. Mas como é um condicionalismo cultural é passível de ser mudado pela mudança de mentalidades.

O facto de ter deixado de haver espaço para as crianças brincarem livremente tem contribuído a que passem mais tempos em frente à televisão ou de jogos electrónicos. Isto tem contribuído para o sedentarismo e o preocupante aumento da obesidade infantil e juvenil e os problemas de saúde associados. A cadeia multinacional de restaurantes MacDonalds até oferece jogos electrónicos com o *Happy Meal*, ementa de comida rápida cujo «público-alvo» são as crianças.

Ironia das ironias, as grandes marcas de jogos electrónicos têm todas jogos de desporto. São feitos jogos especialmente por ocasião dos grandes campeonatos de futebol. Em vez de as crianças e os jovens se divertirem a dar pontapés numa bola e a correr atrás dela, simulam um jogo com uma bola virtual, com jogadores virtuais, mas com aparência de sósias de vedetas do futebol. Todos os jogos terão de estar de acordo com o que foi previamente estabelecido em contratos comerciais entre os organizadores dos grandes campeonatos desportivos e os fabricantes de jogos electrónicos.

A obesidade resulta da falta de actividade física, aliada à alimentação muito rica em calorias, que é impingida pela publicidade e pela apresentação constante de produtos hipercalóricos em diversos contextos, como na escola por exemplo.

Fruto de vários condicionalismos têm-se desenvolvido ginásios que surgem por um lado como um local onde se pode praticar desporto fora dos locais onde circulam automóveis, por outro lado pela pressão da sociedade em se ter um corpo perfeito. Corre-se numa passadeira que funciona a electricidade, aumentando o consumo energético e emitindo indirectamente gases com efeito de estufa, pois a electricidade é produzida em grande parte a partir da combustão do carvão.

Está-se mesmo a ver que não é sustentável esse tipo de actividade, pois os habitantes do planeta não podem ter todos este comportamento, pois os recursos energéticos e materiais não seriam suficientes para satisfazer todos.

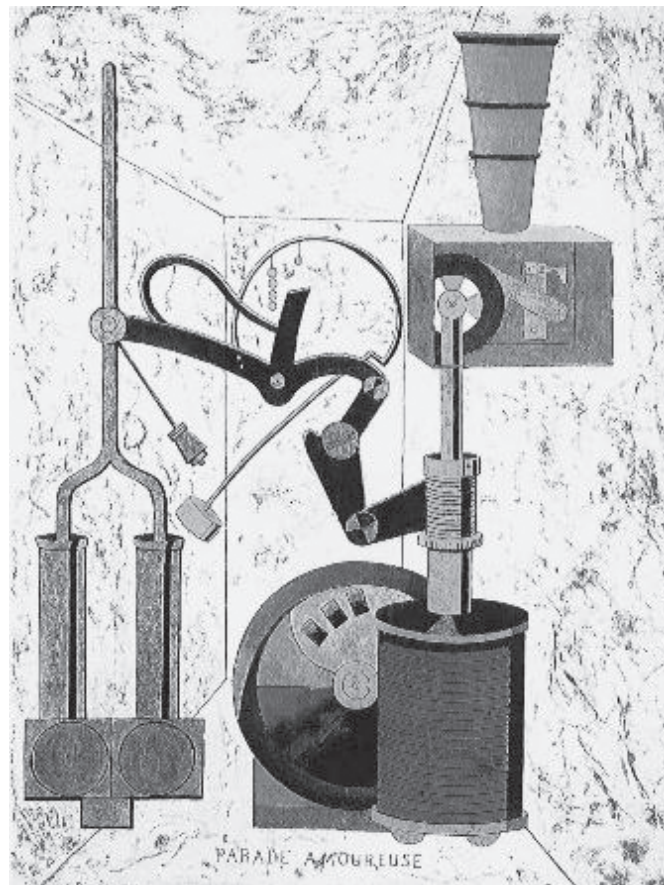
Os desportos colectivos são uma forma de manter a actividade física para quem

os pratica e permitem uma sã camaradagem entre as pessoas. Mas o espectáculo dos desportos colectivos como o futebol assume contornos que nada tem a ver com actividade física dos espectadores. Tem todas as características da globalização capitalista: há a associação com vista ao lucro e utilizando a rede de produção e distribuição e vendas que juntam os organizadores dos campeonatos desportivos com as cadeias de televisão (e outros *mass media*), as multinacionais de jogos electrónicos, de roupa desportiva, de bolas, e de toda uma parafernália de objectos associados a equipas desportivas como bandeiras, lenços, chapéus, porta-chaves, copos e demais objectos que se possam imaginar para serem vendidos, usados numa bancada, coleccionados ou simplesmente amontoados junto de outros objectos inúteis. E há a forte ligação a todas as outras mercadorias através dos «patrocinadores oficiais» (bebidas, automóveis, seguradoras, etc.).

Este é um negócio, ou uma associação de negócios em rede, que junta a exploração de recursos naturais para a produção de mercadorias, a exploração do homem pelo homem para produzir a preços competitivos e a alienação das massas que consomem esses produtos e esse espectáculo.

Os desportos de massas são o circo moderno, que em conjunto com o mínimo de pão permitem manter o povo manso. E os governantes sabem-no bem: é vê-los todos nas finais dos grandes campeonatos.

A superação desta e de outras alienações permitirá uma tomada de consciência, necessária para derrubar os poderes instituídos que mantêm a humanidade sob o seu jugo e exploram de forma insustentável os recursos naturais do planeta Terra.

UTP25.pmd 57 25-07-2008, 7:37

30 000 € para conseguir manter a Livraria **Lautodidacte.org**

Aberta em Outubro de 2000 pelo grupo Proudhon da Federação Anarquista, a Livraria **Lautodidacte.org** (5 rue Marulaz 25000 Besançon – http://lautodidacte.org) impôs-se como um local de debate político, de encontro e de cultura viva.

Pequenas editoras, artistas, escritores, militantes aí se sucederam. Citemos, entre outros, Cesare Battisti, Mathieu Ferré, Jean Bernard Pouy, Maurice Rajsfus, Louis Arti.

Hoje, esta iniciativa corre o risco de terminar, já que o local está à venda. Decidimos antecipar-nos e comprar o local para continuar a aventura. Eis porque lançamos a partir de hoje uma subscrição para conseguirmos a verba que nos falta = 30 000 €uros.

Se entenderes que a existência da **Lautodidacte.org** é necessária nestes tempos de reacção galopante, podes participar nesta subscrição e levar outros a participar também. Um somatório de pequenas contribuições pode no fim levar ao valor que precisamos.

Coordenadas Bancárias: Librairie LAutodidacte.org, Crédit Lyonnais
Nº de Compte: 0000483629Q clé rib: 63
Code banque 30002; Code Guichet 05500; Domiciliation CL Besançon
IBAN FR68 3000 2055 0048 3629 1171 Q63
BIC (adresse swift) CRLYFRPP

Indicar a origem do donativo

Quimicoterapia 8

João Meirinhos

Qual a derradeira melodia que finalizará com
a quinquilharia eclética espremente em sabedoria
de mitos tabaqueiros decidirem os códigos postais?
Tanta hiperactividade preguiçosa irá vigilante
suceder em amassar a amálgama de ardósias evocadas
à doxa da dança, suscita em trapaceiros assoberbáveis
benéfico quinhão de arborescência intuitiva, dantes
ouvi e corri a apanhar serões de sinos doutros países,
agora glossolálio de à é ih ó uuh quando a manipulação
informatiza colóquios extraordinários de gás hilariante.

Dificulta esquecer ou inscrever, é original visionar
slides em mechas sedimentadas de pentelhos papais,
a criação passa a ser mutilação, redireccionando o músculo
até à tomada da calma formatada pelos técnicos intrigados
perante a inicial insípida virgindade da freira auxiliar,
quer fãs que lhe esfreguem a hóstia rancheira, enquanto
engole a tigela imaculada e debita os dogmas da cartilha
curva-se sob o pinguim robusto, suplica misericórdia,
zomba com ira do préstimo precoce do padre da freguesia e,
à medida que o odor a cebola e couves estragadas se adensa,
fica aprisionada pelo albergue orgásmico do enchido africano,
invoca os equívocos do arsénico catolicismo e velozmente
decide filiar-se de emergência na sexociação agro-pecuária.

Comerei só seitan de atum em lata com pasta instantânea
para te provar que dispenso com desprezo as regalias com
que a reforma escalável me possa condecorar, imponham
igualdade ao direito de escolha na disparidade, pois bebés
são conspurcados por abomináveis almas corrompidas
pelo fim-da-fome em sua Bastilha e estatísticas, derrubam
campanhas de persuasão, são úteis vírgulas suprimidas por
reticências narcisistas molhadas em benzeno, olham apenas
à sanita de prata que treme cúmplice nos ghettos induzidos
a fetos como sanção que vaticina de cordeiros os acossados.

As fundações do monumento reagem com curtos tufões
ao éter da iniciativa privaDORganizada, mostram-se
ingratos sogros, indignos réus carregados de busílis em rodapé,
comprometo-me, maneta, a falsificar jurisprudências brutais,
exortarei indemnizações contra as quadrigas em repolho
que esgotam recursos-anciãos com pedregulhos de penúrias
inoportunas, como errante bandido da virtude e da bondade irei
desacreditar as infâmias da censura global baseada na posse da
paragem cardíaca dignificante, cliente dum IVA complacente,
o eterno paternalista comprou morte iminente em troca por sidra
devota à acumulação do agregado sanguíneo atarefado em se opor,
precÁvidas reguadas inibiram a ventura dum chá de adrenochrome
assediando o leito com a hesitação ansiosa que nos estimula
à observação provocante, tão rendida a renegar-se, que aplanou.

Glossário básico do anarquismo

Parte 1

José Tavares*

1. - **Abaixo**, esta expressão considera um corpo com relação à altura em que se encontra, sem relação a outro corpo. O que se encontra abaixo, não se encontra debaixo, uma vez que, o que está debaixo tem em cima ou sobre si, outra coisa e o que está abaixo, numa altura determinada, está num lugar inferior, ainda que não haja outro corpo por cima. Para um pescador em traineira é muito mais fácil ir costa abaixo, do que costa acima. E, no entanto, um motoqueiro cai abaixo da mota e fica muitas vezes debaixo dela. Abaixo todo o tipo de governo! Abaixo o trabalho! Já quer significar: Saia! Morra! Basta substituir, nestes exemplos, uma expressão por outra para conhecer a propriedade com que explicam respectivamente as ideias a que correspondem.

2. - **Abolir** é suprimir, anular, extinguir não só leis, senão usos, costumes, impostos, autoridade, opressão, trabalho, escravatura, prisões. Verifica-se a abolição por meio, primeiro, da acção, e depois, do tempo e do uso. Considera-se abolido o governo, a autoridade e suas leis, quando, passado muito tempo, se encontrarem sem vigor e caírem em esquecimento. O abolicionismo é, também, a teoria dos partidários da abolição do trabalho, incidindo a sua acção na escravatura e alienação provocadas pelo frenesim da *produção de bens.* A religião do trabalho tornou-se na génese de muito do mal que existe no mundo. Para o combater é necessário parar de trabalhar: abolir o trabalho!

3. - **Abster-se**, exprime a acção de contenção ou de recusa, referindo ou ocultando o sentimento que pode

acompanhá-la. Fácil é abstermo-nos do que não conhecemos, nem amamos, nem queremos, mas também é fácil abstermo-nos do que muito bem conhecemos, por exemplo: o sufrágio universal, as eleições políticas. Aqui, podemos abstermo-nos não por indiferença, ou negligência, nem tão pouco como protesto contra este ou aquele governo, ou o modo particular de sufrágio, mas por uma questão de princípio. O de não admitir o pretendido direito das maiorias. Está matematicamente provado que nenhum governo representou, até hoje, a maioria efectiva de um país. E mesmo que este facto se produzisse ou que a maioria tenha a razão, é discutível o direito de submeter as minorias, que até podem não ter a razão do seu lado, às leis da maioria. Abster-se não é, neste sentido, *ausentar-se*, mas recusar-se a eleger ou a ser eleito. Renunciar a depositar um boletim dentro de uma urna, isto é, recusar delegar em outro um dever próprio, ou a ocupar-se de tudo em lugar do eleitor. Negar-se a reconhecer toda a autoridade legislativa e exigir, na medida do possível, o princípio de fazer por si próprio aquilo que lhe diz respeito e que pelo próprio impulso pode realizar.

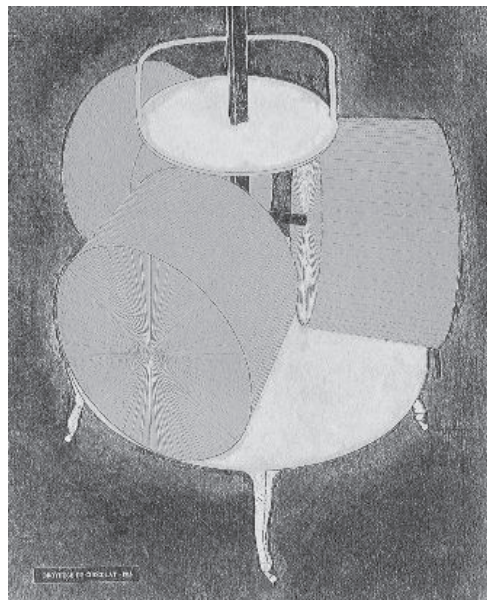
Vemos, assim, que a abstenção supõe que podemos *gozar* de uma coisa, mas que por certas razões, dela nos abstemos, e assim se entende ser voluntária e, se for por questão de princípio, a *abstenção* deve tornar-se activa.

Marcel Duchamp, 1914

4. - **Abstracção** é uma palavra que deriva da latina *abstrahere*, que significa separar ou arrancar uma coisa do lugar em que está ou supomos estar; corresponde à linguagem metafísica e designa a operação do entendimento, por meio da qual desunimos coisas que na realidade são inseparáveis, para as poder considerar cada uma em particular sem dependência nem relação com as demais, fixando-nos nela com exclusão de todas as outras.

Uma coisa torna-se *abstracta* quando, se ocupa em exclusivo de si própria, separando-se de qualquer outra coisa. Assim, a abstracção pode tornar-se em *agente intermediário*, quando o indivíduo elege uma abstracção que o substitui na vida quotidiana.

5. - **Acção** é um acontecimento real, concreto. É a operação, o exercício de construir, fazer. Ela é viva, impetuosa, veemente. Para especificarmos a acção, qualificamos a própria acção: acção generosa, vil, boa, má ou indiferente, violenta ou não violenta. E, a acção, é *indirecta*, quando elegemos alguma coisa ou alguém para agir em nosso nome, por exemplo a acção parlamentar, e, é uma *acção directa*, quando prescindimos de entidades ou pessoas para realizar, colectiva ou individualmente, a nossa própria acção, deste modo, participamos de modo directo na *coisa pública*.

6. - **Acordar** é um verbo activo, e representa a acção pela qual um homem sai ou o tiram, do estado de adormecimento em

que jazia. Quando o indivíduo perde o estado de consciência de si e do que o rodeia, *acordar*, deve exprimir a cessação do sono, o recobro dos sentidos, a posse de capacidade crítica, a retoma da autonomia do pensamento e da acção.

7. - **Activo**, a diligência, a prontidão, a arte com que se empregam os meios em acordo com um fim pretendido, ou com que realizam as causas para produzir os efeitos, constituem a *actividade*, e o carácter de *activo*. Um remédio *activo* actua com rapidez, produz sem retardamento o seu efeito. Uma mulher, ou um homem activo não consegue sempre o que quer se não sabe empregar os meios mais eficazes para isso. Para os indivíduos partidários da autoridade, todos os meios podem ser bons para atingir o fim. Para os partidários da anarquia, que devem ser *activos*, os meios e o fim tendem à união na actividade.

8. - **Acumulação** é a acção que consiste em acumular e que tem por resultado acumular as riquezas. No presente sistema de economia totalitária, as riquezas encontram-se acumuladas nas mãos de um punhado de indivíduos enriquecidos, Karl Marx, chamou-lhe *concentração capitalista*.

Por via da religião do trabalho, os indivíduos produzem mercadorias e consomem mercadorias. Quanto mais este processo se desenvolve, mais se expande o capitalismo por via do sistema de lucros *acumulados*.

9. - **Adulador**, é um homem ou mulher que louva tudo, que dá *graxa*, *bajula*, e sem conseguir pensar pela própria cabeça, sacrifica tudo ao objecto de sua *adulação*. O *Homem livre* deve desprezar a *adulação*, porque esta só pode produzir a *servidão voluntária*, sentimentos baixos e desprezíveis. Conformista, condescendente, submissa, no silêncio mesmo, a *adulação pode* ser meramente passiva.

10. - **Afastar**, afasta-se o que se põe para longe.

11. - **Afecto**, sendo o ser humano um ser dotado de sensibilidade, experimenta a cada passo grande número de impressões que o afectam de muitas e diversas formas; o diferente modo como o indivíduo é afectado, e o sentimento que experimenta constituiu o afecto, o qual pode ser grato ou ingrato, físico ou ético, etc. Os afectos são comoções brandas e suaves que se podem ajustar com o senso comum.

12. - **Afinidade** significa analogia, semelhança, compatibilidade, ligação, relação. Para os anarquistas, que empregam com frequência esta palavra em perfeita concordância com o seu sentido geral e usual, a afinidade tem um sentido muito especial. Exprime a tendência dos indivíduos em unirem-se, associando-se em grupos com gostos parecidos e de temperamento e ideias semelhantes.

13. - **Agressão** indica a acção daquele que acomete. Acrescenta a ideia de acometimento repentino e inesperado e de provocar um indivíduo à disputa ou ao combate. Quando os Estados se encontram em situação de, denominada, *paz ç*. Um deles acomete, sem prévio aviso, um outro Estado, diz-se que faz uma verdadeira agressão. Agredir não é o mesmo que atacar já que, por exemplo, se dois exércitos de dois Estados diferentes declararem guerra dirigindo-se um contra o outro, aquele que acomete primeiro é o que ataca, sem ser considerado agressor.

14. - **Agricultura**, a domesticação de plantas selvagens bem como de animais, é geralmente denominada como a arte de cultivar a terra Quase toda a agricultura como ela é actualmente praticada (utilização de herbicidas, pesticidas e outros químicos,

modificações importantes no fluxo de energia por meio de sistemas de irrigação, sistemas de monocultura e eliminação de regiões «marginais» como habitats ribeirinhos) é por muitos ambientalistas, ecologistas e anarquistas verdes considerada errada, já que esse tipo de agricultura ameaça a integridade e estabilidade dos ecossistemas selvagens. Na prática, como é evidente, dadas as realidades da população mundial e a grande quantidade de modificações nas paisagens provocadas pelo homem, há que aceitar algumas formas de agricultura. Assim, a agricultura pode ser a arte de cultivar a terra que evita ou exclui a quase totalidade de produtos químicos de síntese como adubos, pesticidas, reguladores de crescimento e aditivos alimentares para animais. A esta arte de cultivo chamamos agricultura biológica. Esta recorre a rotações culturais, resíduos das culturas, estrumes de animais, leguminosas, adubos verdes, todos os resíduos orgânicos da exploração agrícola, luta biológica contra pragas e doenças e outras práticas culturais de modo a manter a produtividade do solo, a nutrir as plantas e a controlar insectos, ervas infestantes e outros inimigos das culturas. O conceito do solo como um sistema vivo que desenvolve as actividades de organismos úteis é central na definição de agricultura biológica. A agricultura pode também ser, não a arte de cultivar, mas, a arte de repousar a terra (permacultura ou agricultura selvagem). Este método de «não agir» é uma resposta á autoridade dos especialistas quando perguntam: «Porque não fazer desta ou daquela maneira?». O espírito de contrariedade que as crianças possuem e a desconfiança de determinadas pessoas de idade para com aqueles que seguem em frente com o «progresso» sem se interrogarem «porquê?», ensina-nos muito. Fukuoka disse: «Quando compreendermos que perdemos alegria e felicidade nos esforços que se fazem para possuir a terra, o essencial da agricultura selvagem encontra-se realizado». Trabalhando no âmbito de uma bio-região, partilhando experiências e conhecimentos, procurando alcançar a auto-suficiência e deixando áreas livres como habitat para outras espécies, os permacultores orientam-se para uma agricultura mais sustentável e de base mais local.

Warhol, 1968

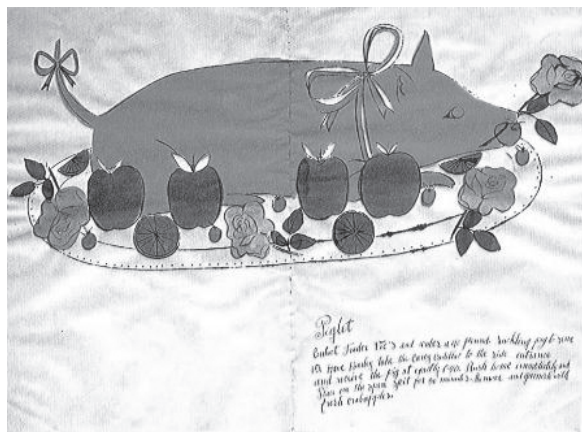
15. - **Água** é um líquido transparente, sem odor, cujo volume contém uma parte de oxigénio por duas de hidrogénio. Em pouca quantidade é incolor, mas é azulada ou esverdeada quando é grande o seu volume. Pode solidificar a temperaturas abaixo de zero graus e nesse caso chama-se gelo. A temperatura de ebulição da água foi escolhida para designar o centésimo grau do termómetro centígrado. As águas dos oceanos, dos rios, dos riachos, evaporam-se continuamente formando as nuvens. Estas, arrastadas pelos ventos, transformam-se em chuvas ou em neve que caiem sobre a superfície do globo e, em parte, acumulam-se

nos locais mais baixos. A água no seu estado natural não é pura, enche-se de impurezas e materiais, entre os quais a cal, sal alcalino, nitrato, etc., ao passar pelos terrenos que atravessa e em contacto com o ar. É fácil dar-se conta das impurezas que a água transporta. Se deixarmos evaporar algumas gotas de água de um poço ou de um rio sobre um bocado de vidro, ficará uma mancha esbranquiçada formada por materiais sólidos que a água depositou. Nem todas as águas no seu estado natural são potáveis. A água para ser potável deve ser arejada e não conter excessivos materiais sólidos, particularmente, não deve conter nenhuma matéria orgânica. Denominam-se materiais orgânicos os seres vivos e os seus detritos, micróbios e bacilos normalmente muito perigosos e que originam doenças: tifo, cólera, disenteria, etc. Para expulsar da água esses parasitas é necessário fervê-la durante 15 a 20 minutos. As águas minerais são aquelas que contêm uma quantidade abundante de sais. As principais são sulfurosas ou termais. Infelizmente, estas águas benfeitoras foram transformadas numa indústria explorada por ricos. A água é indispensável para as necessidades da existência. São pobres as regiões e os países que não possuem água em abundância. Os filósofos da antiguidade consideraram-na o princípio fundamental de tudo. A água alimenta-nos e acalma a nossa sede; sem ela a vida não era possível. Basta lembrar que a superfície do nosso planeta está coberto por 70% de águas. Daí que o mais natural fosse ter chamado ao nosso mundo, em vez de Terra, Água.

A industrialização destrutiva, a agro-química, os projectos megalómanos de construção e a *tecnofilía* (obsessão pelo tecnicismo) acabou por ter consequências sobre a água, a esterilização e o envenenamento dos rios, dos lençóis freáticos, dos mares e dos oceanos (sobre este assunto consultar o texto *Agua: destino incerto e obscuro,* Coice de Mula n°6).

16. - **Ajuda**, acção e efeito de ajudar. Existem duas espécies de ajuda, uma é aquela que é prestada pelo indivíduo *mais forte* ao *mais fraco*, sendo que o esforço do mais forte é superior ou total, e outra é a ajuda recíproca para que a acção se realize com esforços idênticos ou paralelos. A este ultimo caso chamou Kropotkine de ajuda mútua que segundo ele «é um sentimento muito mais amplo que o amor ou a simpatia pessoal. É um instinto que se vai desenvolvendo lentamente entre os animais e entre os homens, ensinando-lhes a força que podem encontrar no apoio mútuo. Sem querer retirar importância ao facto de que a maioria dos animais vivem devorando outras espécies do mundo animal ou géneros inferiores da mesma espécie, dizia eu que a luta na natureza está limitada à luta entre as espécimes, porém dentro de cada uma delas, e às vezes dentro de grupos compostos de várias espécies animais que vivem em comum, a ajuda mútua é uma regra geral. Por esta razão representa um papel muito mais importante na vida da natureza do que o extermínio mútuo. Com efeito, são muitos os ruminantes, os roedores e os pássaros que, assim como as abelhas e as formigas, não vivem da caça de outras espécies. Além disso, quase todas as feras e aves de rapina, em particular aquelas que não estão em perigo de desaparecer, exterminadas pelo homem ou por outras causas, praticam também em certa medida a ajuda mútua. Esta ajuda mútua é na natureza um facto predominante».

A ajuda mútua, considerada como um impulso natural do ser humano, é um dos

princípios filosóficos e científicos da teoria da anarquia. Deste princípio derivam as concepções associativas do anarquismo sobre a organização de uma sociedade sem exploração e tiranias, onde os indivíduos

Warhol, 1959

vivem em livre cooperação fraternal sem privilégios nem submissões.

17. - **Alcançar**, significa tocar no objecto ou fim a que se dirige o movimento, seja por a sua natural constituição ou seja pêlos esforços corporais ou mentais. Alcançar refere-se aos meios que podem conduzir ao objectivo. Se não consegue, de imediato, chegar a uma sociedade ausente de autoridade do homem sobre o homem, isto é, não pode aceder com a rapidez, que o estado actual de desordem do mundo requer, à anarquia, *alcançar* supõe tendência continuada para esse fim, direcção em acordo com ele, vivê-lo no imediato: individualmente, enquanto comportamento ético e associando-se por afinidades, necessidades e interesses; requer esforços e arte para o conseguir.

18. - **Alegria** teve origem na corrupção da palavra latina *loetítia*. Camões empregou com frequência o adjectivo *ledo* em lugar de alegre. *Alegria é* uma manifestação exterior nas acções e palavras. Pode fingir-se a *alegria* porque é demonstração exterior, como um actor. Por não ser nem um afecto interior, nem pertencer, em particular, ao raciocínio e à reflexão, a *alegria é* desigual, buliçosa, talvez louca nos meios em que se exprime, prescinde, muitas vezes, da consciência ou é surda aos seus apelos, porque na embriaguez do espírito se deixa arrastar pela força do prazer. *Alegria* não é felicidade nem a ela conduz, nem a acompanha. Uma pessoa alegre nem sempre é feliz; uma pessoa que desfruta de felicidade pode não ser alegre. O consumo de um embriagante, por exemplo, o vinho, deve alegrar o consumidor, no entanto, pode não produzir contentamento. Este é sobretudo uma manifestação interior. *Saltar de alegria* significa que, ao não caber dentro de nós, rompe em saltos, danças, festas, etc.

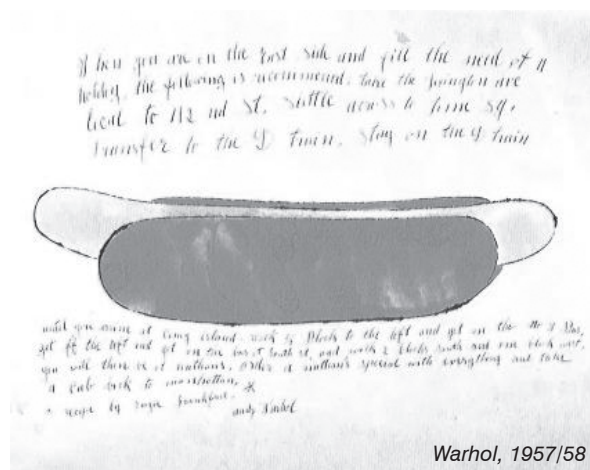
19. – **Alguém** é uma palavra que designa ilimitadamente qualquer ser amarfanhado da manada. É ser qualquer um.

20. - **Aliança**, laço entre duas pessoas ou entidades que se prometem mútua amizade ou auxílio. Na história do movimento libertário ficou célebre a Aliança Internacional da Democracia Socialista de Bakunine, uma aliança secreta «cuja única pátria era a revolução universal e cujo único inimigo era a reacção». Os seus membros seriam escolhidos entre os mais sinceros e enérgicos membros da Associação Internacional dos Trabalhadores. A função desta aliança, segundo explicou Bakunine a um dos seus correspondentes, consistia em actuar como «uma sociedade secreta no coração da Internacional, com o objectivo de lhe fornecer uma organização revolucionária e transformar tanto a ela como as massas populares dela alheadas uma força suficientemen-

te organizada para destruir a reacção político-clerical-burguesa e as instituições económicas, jurídicas, religiosas e políticas do Estado»[1] (ver anarquia e anarquismo), A aliança bakuninista era sinónimo de círculos íntimos e muitas das vezes secretos, baseados na afinidade (ver afinidade). Mas hoje a palavra designa as combinações políticas, políticas, económicas ou matrimoniais, entre Estados, partidos, famílias ou empresas. Neste sentido, o anarquista à aliança opõe a associação (ver esta palavra). A aliança quer ela seja política, militar ou económica, ela é sempre uma adição de forças exteriores (famílias, partidos, clãs, Firmas), um aglomerado de agrupamentos utilitário que os contratos, as condições de dominação ou de lucro e o medo (todas elas exteriores) exigem.

21 - **Alienação** tem diferentes concepções. Para a psiquiatria significa aquele que perdeu as suas faculdades psíquicas, isto é, aquele cujo ser anímico lhe é alheio. Na concepção jurídica, *alienação* significa a acção pela qual se priva alguém do direito de propriedade sobre um qualquer bem em benefício de outro. Para os especialistas em economia política a palavra *alienação* significa o distanciamento entre os trabalhadores e as mercadorias que produzem. Os místicos e os filósofos que especularam sobre a experiência mística denominam *alienação* ao processo (acto) pelo qual a alma deixa de pertencer a si mesma para pertencer a Deus. Para Rousseau *alienação* designava a cessação dos direitos do indivíduo em nome da sociedade. Cada membro *aliena* totalmente os seus direitos em benefício da sociedade mediante o *contrato social*. Esta vem a ser a raiz de toda a *alienação* do ser humano. Enquanto a sociedade se considera o bem supremo e, mais ainda, o fundamento de toda a cultura, a *alienação é* o acto que opera a mutilação ou, no mínimo, a mediatização do ser originário do Eu. Na *Fenomenologia do Espírito*, Hegel usa o termo *alienação* para significar o afastamento da consciência em relação a si mesma convertendo-se noutra coisa. KarI Marx utiliza o conceito hegeliano de *alienação* na análise do trabalho humano e aplica-o, de um modo especial, ao processo pelo qual o trabalhador vê negado o seu trabalho e a sua própria existência na sociedade capitalista. A partir daqui o termo *alienação* generalizou-se à literatura, à sociologia, ao mesmo tempo que ganhou um sentido mais vasto. Nos dias de hoje a *alienação* do indivíduo é global. *Alienação* do trabalho, *alienação* da ideologia, que *aliena* a pessoa da sua própria consciência e do seu próprio pensamento, *alienação* do consumo, *alienação* do Estado, *alienação* da técnica, que faz do ser humano um computador num universo de computadores, etc.

22 - **Alimentação** é o acto ou efeito de alimentar. É muito importante no processo biológico e tem por isso um papel de destaque na vida quotidiana. Existem distintos sistemas de alimentação. O objectivo de uma boa alimentação é conservar a saúde e prevenir a doença. Vamos de seguida enunciar abreviadamente alguns conceitos básicos. Os alimentos contém cinco nutrientes ou substâncias fundamentais para o nosso corpo, hidratos de carbono e gorduras que nos proporcionam energia, proteínas que colaboram no crescimento e desenvolvimento, e, vitaminas e minerais que ajudam a regular as funções do organismo. As proteínas são séries de moléculas denominadas aminoácidos (compostos orgânicos em cuja composição entram a função amina e a função ácido), indispensáveis ao corpo hu-

mano para crescer e para a renovação permanente dos tecidos. Entram na constituição da pele, pêlos, músculos, hormonas, etc. Embora se encontrem em grande quantidade em alimentos de origem animal (carne, peixe, ovos, leite, etc.), existem também importantes fontes de proteínas vegetais (cereais, legumes). Nem todos os alimentos proteicos contém os mesmos tipos de aminoácidos, portanto, uma alimentação sã deve basear-se na diversidade de proteínas existentes para compensar os défices que possam existir em cada um dos alimentos. Os hidratos de carbono podem apresentar-se sob a forma de açúcares ou féculas (substâncias farináceas de tubérculos e raízes). O açúcar fornece energia muito mais rapidamente do que qualquer outro hidrato de carbono. Daí não ser necessário consumi-lo de forma directa em grande quantidade, uma vez que, os frutos e vegetais possuem açúcar em abundância e, provavelmente, fornecem todo o açúcar necessário ao nosso organismo. As batatas, massas, farinhas, são alimentos feculentos. Os hidratos de carbono são importantes nas nossas dietas. No entanto, o organismo necessita de quantidades mínimas de hidratos de carbono. Se o excedente não for consumido como energia, transforma-se em gordura. As gorduras são queimadas (oxidadas) pelo organismo para também produzirem energia. As fontes da gordura são numerosas e, por vezes, pouco aparentes. Por exemplo a carne magra contém 10 por cento de matéria gordurosa. As vitaminas são substâncias que ao serem sintetizadas pelo organismo ajudam a efectuar o desenvolvimento normal das reacções biológicas. Existem dois grupos de vitaminas, as lipossolúveis (as que se dissolvem na gordura e podem permanecer nas reservas do organismo durante meses ou até mesmo anos) e que são a A, D, E e K, e as hidrossolúveis (as que se dissolvem na água e são eliminadas pela urina), entre as quais se encontra a vitamina C e as vitaminas do complexo B. A quantidade de vitaminas necessárias é mínima e numa alimentação saudável são raros os casos de carência. A vitamina A é necessária para produzir a rodopsina, um pigmento que nos ajuda a ver no escuro. Também é essencial para manter o interior da boca e dos pulmões húmido, o crescimento adequado dos tecidos corporais, o desenvolvimento de ossos fortes, um sistema reprodutor equilibrado e uma pele saudável É importante para a resistência imunitária do organismo, ajudando a combater as infecções virais, bacterianas e parasitárias. As principais fontes de vitamina A são: alperce, ameixa, anchova, cavala, cenoura, espinafre, fígado de vaca, gema de ovo, leite gordo, manteiga, margarina, queijo em creme, ostra, etc. A vitamina D funciona como uma hormona, pois é formada num local, mas desempenha a sua função noutra parte do

Warhol, 1957/58

corpo. A maior parte da vitamina D utilizada pelo organismo é formada sob a pele através da exposição ao sol. Os raios ultravioletas transformam-na de uma forma inactiva numa forma activa. A vitamina D é essencial para a absorção do cálcio e aumenta a quantidade de depósitos minerais nos ossos. Sem vitamina D, o organismo não pode formar ou manter ossos fortes. A falta desta vitamina provoca o raquitismo infantil e a descalcificação no adulto. As principais fontes da vitamina D são: atum fresco, arenque, cavala, fígado, gema de ovo, leite, manteiga, margarina, salmão, sardinha, etc. A vitamina F tem um papel de protecção intracelular e intervêm na função reprodutora. Tem acção protectora sob a vitamina C. As principais fontes da vitamina F são: os germens dos cereais, os ovos, o fígado, o leite e o azeite. A vitamina K é produzida no cólon pelas bactérias, de onde é absorvida através da parede do cólon para o fluxo sanguíneo para se transformar num dos vários factores de coagulação sanguínea. Também é necessária para a produção de proteínas que ajudam a manter os dentes e os ossos saudáveis e fortes. Pode reduzir os vómitos e as náuseas na gravidez. As principais fontes da vitamina K são: alfafa, brócolos, couve-de-bruxelas, couve verde, espinafre, gema de ovo, iogurte, óleo de açafroa, óleo de soja, óleo de fígado de peixe, soda e tomate. Do complexo de vitaminas B a B1, também conhecida por tiamina, é essencial para o tratamento de certos tipos de sinais nervosos entre o cérebro e a espinha medula. Também é crucial para o funcionamento de determinados tipos de enzimas que disponibilizam a energia no organismo. As reservas corporais são pequenas, por isso a ingestão regular é vital. As principais fontes desta vitamina são: costeleta de porco, batatas cozidas, ervilhas, extracto de levedura, flocos de milho enriquecidos, gema de ovo, massa integral, pão integral, etc. A vitamina B2 ou riboflavina é necessária para que o organismo produza duas substâncias vitais para transformar as calorias das proteínas, gorduras e hidrates de carbono dos alimentos numa forma que as células possam utilizar eficazmente: DAF - dinucleotídeo de adenina flavina - e MNF - mononucleotídeo de flavina. (A carência de riboflavina no organismo reduz os níveis de energia). A riboflavina também é necessária para a formação do cabelo, da pele e das unhas. As principais fontes desta vitamina são: carne de vaca, flocos de milho enriquecidos, fígado de carneiro, frango, iogurte, levedura, leite gordo, ovos, etc. A vitamina B3 ou niacina é necessária ao organismo para produzir duas enzimas conhecidas por NAD e NADP, que ajudam a libertar a energia da comida digerida. Essa necessidade aumenta com a actividade física. Esta vitamina também pode ser produzida no corpo através de uma proteína chamada triptofano. A niacina está relacionada com o crescimento normal da pele, com a formação de nervos saudáveis e com a manutenção de um bom sistema digestivo. As principais fontes desta vitamina são: bacalhau, carne de porco e de vaca, costeleta de carneiro, frango, gérmen de trigo, queijo cheddar, pão integral, ovos. A vitamina B5 ou ácido pantoténico ajuda a proporcionar ao organismo um fornecimento constante de energia a cada célula. Isso acontece porque ajuda à criação de uma molécula que converte a gordura e o açúcar da comida numa forma que as células podem usar. Estimula o crescimento normal e ainda o organismo a combater as infecções ao produzir anticorpos. Este ácido está relacionado

com a síntese das hormonas anti-stress nas glândulas supra-renais, por isso ajuda-nos a acalmar. As principais fontes desta vitamina são: abacate, amendoins, damascos secos, figos secos, fígado de vaca, maças, nozes, pasta tahini, sementes de sésamo, etc. A vitamina B6 ou piridoxina, é utilizada pelo organismo no metabolismo das proteínas para fazer e reparar os músculos e outros tecidos e na produção de enzimas.

Warhol, 1964

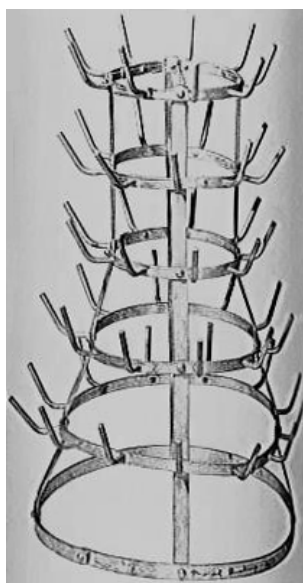
Parece estar relacionada com o equilíbrio das hormonas sexuais, por isso é popular nas mulheres com sintomas pré-menstruais. Esta vitamina é necessária para uma pele saudável, para o bom funcionamento do sistema nervoso e para a formação dos anticorpos que combatem as infecções. Ajuda ainda na produção do pigmento vermelho do sangue que transporta o oxigénio, denominado hemoglobina. As principais fontes desta vitamina são: bacalhau, banana, carne de vaca, couve, couve-de-bruxelas, farelo de trigo, fígado de boi, gérmen de trigo, manga, peru. A vitamina B12, talvez a mais conhecida deste grupo, é crucial para a reciclagem de determinados enzimas chave do organismo, que ajudam a manter a saúde dos nervos e de outras células. É necessária para criar a «camada de mielina», um revestimento à volta dos nervos que permite a transmissão rápida dos impulsos nervosos. A vitamina B12 também é necessária para o crescimento, está relacionada com o controlo do apetite e é necessária para a produção de células sanguíneas saudáveis. As principais fontes da vitamina B12 são: bacalhau, carne de porco e de vaca, cereais enriquecidos, extracto de levedura, faisão, fígado de carneiro, ovos, pato, patê de fígado. Os minerais são substâncias inorgânicas encontradas nas pedras e minérios. Alguns minerais são essenciais para a vida humana e entram na nossa alimentação através das plantas e dos animais que se alimentam dessas plantas. Cerca de 99% do cálcio do nosso corpo está nos ossos e nos dentes, onde é essencial para os fortalecer. A restante percentagem está presente nos tecidos e fluidos corporais, onde está relacionado com a contracção muscular e a coagulação sanguínea. As principais fontes de cálcio são: feijão verde, figos secos, queijo holandês e cheddar, iogurte de truta, leite gordo, muesli suíço, sardinhas em óleo, sementes de sésamo e tofu. O crómio parece aumentar a acção da hormona insulina no organismo. A insulina controla os níveis de açúcar no sangue e está relacionada com as reservas de gordura. O crómio pode ajudar os diabéticos a controlar o açúcar no sangue e a perder peso. As principais fontes de crómio são: amendoins, cereais integrais, carne, ervilhas, frutos secos, feijão-frade, feijões vermelhos, feijões mung, feijões aduki, levedura da cerveja. O cobre, pese não ter um papel específico no organismo, é necessário para facilitar diversas acções. É preciso, por exemplo, para a conversão do ferro no pigmento transportador de oxigénio chamado hemoglobina e para produzir a aminoácido tirosina, que está relacionado com a formação da cor da pele e do cabelo. Desempenha um papel na

acção de várias proteínas necessárias para o crescimento, para o bom funcionamento dos nervos e na libertação de energia. O cobre também tem um papel importante no controlo da inflamação. As principais fontes de cobre são: amendoins, ameixas secas, caranguejo, cogumelos, fígado de vaca, lagosta, ostras, pão integral, sardinhas em molho de tomate, sementes de girassol. O ferro forma parte do pigmento vermelho do sangue, a hemoglobina, dá cor ao sangue e transporta o oxigénio pelo corpo a todas as células. Dois terços das reservas totais de ferro do organismo estão presentes na hemoglobina, o restante encontra-se no fígado, baço, medula óssea e músculos. As principais fontes de ferro são: atum em óleo, all bran, cereais, carneiro assado, caranguejo enlatado, damascos secos, espinafres, gema de ovo, figos, flocos de farelo, lentilhas, maças, sementes de sésamo, vegetais verdes, etc. Cerca de 64% do iodo encontra-se na glândula da tiróide, no pescoço, onde é utilizado para produzir as duas hormonas da tiróide, tri-iodotironina e tiroxina. Estas duas hormonas regulam a velocidade do metabolismo do organismo, incluindo o ritmo a que as calorias são queimadas. O iodo também é necessário para manter o tecido conjuntivo que faz parte dos tendões e ligamentos, une os tecidos e é decisivo para o desenvolvimento do feto. Também é importante para o desenvolvimento intelectual da criança. As principais fontes de iodo são: arenque, camarão, cavala fumada, bacalhau, lagosta, leite e seus derivados, mexilhão, percebes, salmão enlatado, sal marinho, etc. O potássio é essencial para o bom funcionamento de todos os nervos e músculos. Também ajuda a assegurar o equilíbrio dos fluidos no organismo e o equilíbrio certo entre o ácido e o alcalino. A maior parte do potássio está dentro das células e é equilibrado pelo sódio, que está fora das células. Outra das suas importantes funções é evitar que o cálcio seja eliminado na urina. As principais fontes de potássio são: agrião, espinafres, pastinaga, polpa de tomate, papaia, pimento vermelho, pêssego, rabanete, vinho tinto, etc. O magnésio é armazenado nos tecidos do organismo e é necessário para o crescimento e conservação de ossos e dentes fortes. Este mineral desempenha um papel importante ao ajudar os músculos a relaxar e é necessário para a saúde do coração e do sistema nervoso. Relacionado com a formação e acção de mais de trezentas reacções enzimáticas diferentes, o magnésio afecta os principais sistemas do organismo e é útil na libertação de energia dos alimentos e na protecção do revestimento das células. As principais fontes de magnésio são: ali bran, bolos integrais, frutos secos, manteiga de amendoim, pão de centeio integral, pão de pó de cacau, pipocas simples, sal marinho, sementes de girassol, sementes de abóbora, trigo, vegetais. O manganês é preciso para que determinadas enzimas sejam activadas e comecem a agir no organismo e para a formação de outras enzimas, incluindo uma chamada *superóxido dismutase*, que elimina os radicais livres prejudiciais, capazes de provocar problemas cardíacos e alguns tipos de cancros. Também é necessário para que o organismo possa utilizar as proteínas da dieta e para a formação das hormonas sexuais. O manganês ajuda a manter a saúde dos nervos e lubrifica as articulações, contribui para a estrutura óssea e estimula a produção de hormonas na tiróide, que controlam a velocidade do metabolismo do organismo. Além disso, está relacionado com o equilíbrio do nível de açúcar no sangue. As

principais fontes de manganês são: amêndoas, arroz integral, avelãs, chá, coco, grão de bico, nozes de acaju, noz pecan, sementes de soja, etc. O molibdénio está relacionado com o funcionamento de várias enzimas importantes que ajudam o corpo a utilizar a energia das gorduras e dos hidratos de carbono dos alimentos. Este mineral também é importante por permitir que o organismo utilize o ferro para manter os nervos saudáveis e para estar mentalmente alerta. O molibdénio é preciso para conservar a fertilidade e a potência masculinas. A falta de molibdénio na dieta poderá ser uma causa da impotência nos homens mais velhos. A carência de molibdénio pode aumentar a susceptibilidade de apodrecimento dos dentes e a baixa ingestão está relacionada com problemas da boca e das gengivas. As principais fontes de molibdénio são: arroz integral, espinafres, feijões vermelhos, fígado, lentilhas, levedura, massa integral, pão integral, rim, repolho, etc. Cerca de um terço dos 120mg de sódio encontrados no corpo encontra-se no esqueleto. O restante está presente nos fluidos corporais que circulam no exterior das células, nervos e músculos. O sódio é essencial para manter o equilíbrio da água no organismo e para assegurar que este equilíbrio não se torna demasiado ácido nem alcalino. Este mineral é necessário ao revestimento das células para que assimilem os nutrientes do sangue e também para permitir a contracção muscular. As principais fontes de sódio são: batatas fritas, bolachas de aveia, flocos de farelo, flocos de milho, molho de tomate, pão integral, pão branco, pickle, salame, etc. O fósforo é combinado com o cálcio para formar o fosfato de cálcio, o qual desempenha um papel importante a fortalecer e a enriquecer os ossos e os dentes. Apesar de 85% de fósforo estar armazenado no esqueleto, os restantes 15% têm outros papéis vitais. É essencial para o controlo e produção de energia dos hidratos de carbono e da gordura dos alimentos e para a estrutura do material genético conhecido por ADN e dos fosfolípidos que se encontram em todas as paredes das células do corpo. As principais fontes de fósforo são: camarões, caranguejos, fígado, gema de ovo, iogurte natural, lagosta, leite, mexilhões, nozes, queijo, peru, salmão fumado, etc. O selénio faz parte do sistema antioxidante que ajuda a proteger as células dos radicais livres, que podem provocar problemas cardíacos e alguns tipos de cancro, O selénio une-se no organismo a metais como o arsénio e o mercúrio que, de outra forma, podem ser tóxicos e provocar doenças. O selénio também está relacionado com a produção e conservação da saúde do esperma e da glândula da próstata nos homens. As principais fontes de selénio são: atum fresco, arroz branco, castanhas, cajus, mariscos, nozes, pão integral, passas, sementes de girassol, solha grelhada, etc. As funções específicas e a necessidade de silício na dieta humana ainda estão a ser descobertas. No entanto, sabe-se que de todos os tecidos corporais, os níveis de silício são mais elevados na aorta (a principal artéria do coração), na traqueia, nos pulmões, no tecido conjuntivo e também pode ser encontrado nos ossos. O silício parece fortalecer estes tecidos ajudando, por exemplo, a manter as artérias em bom estado. Os níveis de silício mas artérias do coração parecem diminuir com a idade e com o desenvolvimento de aterosclerose, o que indica que pode reduzir o risco de problemas cardíacos. O silício parece ser importante nas primeiras fases da formação dos ossos novos e dos tendões, que

ocorrem ao longo da vida e ajudam a manter estes tecidos em bom estado. Também pode estimular e fortalecer o cabelo novo e o crescimento das unhas e contrariar os efeitos do alumínio, o que indica que pode ajudar a prevenir a doença de Alzheimer e a osteoporose. As principais fontes de silício são: aveia, alfafa, arroz, cevada, cebolas, cavalinha, milhete, trigo, raiz de beterraba, etc. O enxofre é essencial para a produção de queratina, uma proteína relacionada com a estrutura saudável do cabelo e da pele. É um mineral essencial que está presente em todas as células do corpo e é necessário para a formação correcta da cartilagem entre os ossos, para os tendões que ligam os músculos aos ossos e para a estrutura dos próprios ossos. Também é necessário para a produção da hormona insulina, que mantém o nível de açúcar equilibrado, e para a heparina, um anticoagulante natural. Este mineral também está relacionado com a criação e conservação da saúde do sistema reprodutor e com a manutenção do revestimento das artérias e das veias. Para além disso, desempenha um papel importante na desintoxicação do álcool, de qualquer cianeto consumido através dos alimentos, de poluição inalada da atmosfera e do fumo do tabaco. Esta desintoxicação ocorre através da união do composto tóxico com o enxofre e depois ambos os elementos são eliminados através da urina. As principais fontes de enxofre são: carne de vaca e de porco, ervilhas, feijões, frango, lentilhas, ovos, peru, etc. O zinco é essencial para o funcionamento de mais de setenta enzimas relacionadas com diversas actividades e está distribuído pelos órgãos, tecidos, fluidos e secreções. O zinco desempenha um papel essencial no crescimento das crianças e é importante para a produção de esperma saudável. É preciso para o sistema imunitário e para a cicatrização das feridas. Ajuda na desintoxicação provocada por metais prejudiciais, como o chumbo e o cádmio, e está envolvido na conservação do bom funcionamento da visão, olfacto e paladar. É vital para a libertação de insulina. As principais fontes de zinco são: carne de vaca assada, carneiro magro assado, caranguejo, fígado de vitela, gérmen de trigo, ostras, sardinhas em óleo, sementes de abóbora, etc.

Marcel Duchamp, 1914

Uma alimentação equilibrada baseia-se no consumo diário de todos os principais nutrientes, em proporção adequada e em condições o mais naturais possíveis. No atrás exposto podemos observar, em primeiro lugar, que muitos dos alimentos contêm duas ou mais substâncias nutritivas (por exemplo, os cereais integrais são ricos em proteínas, vitaminas e hidrates de carbono), em segundo lugar, observamos que as suas funções estão por vezes interligadas {por exemplo, a vitamina C regula a absorção do cálcio) e, por último, vemos que nem todos os alimentos possuem os nutrientes essenciais. Daqui se conclui que a primeira regra para uma boa alimentação é a variedade. A dieta ideal tem, como parte importante, frutas, saladas e verduras, com quantidades moderadas de

proteínas e hidratos, uma vez que, o abuso destas interfere com a acção das vitaminas. Quanto á abundância e á distribuição das comidas, temos de adaptá-las á nossa vida. Uma boa regra é não comer mais de uma vez por dia proteínas concentradas (carne) ou hidratos concentrados (pão). Uma comida forte por dia é suficiente. As outras podem constar de frutas, verduras, iogurte, frutos secos, queijo, etc. A alimentação tem de ser ordenada de acordo com a forma de vida e a distribuição do tempo de cada um. Quando existe fome entre comidas o melhor é comer uma fruta. Há que evitar empanturrarmo-nos com bolos ou outras coisas do género. Para estar seguros de que todos os dias tomamos os principais nutrientes imprescindíveis para o teu organismo, pode ser útil fazermos e guiarmo-nos por uma tábua de alimentos. Por exemplo, l, frutas: 3 a 4 vezes por dia; 2. saladas, verduras cozidas e batatas: 2 a 4 vezes por dia; 3. cereais, legumes, pão integral e frutos secos: l a 2 vezes por dia; 4. produtos lácteos e ovos: 2 vezes por dia; 5. carne e peixe; l vez por dia. O próprio corpo será o melhor árbitro, no momento de decidir o que convém comermos para nos sentirmos nas melhores condições. Os vegetarianos, vegans, frugívoros e macrobióticos seguem a dieta que lhes corresponde (para uma informação desses tipos de alimentação, podes consultar essas palavras).

23. - **Alimentar**, designa a ideia da necessidade que de comer têm os seres viventes. Alimenta-se o pobre com umas sopas, enquanto o rico se nutre com manjares. Num sentido figurado, a revolta alimenta a chama. O literato *alimenta-se* lendo. Hipócrates disse: «Que o alimento seja o teu único medicamento». Com efeito, no alimento biológico (todo o alimento que exclui os produtos químicos como adubos, pesticidas, reguladores de crescimento e aditivos alimentares para animais) existe tudo o que é necessário para manter a vida e refazê-la se houver necessidade. A saúde e a cura encontram-se no nosso prato. Por isso, numa época de falsificação generalizada e artificialidade catastrófica, é importante saber o que comer e como comer. O que se come actualmente é, na generalidade, nocivo por nutrir de mais ou de menos, faz adoecer, intoxica imenso e causa a degenerescência da espécie humana. Devemos procurar alimentarmo-nos, na medida do nosso querer e das nossas possibilidades, de alimentos biológicos, porque, são eles que proporcionam o crescimento e a manutenção saudável do nosso corpo e mente, dando-nos a energia e a vitalidade indispensáveis para viver melhor.

24. - **Alma**, segundo alguns etimologistas, vem do latim *anima*, o qual vem do grego, respiração, ar, sopro. Outros, afirmam que tem origem no verbo latino *alo*, vivificar, nutrir. *Alma* não é nenhum órgão dos seres viventes. Na religião surge ligada aos mortos: *as almas do outro mundo*. Uma ideia metafísica de substancia simples que anima ou animou o corpo. No sentido figurado, refere-se aos actos, aos sentimentos, aos afectos. Diz-se que uma pessoa tem *a alma grande*, para designar um indivíduo generoso, aberto, compreensivo, solidário, etc.

* Selecção, organização e redacção

Notas

[1] Carta de 21 de Maio de 1872 a González Morago, in La Internacional y Ia Alianza en Espana de Max NettJau, Editora La Piqueta, Madrid 1977.

Continua na próxima revista

António Manuel Anica
Um grande Homem e um grande Libertário

José Maria Carvalho Ferreira

António Manuel Anica nasceu no dia 28 de Outubro de 1950, na freguesia da Sé, em Faro. Filho de João Miguel Anica e de Benta Isaura Anica, foi o mais novo de quatro irmãos: Maria do Rosário Anica, Maria Madalena Anica, Maria Irene Anica e João Manuel Anica (este irmão morreu com a idade de 7 anos, em 22 de Julho de 1950, num acidente de automóvel, na aldeia das Hortas).

Posteriormente, em França, na década de 1970, se bem que tenha vivido com duas companheiras (Claudia Potel e Evelyne Dejean), casa-se, em 4 de Maio de 1985, com Françoise Antony, da qual meses depois, tem a sua única filha: Rachel Anica. Diga-se, em abono da verdade que desde essa data, Françoise Antony e Rachel Anica são a base da vida familiar de António Manuel Anica até à sua morte formal em 29 de Março de 2008.

Sendo, para mim, muito difícil distinguir a razão da emoção, quando escrevo ou falo sobre este amigo, companheiro e irmão de muitas horas de vida quotidiana atravessada pela amizade e a anarquia, vou tentar esboçar um pequeno testemunho sócio-histórico das razões porque considero António Manuel Anica um grande homem e um grande libertário.

Embora tivesse nascido na cidade de Faro, a aprendizagem social e o processo de aculturação de António Manuel Anica desenvolveram-se na aldeia das Hortas, concelho de Vila Real de Santo António, na província do Algarve. Nas Hortas, seu pai, para além de um proprietário e agricultor com algumas posses, era também um comerciante que

comercializava os seus produtos agrícolas para o mercado de Vila Real de Santo António e para Lisboa. Este facto permitiu que António Manuel Anica frequentasse a Escola Primária das Hortas, no período de 1957-1961 e, mais tarde, entre 1961-1965, o Colégio de Vila Real de Santo António. Neste colégio chega a frequentar o 4º ano do antigo liceu. Entre os 15 e 17 anos frequenta o Colégio Moderno de Lisboa, acabando assim por realizar o 2º ciclo do antigo liceu na opção de Letras.

Para sabermos da emergência de um homem que começa a aprendizagem na luta contra as injustiças, a desigualdade, a exploração do homem pelo homem, a miséria e pobreza geradas pela ditadura do regime fascista de Salazar, importa referir o papel do professor Primo Casal Plaio e da professora Chalrito no contexto da sua vida de estudante no Colégio do Algarve. É com base na influência ideológica e cultural destes professores que ele desperta na luta pela liberdade, solidariedade e emancipação social. Seu pai, homem de rigor e de controlo apertado de qualquer desvio, ao prever o desfecho da rebeldia e contestação do seu filho em relação à ordem social vigente, acaba com a sua permanência no Colégio de Vila Real de Santo António, tendo sido por esse facto transferido para o Colégio Moderno de Lisboa, cuja propriedade e gestão dependia de João Soares, antigo ministro da 1ª república e pai de Mário Soares, na altura, professor e gestor principal do referido colégio.

Os dois anos que passou no Colégio Moderno não atenuaram a dinâmica da luta contra o regime de Salazar, nem o desenvolvimento da aprendizagem social e ideológica identificada com a construção de uma sociedade socialista em Portugal. Entretanto, um acontecimento marcante vai determinar que seu pai acabe com a experiência no Colégio Moderno de Lisboa. António Manuel Anica, em 21 de Março de 1968, participa activamente na manifestação feita por estudantes contra a deportação de Mário Soares para São Tomé e Príncipe. Essa manifestação foi objecto de alguns confrontos com a polícia, sendo inclusive alguns estudantes presos. Em função do medo do pai pelo que pudesse acontecer ao seu filho, é constrangido novamente a frequentar o Colégio de Vila Real de Santo António. Ironia do destino, Mário Soares, não só foi várias vezes 1.º Ministro de governos constitucionais da 2ª república portuguesa após o 25 de Abril de 1974, como inclusive, foi Presidente da República, durante dois mandatos nas décadas de 80 e 90 do século XX.

Desde então, dos 17 aos 19 anos, António Manuel Anica dedica-se quase exclusivamente a construir laços de amizade, liberdade e solidariedade com os jovens da mesma idade que, na maioria dos casos, eram filhos da comunidade de pescadores de Monte Gordo. A pobreza e a miséria destes contrastava, de modo inequívoco, com as perversões políticas negativas do regime fascista de Salazar, alimentando, por essa via, o caldo da revolta e da rebeldia nas grandes noitadas vividas no espaço-tempo da praia, cafés, bares e tabernas de Monte Gordo. Embora frequentasse o Colégio de Vila Real de Santo António, e aí tivesse o espaço-tempo da amizade e educação para emancipação através dos professores Primo Casal Plaio e Chalrito, a emergência da festa e das experiências sexuais da juventude da época passavam por um processo de aprendizagem pautada pela rebeldia e a liberdade dos jovens da sua idade, mas de uma

condição socio-económica deveras desigual em relação à sua.

Chegado à idade de cumprir o serviço militar, e sendo um feroz opositor da guerra colonial que perdurava há vários anos, torna-se refractário e é nessa condição que emigra clandestinamente para França, em princípios de 1970. Chegando primeiro a Toulouse, passado pouco tempo viaja para Paris. É aqui que se desenvolve de uma forma definitiva o carácter de um homem que cultivava a amizade, o amor e a liberdade como princípios básicos da vida quotidiana. A generosidade era intensa e extensa, assim como a sua paixão e inteligência demonstrada em muitas ocasiões, desde que tive oportunidade de o conhecer no Café Floréal, no final de 1970, na Avenue Parmentier, no bairro XI de Paris.

Quando se instala definitivamente em Paris seguiu a linha de orientação ideológica e política que procurava derrubar o fascismo em Portugal e, em consequência, dar independências às colónias que Portugal ainda possuía. No contexto da proliferação de grupos marxistas-leninistas que emergiram em Portugal e no estrangeiro após a criação da FAP por Francisco Martins Rodrigues em 1964, António Manuel Anica adere ao grupo marxista-leninista "O Comunista", do qual participavam Hélder Costa, Tino Flores, Vasco Castro, Júlio Henriques e outros. Este grupo funcionava como comité central do futuro partido comunista revolucionário português identificado com as premissas ideológicas da revolução chinesa e do conflito sino-soviético da altura. Todavia, em termos de prática política junto das massas populares, António Manuel Anica integrou o núcleo "Maria Albertina". Deste faziam ainda parte, J. M. Silva Marques, Manuel Carvalho, Ana Maria Carvalho, Luís Matias e Júlio Henriques. O núcleo "Maria Albertina" teve uma acção muito importante na Liga para o Ensino e a Cultura Popular, promovendo, entre outras coisas, a edição do "Jornal O Emigrante", actividades de alfabetização e de ensino do francês para os emigrantes portugueses.

A inteligência de António Manuel Anica e a luta pelo socialismo teria que ser desenvolvida num clima de liberdade e amizade, razão pela qual, passados alguns

meses desta experiência, entrasse em ruptura com as premissas ideológicas e as práticas deste tipo de marxismo-leninismo. Assim, em 1971, participa, conjuntamente com J. M. Silva Marques, Júlio Henriques, Manuel Carvalho e Ana Maria Carvalho, na criação do grupo "O Círculo de Iniciativa Política". Devido a este facto, o núcleo "Maria Albertina" desaparece de cena, na medida em a quase totalidade do grupo que o integrava mudou-se com armas e bagagens para o "O Círculo de Iniciativa Política". As posições ideológicas e políticas deste grupo identificavam-se com os postulados marxistas mais radicais, editando para o efeito alguns cadernos de reflexão teórica sobre essa temática.

Todavia, passado pouco tempo, António Manuel Anica conheceu David Bernarda, quando este, pedreiro de profissão, reconstruía o café do senhorio onde habitava, em Saint-Quen, nos arredores de Paris. Por ironia do destino, David Bernarda em qualquer conversa ou oportunidade que tinha, quando encontrava um jovem revolucionário, espalhava com muito fervor e paixão as sementes da revolução social libertária. Deste então, António Manuel Anica passou muitas horas em discussões acaloradas com David Bernarda. Este expunha as suas convicções ideológicas do anarquismo, sobretudo aquelas que se referiam a Makno e à revolução espanhola de 1936-39, demonstrado as perversões contra-revolucionárias do marxismo-leninismo em relação ao socialismo e, por outro lado, a mentira histórica que personificava enquanto modelo de sociedade instituída. Como consequência, a sua ruptura com o grupo "O Círculo de Iniciativa Política" consumou-se, naturalmente, no ano de 1972.

Desde então, foi um dos obreiros principais na criação e desenvolvimento de uma comunidade de portugueses e de outras nacionalidades que fazia da sua vida quotidiana um espaço-tempo de liberdade, amizade e solidariedade, mesclada, variadíssimas vezes, numa acção individual e colectiva contra o capitalismo e o Estado e também contra partidos e sindicatos de direita e de esquerda. Muitos almoços, jantares, festas, debates e discussões de carácter ideológico e político enformaram o convívio de muitas horas, semanas, meses e anos. O pós-Maio de 68 até à eclosão da revolução de 25 de Abril de 1974 em Portugal foi para António Manuel Anica, assim como para muitos companheiros e companheiras que na altura denunciavam as mentiras históricas da revolução russa de 1917, assim como da revolução chinesa de 1949 e a revolução cubana de 1959, o espaço-tempo ideal para esse efeito.

As leituras de Wilhelm Reich, Guy Debord, Raoul Vaneigem, Anton Pannekoek, Castoriadis, Otto Ruhle, Paul Matick, Karl Koch, Marx, Miguel Bakunine, Durruti, assim como outros autores e as experiências revolucionárias frustradas da Comuna de Paris de 1871, o Movimento Maknovista e a Insurreição de Kronstadt (1917-1921), a revolução social em Espanha (1936-1939), a revolta dos conselhos operários na Hungria de 1956 e outros movimentos sociais libertários, deram origem a uma série de discussões apaixonantes entre companheiras e companheiros que se reclamavam simultaneamente do marxismo radical, do situacionismo e do anarquismo. Ente outros que recordo neste momento, participaram nesses convívios David Bernarda, Eduardo Pereira, Jorge Rocha, Artur Pires, Joaquim Veiga, Elisiário Lapa, Narciso Viana, Tonia, Claude Orsoni,

Françoise Avila, Aline, Claudia Potel, Francisco Gomez “Paco”, Gislene Lafont, Pierre Bouguenec, Jacqueline Reuss, José Supico, Jorge Valadas, Luís Duarte, Joaquim Alberto, Jean-Claude Roger, Dália Vieira, Gabriela Rocha, António Viegas, Carlos Miranda (Amiguito), Jorge Manuel (Boas), Luísa Gomes, Luís Leitão, Elsa Pereira, etc.

A paixão pela leitura e a reflexão sobre os livros de filosofia, literatura, antropologia, história, psicologia, psicanálise, sociologia e economia eram enormes. A sua sensibilidade, inteligência e humildade nunca o habituaram nem o motivaram para o exercício da escrita. Desde que chegou a França, a sua profissão foi dedicada aos livros, tendo para o efeito trabalho na manutenção, distribuição, venda e nos serviços administrativos. Trabalhou em várias editoras: Payot, Fleurs, Grund. Posteriormente, em 1987, ingressa no Museu d’Orsai, exercendo, desde então e até à sua morte formal, em 29 de Março de 2008, a profissão de responsável administrativos do sector livreiro.

António Manuel Anica já há vários anos que sofria imenso devido às múltiplas vicissitudes negativas da sociedade em que persistimos. A miséria e a injustiça que os seus órgãos sensoriais percepcionavam no quotidiano do mundo do trabalho e da sociedade global eram cruéis demais para resistir de forma impávida e serena. Refugiou-se num silêncio e sofrimento que só ele, a sua companheira Françoise e a sua filha Raquel podiam compartilhar. Desde 2004 que não tinha tido oportunidade de estar com ele. Na sexta-feira, dia 21 de Março de 2008, num café em Paris, na Place Clichy, falei com ele, através do telemóvel do Jean-Claude Roger, para nos encontramos no sábado ou domingo seguintes: 4 horas depois resolveu deixar-nos. Conforme seu pedido voltou ao Algarve, tendo sido enterrado no cemitério de Vila Real de Santo António em 12 de Abril de 2008.

Perdi um grande amigo, companheiro e irmão. Durante a minha trajectória biológica e social, conheci poucos Libertários e Homens como tu. O nosso espaço-tempo da vida quotidiana da anarquia possível fica mais pobre, mas fica o teu exemplo de vida e obra para fortalecê-la e desenvolvê-la no planeta Terra. Por tudo isso, na vida e na morte, até sempre António Manuel Anica.

Warhol/Basquiat, 1984

Quimicoterapia 11

João Meirinhos

Quero uma indumentária heróica de viagra
que esvoace imbecil até ao famoso noivado
entre o basalto extinto do orgulho pessoal,
que o profético nu berbere me atinja arrepiado
com manchas bronzeadas pela fera temporal,
perigosamente fervilhante é manter a essência
altiva por entre éticas erupções da oposição.

Quero prever as imparidades dos dados,
contar as cartas servidas pelos profissionais
que descartam ágatas a elefantes viciados
em perder por azar, despedir-me da vitória e
desiludir meu parceiro, fundido com a concorrência
que me descaracteriza, vasculhando nos alpendres
esforçados por sofrer sozinhos, suas baças brumas.

Quero extravasar o pedante silêncio da precaução
psicoactivando o corpo passivo de raiva, contra
o eco do horizonte convergem doces gases herméticos,
agrupam-se, raptados pelas cordilheiras sobrepostas
e escondem-se do que só sabem não existir, mares que
nos separam da fantástica Saigão violentada a napalm,
bebem com guelras e sobrevivem em lanchas de pic-nic.

Quero a paresia das penas brancas, bolotas
aninhadas num seio de palha e movimento
afogueado pela marginalidade das estreias,
baloiçando na caspa que a areia da Basileia levanta
ao olharmos para o preto ópio, anuncia-se
um julgamento concreto, ofuscando a gota
que nos fundirá em oferecidos duetos afinados.

Queria era que um desastre anémico
despertasse todas as igrejas, aeroportos,
mesquitas, budas, sem-abrigo, embaixadas,
vigaristas, exércitos, comerciantes, terroristas,
e ditadores nenucos se conjugassem na prática do
desenvolvimento sustentável da escassez básica,
replantados num primitivismo tecnológico que
escuta toda a gente sem vigiar ou intrometer,
nem ninguém julgar vilões consoante padrões
com que só espertalhões podem automatizados
duvidar, argumentam novas retóricas paracetamol,
pois nas grutas apedrejavam-se agendas e riqueza:
caça-se, fode-se, come-se, canta-se, dorme-se
em sintonia desvairada com a bandeja de lianas
e fica para amanhã outro ícaro da coligação
à irmandade que tudo fez por si mesma
quando aprendeu a desligar a electricidade.

Francisco Gomez «Paco»

Tonia e Elisiário

Faleceu em Janeiro com 90 anos o amigo Paco, vivia num quarto do rés do chão de um prédio situado a dois passos do "Jardin des Plaintes", onde os amigos vinham com frequência visitá-lo, antes de o acompanhar a almoçar num restaurante das proximidades.

Paco nos últimos tempos, e devido à surdez de que era atacado, preferia que os amigos que o vinham ver não fossem mais de um ou dois ao mesmo tempo, e organizava as coisas para que assim fosse, numa tentativa de poder captar mais facilmente o assunto da conversa.

Todas as tentativas feitas de maneira explícita para o fazer falar dos acontecimentos aos quais esteve ligado revelaram-se infrutíferas. Paco não queria de maneira nenhuma ser transformado num «antigo combatente», preferia ser um anónimo entre os anónimos, tanto daqueles que caíram cedo, como daqueles que morreram velhos. Da gente que cruzou o seu caminho e dos acontecimentos a eles ligados só falava quando a vontade lhe chegava e sempre de forma espontânea.

Paco era um libertário, isto é, alguém que no desenrolar da sua existência foi adoptando um *corpus* de ideias a que comummente se apelida de ideias libertárias. Até uma idade bastante avançada ainda desfilava com os anarquistas da CNT e da FA. Mas antes foi outra coisa, ligado que esteve a acontecimentos que tiveram uma importância primordial nas lutas do século XX. Trata-se da Espanha de antes e durante o período da guerra civil. Dali saiu o Paco, como saíram também uma quantidade enorme de trabalhadores sem nenhuma ilusão no que se denominava então como «pátria do socialismo». As ilusões e não só, que muitos in-

telectuais de grande envergadura tardaram a abandonar, eram coisa que o simples militante de base havia há muito rejeitado em Espanha, na experiência das lutas e nas realidades do terreno, nas diferenças de agir das forças em presença e na visão dos crimes cometidos por aqueles que se reivindicavam da ideia comunista; tomada de consciência que tanto os anarquistas como os marxistas do POUM faziam rapidamente e sem nenhuma necessidade de viajar a Moscovo para constatar o que lá se passava.

Não vou aqui contar a sua vida, que desconheço em boa parte, mas dar alguns elementos recolhidos aqui e ali para situar o personagem: muito cedo órfão de pai entra, penso que por isso, num colégio muito conhecido de Madrid, o colégio de San Ildefonso, que para lá do facto de utilizar as crianças para cantar os números da lotaria tem como pretensão corrigir as desigualdades sociais. Penso, no entanto, que não seria ali, entre celebrações litúrgicas, que Paco despertou para o desejo de mudar o mundo.

A rua nessa época era melhor que qualquer escola, a formação fazia-se ao contacto com os outros e a ideia duma mudança radical possível era comum em muitas cabeças, depois tratava-se da escolha, do grupo onde situar-se, os ouvidos estavam atentos e todos os sentidos alerta. Paco começou a militar com quinze anos, primeiro em movimentos de juventude socialista (da época) e depois comunista. Em princípios de 1935, com 17 anos, acompanhado por outros elementos abandona as Juventudes Comunistas, descontentes com a linha seguida e as informações que chegavam do país de Staline. Entra logo a seguir na Izquierda Comunista, formação que poucos meses depois, juntamente com outra organização, passaria a denominar-se POUM (Partido Obrero de Unificación Marxista). Passa por essa altura uma primeira vez pela prisão devido a manifestações não autorizadas.

Não lhes vamos contar a história do POUM. Não falta literatura sobre essa organização, e mesmo um filme de Ken Loach *Land and Freedom*. A obra do GPU e outros NKVD ao serviço de Staline mais os militantes e intelectuais à sua bota, que por essas alturas desencadeiam uma avalanche de crimes e de acusações caluniosas contra esta organização que se obstinava a não entrar nos moldes e que não hesitava em denunciar os crimes de Staline. Se o POUM foi sempre conhecido como trotskista, Trotski não parecia ter por essa formação uma simpatia particular pois nunca a reconheceu.

Paco foi detido em Junho de 1937 em Barcelona por obra e graça de todos os elementos atrás citados e atirado para a prisão. Libertado em 1938 consegue pouco depois, e como muitos milhares de outros, passar para França antes da chegada das tropas franquistas.

O amigo Paco tinha pelos estalinistas um aversão visceral, e mesmo muitos anos depois, o papel exercido por certos intelectuais comunistas durante a guerra não encontrava nele uma qualquer compreensão.

Como não entender assim uma das últimas cóleras de Paco a que nos foi dado assistir, ocasionada que foi pela publicação na revista Archipiélago duma série de artigos em volta do escritor católico-comunista José Bergamin (exemplo entre outros do intelectual comunista). Paco reprovava aos seus autores terem esquecido de mencionar o facto que esse sacana fez tudo o que estava ao seu alcance nas perseguições aos membros do POUM. Como não ia o Paco ficar furioso, dou-lhes aqui um pequeno exemplo do que afirmava na época o venenoso intelectual: «… Los sucesos de mayo en Barcelona de 1937, revelaron al POUM y a sus directivos como um pequeño partido que traicionaba. Pero la discriminación de estos sucesos ha mostrado que no era tal partido, sino una organización de espionaje y colaboración con el enemigo; es decir, no una organización en convivencia con el enemigo, sino del enemigo mismo, una parte de la organización fascista internacional en España.» e um pouco mais longe: «Defender al trotskismo español, como a los trotskistas españoles procesados por delitos tales, es pasarse al enemigo; y cuando eso se hace debe tenerse la sinceridad moral de decírlo». Bergamin não era infelizmente o único.

Depois veio o exílio. A recepção pela administração francesa desses milhares e milhares de refugiados que estavam longe de serem bem-vindos e que foram internados em vários campos de concentração em condições deploráveis, no de Argelès (no caso de Paco). Depois foram as solidariedades da parte de pequenas formações políticas francesas, as tentativas infrutíferas da *gendarmerie*, tentando fazê-lo alinhar no exército. Os anos difíceis da guerra, o desaparecimento de amigos e conhecidos no turbilhão duma época ignóbil. Depois, vieram a seguir, maravilha das maravilhas, os chamados trinta gloriosos anos, que Paco não achou assim tão maravilhosos, e que nunca o fizeram mudar o fundamental. Outras militâncias e outros encontros, mas como dizia-mos, não vamos aqui contar a vida do Francisco Gomez e nem sequer enviar mensagens para o outro mundo.

Ultimamente a surdez, que nenhum aparelho conseguia suprimir, dificultava as relações, e fazia com que os diálogos não eram sintonizados com precisão, o que obrigava o seu interlocutor a utilizar até os guardanapos em papel dos restaurantes para se fazer compreender.

Um desgosto que Paco sofreu nos últimos tempos foi sem dúvida a notícia da morte de Maria Fuentetaja, a amiga livreira de Madrid, criadora das edições La Piqueta, onde reeditou muitos dos clássicos do anarquismo.

Para nós, e penso que para todos aqueles que o conheceram, a ausência do Paco é difícil de aceitar, e por vezes temos ainda a impressão que ele não está morto.

Crítica de livros

Anarquismo Urgente – de Edson Passetti Robson Achiamé edições

Tantas são as pessoas que ao ouvirem a palavra Anarquia conjecturam de imediato uma ideia falaciosamente negativa, proveniente de intrincados lugares-comuns que a sociedade de medo injectou hipodermicamente através da censura normalizante perpetuada pelos mass-media. Estes projectam nas populações a imagem adequada do que são comportamentos aceitáveis, mas sem nunca valorizar o júbilo da rebeldia, rotulando-a, sempre que possível, como desviante e maléfica.

Este livro do professor universitário e colaborador libertário Edson Passetti é uma excelente introdução ao espírito anarca para quem ainda mantém preconceitos em relação a este forma de viver a vida como uma obra de arte, trespassando diariamente, como modus operandi, as ordens sociais que nos são dadas a assimilar sem questionar.

"Anarquismo Urgente" é um apanhado de vários artigos retirados de colóquios, seminários, jornais, exposições, resenhas e alocuções afins publicadas ao longo dos recentes anos pelo autor. O que torna o livro no seu conjunto um pouco repetitivo, visto que, o lirismo revolucionário de Passetti fica retirado de contexto, roçando o redundante. No entanto, é de louvar o seu ímpeto fortíssimo que, ao ler, é contagiante e apetece mesmo erguer a cabeça e resistir e contestar as inúmeras batalhas que, às vezes, já damos por perdidas à partida – ou já nem temos paciência para insistir – devido à quantidade de situações em que a mentalidade menor da massa não tem abertura suficiente para pôr em perspectiva as radicais suposições de anarquistas de gema e, redutoramente, apenas se fecham no seu casulo de dogmas adquiridos e nem se dão à coragem de ouvir argumentos somente destrutivos com vista à sua reconstrução!

É cansativamente típico ouvir frases do género: "Anarquia? Mas viver sem um Estado, sem polícia para nos proteger, sem ninguém que nos controle os instintos animais, isso é uma loucura, começaria toda a gente a roubar e a matar-se, não faz sentido nenhum!" Após a leitura de Passetti fica mais que claro de que o Anarquismo não é, necessariamente, para ser tomado como uma próxima utopia política. Bem pelo contrário, é um estado estético para ser levado a cabo na prática em cada instância da existência; para ser atingido individualmente e para ser partilhado com quem esteja receptivo, ou precise da influência de pessoas

soltas das grilhetas tentadoras do imediatismo pluralista do neo-liberalismo. Os exemplos são essenciais para quem ainda não tenha investigado sobre estas personalidades sem medo da nossa curta história depois de Cristo, que o autor neste livro enumera, cita, reconstrói e venera. Desde os dadaístas, até indomesticáveis ícones como Malatesta, Proudhon e Stirner; desde os movimentos em centros sociais brasileiros (referindo Lia Chaia, Nise da Silveira ou Jaime Cubero), até aos conceituados filósofos das ciências sociais e humanas (como Foucault, Deleuze ou Nietzsche), entre vários outros...

Os anarquistas são contra a política, contra socialismos utópicos, contra necro-iluminismos revivalistas, não participantes por norma das lições totalitárias na inclusão pedagógica da democracia obrigatória. Os anarquistas são nómadas dionisíacos sugando os maiores e melhores prazeres da vida sem se sentirem presos às ameaças e castigos que esta sociedade (aparentemente tão tolerante das diferenças que marginaliza) nos vem inculcando desde crianças; "sempre para o nosso bem" ou "para nos protegermos de nós próprios", tudo balelas escravizadoras! Os anarquistas dão o corpo ao manifesto, sem serem panfletários, nem seguirem nenhum líder ou ordem em particular. Personificam a cultura do devir, do novo mundo e da nova mente originária, baseada no amor e no fogo primordial, inspirados pela glória da luta e pela crença na criança!

A leitura deste livro de Edson Passetti é sem dúvida saudável e inspiradora, plena de energia renovadora, contra a robotização da imaginação e pelo "rompimento definitivo com a velhacaria sindical, partidária, burocrática, moralista, universitária, consumista e estadista." Deixa um sabor na alma em busca desse "fluxo de miríades de associações livres"; deixa um uivo de esperança e união para todos aqueles que se sintam ostracizados neste jogo predatório pela melhor qualidade de morte; dá valor à arte e ao respeito superior pela individualidade de cada um, sejam considerados de loucos ou criminosos, ninguém deve ser abandonado; impõe novos métodos de lidar com os seres humanos, não através de vergastadas coercivas como nos tempos medievais do fanatismo religioso, mas através da compreensão e da aceitação; valoriza a ética como algo intrínseco que só se aprende por si mesmo e não pela obediência violenta em troca de recompensas materiais; insiste inúmeras vezes em que "é preciso deixar a sociedade uniformizadora morrer" por si só, sem colaborarmos com as ilusões de escolha e autonomia que nos oferece; vê os anarquistas como guerreiros capazes de se autogovernarem, como máquinas de guerra nunca dispostos a desistir e sempre prontos para novos desafios; e eleva a heterotopia até ao trono das palavras-chave para um futuro justo, luzidio e pacífico para todos.

"O anarquista não aprecia a retórica, é um parresiasta. Problematiza quem exerce a função de autoridade superior, seja ele o filósofo, o professor, o rei, ou o chefe da organização. Profere a crítica sem medo, sem desconhecer que corre risco. Ele é um perigo para o Estado, para o capital, para qualquer chefete. Não pretende seduzir as demais pessoas com seu discurso verdadeiro atingindo consensos e maiorias. Sabe que as maiorias não são numéricas, inventa singularidades e não quer ser organizado por ninguém. Vive no espaço das invenções, sem heróis ou santos. Está na escrita e no hipertexto; no impresso, nas imagens e nas sonoridades; dentro e fora das relações de

trabalho, numa sociedade de controlo que convoca a participar e se funda na utopia democrática. A anarquia é o fim do regime da propriedade e da propriedade do único. Mais do que dilatação de fronteiras, suas supressões. O anarquista ensaia liberdades. Ele vive os imprevistos, as incógnitas e as intensidades de suas experimentações livres."

João Meirinhos

Carnaval Global da "Anarquia"

Estamos Vencendo!
Resistência Global no Brasil.

André Ryoki e Pablo Ortellado.
São Paulo: Conrad, 2004. 146 p.

Narrativa instigante, em que o recurso fotográfico dá voz e vivifica os acontecimentos de resistência global que ganharam as ruas de São Paulo, entre os anos de 1999 e 2004. A expressão que dá título à obra tem como gênese às agitadas manifestações que sacudiram Seattle em 1999, durante o encontro de cúpula da Organização Mundial do Comércio (OMC), onde os muros da cidade ganhariam cores através de pichações que afirmavam "Estamos vencendo!".

A autoria desta explosiva descrição é assumida pelo historiador e fotógrafo pela USP, André Ryoki, assim com, Pablo Ortellado, doutor em filosofia pela USP e ativista do Centro de Mídia Independente (CMI). Sendo a referida obra, mais uma das pedras angulares que solidificam a *Coleção Baderna*, de responsabilidade da Editora Conrad. Coleção esta que abriga libelos provocativos e de insubordinação a sociedade do espetáculo, como: *A arte de viver para as novas gerações* de Raoul Vaneigem e *Guerrilha Psíquica* de Luther Blissett.

"Um outro mundo não só é possível, como já está a caminho. Num dia tranqüilo, posso até ouví-lo respirar" (Arundhati Roy), com base nesta premissa os autores lançam via este livro de páginas negras (o livro é impresso em papel preto), algumas reflexões sobre os ativistas, denominados "anticapitalistas". O nascimento desta movimentação teria suas bases na amálgama do movimento estudantil independente e autogestionário e no movimento anarquista, compondo um grupo que, instigado pelos acontecimentos de Seattle, ganharia as ruas de São Paulo, enquanto demonstrativo da "Ação Global dos Povos", rede permanente de mobilização e comunicação, a qual se instituía enquanto contraponto aos encontros de cúpula do G8, FMI, OMC e Banco Mundial.

Nesta perspectiva, a organização em rede surgia como inovação autônoma de associação, "(...) na qual as ´partes` (que podem ser indivíduos, organizações ou mesmo outras redes) se unem para perseguir objetivos específicos respeitando apenas princípios gerais acordados. Dessa forma, as redes permitem a convivência e o trabalho comum de grupos e indivíduos

bastante diferentes, que não precisam sacrificar suas posições particulares para atuarem em conjunto". (p. 17)

Segundo os autores, as movimentações "anticapitalistas" que emanaram a partir de 1999, enquanto "convergência do radicalismo político com a contracultura", esboçavam um movimento carnavalesco, de perfil lúdico e criativo, em que as táticas e estratégias passavam por "tortadas" (ato de jogar tortas) em autoridades, teatro de rua, bloqueios de avenidas e ocupações. O destaque vai para os "Democratas de Choque", grupo munido de escudos de papelão e sincronismo "militar" que ganhou as ruas de São Paulo, enquanto sátira da Tropa de Choque, e ainda da criação de um grupo de percussão para animar a coletividade, o "Batukação". Elementos estes, de expressão subversiva e bem-humorada.

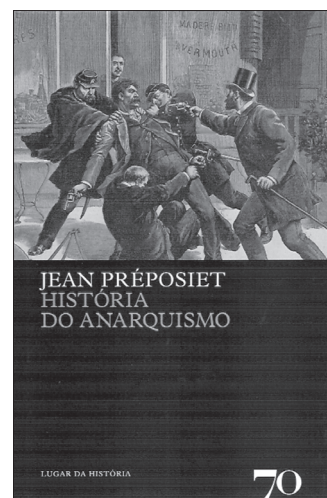
E diante das ações do Black Bloc (grupo radical de ação global), Tute Bianche (grupo de confrontação não violento), e do Levante Zapatista (grupo insurgente de Chiapas) que ganham força enquanto oposição ao neoliberalismo e ao poder capital, num cenário de projeções globais, as páginas desta obra dão vazão a reflexões pertinentes sobre alternativas revolucionárias, tais como, as municipalidades autônomas (zonas libertárias que coexistem no sistema capitalista) e a própria criação do Centro de Mídia Independente, iniciativa de produzir e vincular notícias sem o intermédio de jornalistas, através da inquietação: "Odeia a mídia? Torne-se a mídia".

Superando mais de cem fotos em preto e branco sobre as manifestações, como da repressão em terras brasileiras, com imagens bem referenciadas (referências existentes no final do livro), a obra ainda traz uma cronologia das ações globais "anticapitalistas" que marcaram o cenário mundial, contendo um anexo expressivo de panfletos e demais materiais produzidos durante as mobilizações de resistência global no Brasil, enquanto registros de uma luta que vai além de palavras jogadas ao vento, e que instigam o leitor a ganhar as ruas, no limiar deste carnaval global da "anarquia".

Cleber Rudy

História do Anarquismo

Qualquer edição em Portugal de um livro sobre anarquismo surpreende-nos. De facto, não estamos habituados a ver isto acontecer num país onde a "lei da oferta e da procura" condiciona fortemente a actividade editorial, mais preocupada em *best--sellers*, mesmo que sejam puro lixo cultural, do que livros que façam pensar. Assim sendo, saúda-se a publicação, pelas Edições 70, do livro "***História do Anarquismo***" da autoria do historiador francês Jean Préposiet.

O livro bastante exaustivo – tem cerca de 400 páginas – encontra-se dividido em cinco partes: I – Fundamentos do anarquismo; II – Nascimento e evolução do anarquismo;

III – Grandes teóricos do anarquismo; IV – À margem da anarquia e V – Violência e anarquia.

A grande referência neste género literário continua a ser o clássico "***O Anarquismo***" escrito, há umas largas dezenas de anos, por George Woodcock (1912 – 1995), anarquista nascido no Canadá, mas activo militante em Inglaterra ligado ao grupo editor de ***Freedom***. Assim sendo, não admira que a estrutura de apresentação do livro agora editado seja em tudo semelhante a este, iniciando-se com os movimentos sociais e/ou filosóficos que podem ser considerados precursores das Ideias, continuando com vários capítulos dedicados à visão do autor sobre a vida, a actividade desenvolvida e o pensamento de praticamente todos os principais pais-fundadores do anarquismo e terminando com a modernidade deste perante os problemas e desafios que se colocam na sociedade contemporânea.

Aqui reside, na minha opinião, a principal diferença para melhor, já que o livro de Gerorge Woodcock, considerando a data em que foi escrito, termina obviamente com a Revolução de 1936 – 1939 em Espanha. Préposiet analisa nesta parte final do seu livro, por exemplo, as ligações e influências do anarquismo a outras correntes de opinião alternativa, como o situacionismo, o pacifismo e o antimilitarismo, bem como as respostas que preconiza perante as questões levantadas pela ecologia e pela globalização.

Em contraponto, poder-se-á estranhar a ausência de análise a uma ou outra figura fundamental para o conhecimento e implantação do pensamento anti-autoritário, como por exemplo a figura tão importante e tantas vezes esquecida de Emma Goldman, ou alguma afirmação mais polémica do nosso ponto de vista, facilmente explicada pela não militância do autor.

Obra de leitura fundamental.

Jean Préposiet, Edições 70

Mário Rui

Os Homens do Terror

(Ensaio Sobre o Perdedor Radical)
DE HANS MAGNUS ENZENSBERGER

Com a chancela da Editora Sextante saiu um livro da autoria de HANS MAGNUS ENZENSBERGER que se debruça sobre um tema muito actual, com a recomendação explícita de que é um livro de não ficção tal o seu conteúdo que aborda a questão da violência/terrorismo perpetrado por indivíduos que se apresentam como tementes de Deus e seus fiéis seguidores.

Na contracapa, numas breves linhas, surgem dois períodos que lançam alguma luz sobre o miolo da obra e que passamos a transcrever: *«Será que há traços comuns entre o tresloucado solitário, que numa escola dispara em seu redor, e o criminoso de uma organização islamita clandestina? – A mania das grandezas e a sede de vingança, a loucura humana e o desejo de morrer constituem uma mistura altamente explosiva na procura desesperada de um bode expiatório, até que o perdedor radical se revela e se castiga a si mesmo e aos outros.»*

O tema da obra é deveras actual e rico de informações e procura dar respostas às muitas interrogações do medo e insegurança que atravessam o tecido social físico e metafísico do mundo. Logo nas suas pri-

meiras linhas, à página 9, deparamo-nos com o seguinte: *«É difícil falar do perdedor e ao mesmo tempo idiota não falar dele. Idiota porque o ganhador definitivo não pode existir e porque a cada um de nós, do muito megalómano Bonaparte até ao último dos pedintes das ruas de Calcutá, está reservado o mesmo fim. Difícil porque quem se satisfaz com esta banalidade metafísica vê isto de maneira ligeira. Pois que, desta maneira, fica de fora a dimensão verdadeiramente explosiva e política do problema.»*

Nestas poucas linhas, o autor coloca-nos perante a última das realidades. Uma realidade gritante e cortante, mas a que os humanos procuram fugir até ao último momento: a MORTE! Todos temos o nosso dia marcado mas existem aqueles para quem a morte se apresenta como a possibilidade de saírem do anonimato e, ao mesmo tempo, substituírem-se à Natureza roubando-lhe vidas porque a vida do cidadão médio é um insulto e um escarro na face de todos os outros.

No entanto, o autor desta obra, que ficará como referência, ao abordar só o que opõe crentes e não crentes, cristãos e islâmicos, reduz o problema do terrorismo àqueles que surgem nos noticiários de todas as cores e feitios, isto é, ao terrorismo sem rosto, abstracto, e passa ao lado do terrorismo concreto do Estado, que todos os dias atropela e viola o indivíduo desprovido de defesas e que, por azar, lhe cai nas garras.

Os Homens do Terror, segundo a minha interpretação, daquilo que o autor nos apresenta, surgem de uma forma incolor e permitem que o Estado desenvolva toda uma série de artifícios para zelar pela segurança dos cidadãos e, ao mesmo tempo, se perpetuarem com a vã desculpa que o desenvolvimento das forças repressivas do Estado servem para garantir a perenidade da felicidade e segurança do cidadão comum.

A análise efectuada pelo autor, que atravessa as suas quase 120 páginas, é rica de conhecimentos da psicologia e cultura que impele os indivíduos que dão corpo e rosto aos Homens do Terror, mas passa ao lado do terrorismo subtil e não menos degradante, enxovalhando não só os que o praticam mas, também, aqueles que, infantilmente, neles acreditam e, por mor dessa crença, se deixam imolar em aras ao sacrossanto e poderoso Estado.

Na p. 25 o autor interroga-se: *«Quem são, então, estes agressores prepotentes anónimos? A resposta a esta pergunta insistente exige de mais a quem está completamente isolado. Se não é ajudado por nenhum programa ideológico, a sua projecção não encontra nenhum alvo social; procura-o e encontra-o nas imediações mais próximas: no superior injusto, na esposa recalcitrante, nas crianças barulhentas, no*

vizinho zangado, no colega intriguista, na administração pública obstinada, no médico que lhe recusa o atestado, no professor que lhe dá más notas. (…)

«(…) A muito poucos é dado inventar um fantasma que sirva os seus fins. Por isso é que o perdedor confia, na maior parte dos casos, no material que anda a boiar livremente na sociedade. (…)»

No entanto, existem muitas outras questões que o autor não aborda ou se aborda é muito pela rama. Refiro-me à violência encapotada ou às claras que os representantes do dito Estado de direito utilizam para levarem a água ao seu moinho no seu dia a dia quando nega o direito à justiça ou a sofisma através dos seus muitos intermediários, como acontece com os advogados gratuitos cedidos pelo Ministério Público para a defesa daqueles que não possuem dobrões para lhes pagar; os Seguros com os seus esquemas montados para enganar os crentes na justiça com médicos pagos e outros funcionários para enganarem os incautos que lhes caem nas malhas; ou quando caçam a multa ao pobre utilizador dos transportes públicos, utilizando um sem número de artifícios e pobres fiscais, filhos e irmãos do povo, aos quais lhes puseram uma vara na mão… A existência de prisões que, em vez de existir como dissuasão do crime, antes o exalta e melhor educa para a sua prática…

Parecendo desgarrado do contexto do livro não quero deixar passar o que o autor nos diz (p. 93) para sintetizar a sua abordagem:

«… Então voltamo-nos preferencialmente mais uma vez para a questão de como é que o movimento islâmico conseguiu pôr em debandada todos os concorrentes laicos e recrutar um número crescente de perpetradores. Quanto maior a precisão com que se contempla a sua mentalidade, mais significativamente ressalta que temos de nos haver com um colectivo de perdedores radicais. Todas as características que são bem conhecidas noutros contextos repetem-se aqui: o mesmo desespero pelas próprias insuficiências, a mesma busca de bodes expiatórios, a mesma perda de sentido da realidade, a mesma sede de vingança, o mesmo delírio de masculinidade, o mesmo sentimento compensatório de superioridade, a fusão entre destruição e autodestruição, e o desejo compulsivo de, por meio da escalada do terror, se tornar senhor da vida dos outros e da própria morte.» (…)

Mais adiante (p. 99) o autor diz:

«A forma mais pura do terror islâmico é o atentado suicida. Ele exerce uma força de atracção irresistível sobre o perdedor radical; pois lhe permite expressar a sua mania das grandezas assim como o ódio a si próprio. De resto, cobardia é a última coisa pela qual pode ser censurado. (…) O seu triunfo reside no facto de que não se pode castigá-lo, porque disso se encarrega ele próprio. (…)»

Na mesma página o autor faz uma referência ao Al-Qaeda e à sua táctica de terror, mas sem se interrogar, como fazem todos os criminologistas, a quem beneficia o crime. Ora este terror impune – já tem precedentes – só beneficia o Estado e a sua paranóia de segurança. E se o Al-Qaeda não existisse? Não passasse de uma construção de mentes delirantes? E se a derrocada das Torres Gémeas não fosse mais do que obra e graça do próprio governo americano? E termino com a interrogação: «A quem beneficia o crime?».

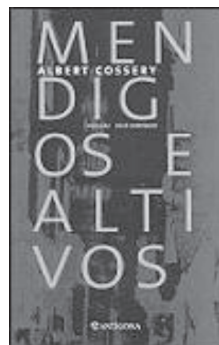
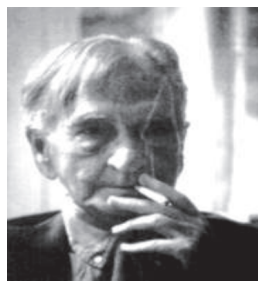
Ilídio dos Santos

Albert Cossery

Enquanto vivem, determinados seres humanos são devotados, pela maioria, ao desprezo, à indiferença, ao menosprezo por serem aqueles seres diferentes e terem a coragem de viver de forma diferenciada dessa mesma maioria. Albert Cossery foi um desses seres humanos, um dos diferentes, dos coerentes, do que manteve a sua estrutura durante toda uma vida que não foi muito curta (94 anos). Morreu há dias (no mês de Junho) e logo os *media*, sem grandes notícias para darem por não haverem guerras eminentes, resolvem, logo após a morte deste ser, tornarem a sua morte/vida em grande notícias que se espalha em todos os jornais. É preciso ter lata! Porque só o fazem por estar Cossery morto, já que se estivesse vivo continuaria o silêncio e a nada se dizer sobre este escritor. Cossery não gostaria certamente de se ver assim desnudado em páginas e páginas inteiras de jornais, em blogues, na Internet, etc. Devassam-lhe a vida em morto! São indecorosos de facto todos estes “abutres”.

Para mim, que li todos os seus livros assim que a Antígona os editou, não vou acrescentar nada sobre Albert Cossery que não tenha deixado explícito em diferentes números da UTOPIA assim que lia um dos seus livros e ali fazia a sua recensão. O que penso e sinto sobre Cossery é datado, não é de hoje. Por isso, a quem interessar que consulte a UTOPIA. Aí poderão inteirar-se da minha admiração por este escritor/ser humano, admiração que reitero não ser de hoje (porque morreu) mas de sempre, porque o li e o conheci através da leitura dos seus livros. Não irei, pois, deixar aqui mais uma das muitas mensagens “abutre” (porque póstumas) que têm, nestes últimos dias, proliferado sobre o grande homem que foi Cossery e sobre a sua obra ímpar que muito me surpreendeu e cativou ao longo dos últimos anos.

Vou calar-me e pedir que se calem todos com as vulgaridades escritas sobre Cossery. Pedir que o deixem em paz nesta sua sesta eterna e libertadora, requisitos que, em vida, sempre exigiu e praticou. Não mexeriquem sobre quem não conhecem e que não será pelo facto de ter morrido e de terem descoberto algumas coisinhas sobre ele que passarão a conhecer. Quanta presunção e hipocrisia! Queriam conhecê-lo? Tentassem em vida! Calem-se, leiam e interiorizem a coerência do seu estar, do seu viver, da vida que viveu. Os ditos e mexericos que agora (após a sua morte) o autor suscita em tantos jornalistas, numa tentativa vã de branquearem a indiferença a que o votaram em vida, nada acrescentarão ao desconhecimento que dele tinham.

Vou também calar-me porque a reflexão, o ócio inteligente e a liberdade não são acessíveis a qualquer ser humano. Só a alguns seres excepcionais. Cossery, terá sido sem dúvida um deles. Deixarei algumas imagens do autor e capas dos seus livros.

Da “leitora incondicional” dos seus livros
Guadalupe Subtil

Últimas Publicações Recebidas

A
Rivista anarchica mensile (335), anno 38, n. 4, Maggio 2008
Contacto: Editrice A, C.P. 17120, 20170 Milano, Italia; E-mail: arivista@tin.it; Site: www.arivista.org

Al margen
Publicación de Debate Libertario, Año XVI, nº 64, Invierno 2007
Contacto: Ateneo Libertario Al Margen, C/ Palma 3, 46003 Valencia, España; E-mail: correo@ateneoalmargen.org; Site: www.ateneoalmargen.org

Courant alternatif
Mensuel édité par l'Organisation Communiste Libertaire, nº 179, avril 2008
Contacto: OCL c/o Egregore, B.P. 1213, 51058 Reims cedex, France; E-mail: oclibertaire@hotmail.com; Site: http://oclibertaire.free.fr/

El Libertario
Vócero ácrata de ideas y propuestas de acción
Año 12, nº 52, Febrero-Marzo 2008
Contacto: Raul F., Apartado Postal 128, Carmelitas, Caracas D.F., Venezuela; E-mail: ellibertario@hotmail.com; Site: www.nodo50.org/ellibertario

Etcetera
Correspondencia de la guerra social, nº 43, Marzo 2008
Contacto: Apartado 1363, 08080 Barcelona, España

Húmus
Revista Anarquista, nº 4, Dezembro 2007
Contacto: Centro de Cultura Libertária, Rua Cândido dos Reis, 121 – 1º Dto., Largo dos Bombeiros, Cacilhas; E-mail: ateneu2000@yahoo.com; Blog: http://culturalibertaria.blogspot.com

Le Monde Libertaire
Hebdomadaire de la Fédération Anarchiste, nº 1517, du 22 au 28 mai 2008
Contacto: Le Monde Libertaire, 145, Rue Amelot, 75011 Paris, France; Telef. 33.1.48053408

Polémica
Informatión – Crítica – Pensamiento, Año XXVIII, nº 92, Febrero 2008
Contacto: Apartado de correos 21.005, 08080 Barcelona, España; E-mail: polemica@polemica.org; Site: http://www.polemica.org

Política Operária
Nº 114, Março / Abril 2008,
Contacto: Ap. 1682, 1016-001 Lisboa, Portugal; E-mail: dinopress@mail.telepac.pt; Site: www.politicaoperaria.net

Umanità Nova
Settimanale Anarchico, anno 88, n. 19, 25 maggio 2008

Contacto: Umanità Nova, c/o Federazione Anarchica Torinese, C.so Palermo 46, 10152 Torino, Italia; E-mail: fat@inrete.it

Una Città
Mensile di interviste, n. 155, Aprile 2008
Contacto: Una Città, Via Duca Valentino 11, 47100 Forlì, Italia; E-mail: unacitta@unacitta.it; Site: www.unacitta.it

Outros documentos e livros recebidos

Bollettino Archivio G. Pinelli
Boletim do Centro de Studi Libertari Giuseppe Pinelli, nº 30
Contacto: C.P. 17005, 20170 Milano, Italia; E-mail: info@archiviopinelli.it; Web site: www.archiviopinelli.it

El cántico de la ternura en Santiago de Santiago
Pietro Ferrua, Portland, Oregon: House of Albi, 2007

Los cazadores de estrellas
Claudio Albertani, Ed. Etcetera, nº 56, Barcelona, Enero 2008

Del nuevo mundo y otros escritos
Pierre Mabille, Ed. Etcetera, nº 57, Barcelona, Enero 2008

O Inimigo do Rei – imprimindo utopias anarquistas
Organizadores: Carlos Baqueiro e Eliene Nunes, Edções Achiamé, Rio de Janeiro
Contacto: letralivre@gbl.com.br

MarcelDuchamp, 1923

PRINCÍPIOS EDITORIAIS

UTOPIA define-se como revista anarquista de cultura e intervenção, o que significa a reivindicação do património histórico das ideias libertárias e do movimento anarquista, ainda que à luz de um pensamento próprio, activo e actual, e no respeito face a outras interpretações desse património.

Ao definir-se como de cultura e intervenção, UTOPIA pretende-se como um espaço de tolerância, diálogo e criação, procurando contribuir para o aperfeiçoamento dos homens e para o alargamento das suas possibilidades de expressão e de invenção.

Ao definir-se como de intervenção, UTOPIA pretende-se como um espaço de análise e debate dos fenómenos sociais e políticos das sociedades contemporâneas, procurando contribuir para a emancipação e a liberdade dos indivíduos e dos grupos sujeitos a quaisquer situações de opressão, repressão e intolerância, assim como procurará opor-se aos sistemas e mecanismos conducentes a manter situações de constrangimento e desvantagem social e económica de indivíduos e grupos em relação a outros, e ao Estado, entendido como um poder a que todos os homens devem obedecer mesmo que em desacordo com ele. Nesta intervenção, UTOPIA será a expressão de lucidez e de revolta, assumindo plenamente o carácter utópico das tarefas a que se propõe.

UTOPIA guiará a sua acção por uma ética de honestidade, frontalidade, solidariedade e tolerância, que se procura expressar nestes princípios editoriais e que levará à prática em cada edição e em quaisquer actividades que venha a desenvolver.

As colaborações não solicitadas são desejadas, embora sujeitas à apreciação do colectivo editorial. Qualquer colaboração não publicada será devolvida ao autor, com a justificação dessa decisão.

O colectivo editorial compromete-se a abrir rubricas de debate quando tal for considerado enriquecedor e esclarecedor para os leitores e para os princípios aqui defendidos, sendo os autores previamente informados dessa intenção.

A indicação de um proprietário e de um director da revista deve-se a exigências legais, sendo desejada a rotatividade da direcção entre todos os que fazem UTOPIA.

A responsabilidade dos textos assinados é dos seus autores e a responsabilidade pelo projecto é de todo o colectivo editorial.